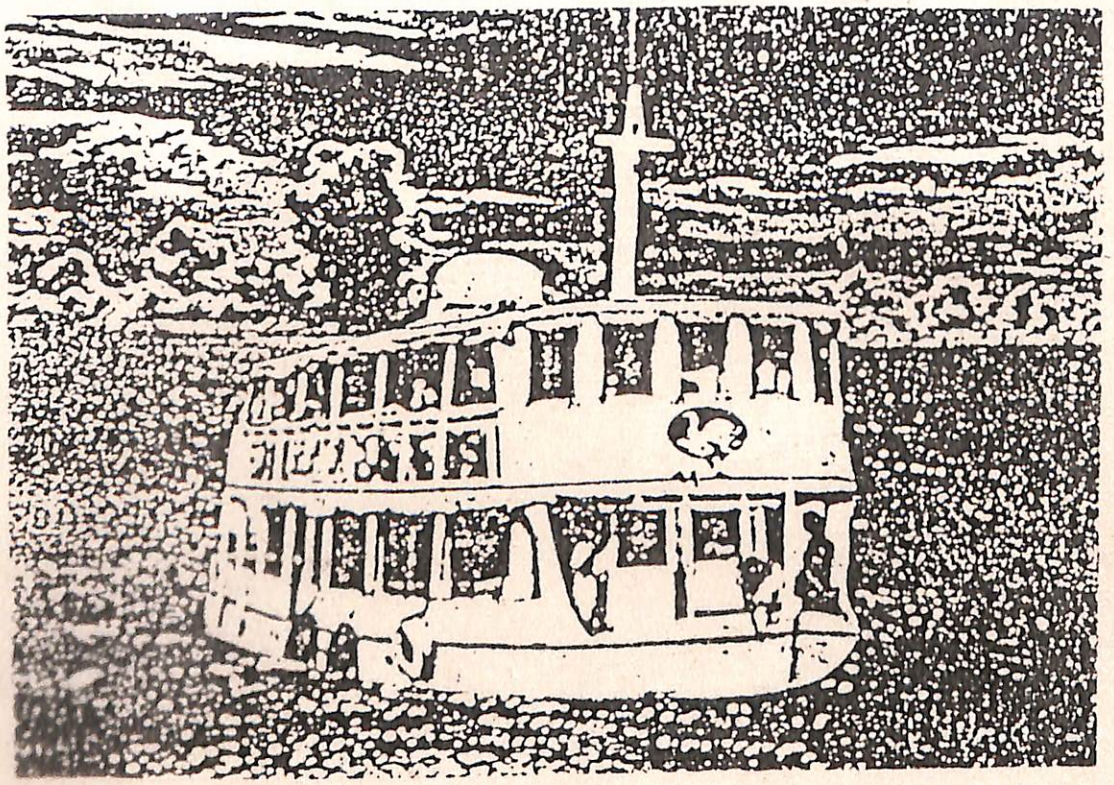
GERALDO SANTOS PEREIRA



# O VÔO DA FLECHA

Romance

Rio de Janeiro
1990

ROTEIRO COM CORREÇÕES
CÓPIA 1/2

Para meus pais;
para Marcelo, Laísa e
Laura, meus filhos;
para Elzinha, minha mulher;
para meus irmãos;
para Osvaldo Alves, Mário Assis,
Carlos Augusto e Humberto, meus
amigos.

Nascido em Visconde do Rio Branco, Minas Gerais, Geraldo Santos Pereira formou-se em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais, exerceu o jornalismo em Belo Horizonte e publicou contos, poemas e ensaios em suplementos literários da capital mineira, do Rio e São Paulo.

Fez parte da delegação mineira ao I Congresso Brasileiro de Escritores. fundou, com amigos, o Clube de Cinema de Minas Gerais e a Sociedade "Claude Debussy", inaugurada com visita de Villa-Lobos.

Com bolsa de estudo do Governo francês, cursou em Paris o "Institut des Hautes Études Cinématographiques", seção Realização-Produção, e Literatura Contemporânea, na Sorbonne.

Retornando ao Brasil, em 1951, foi residir em São Paulo, onde trabalhou na Companhia Cinematográfica Vera Cruz e, como redator, na *Folha da Noite*.

Em 1956, com a eleição de Juscelino Kubitschek, veio residir no Rio, exercendo funções no Ministério da Educação e Cultura, realizando filmes documentários e intensa atividade literária e jornalística.

Dirigiu, com seu irmão Renato, o primeiro filme inteiramente a cores realizado no Brasil, *Rebelião em Vila Rica*, de 1957, que recebeu Menção Honrosa no Festival Mundial do Filme, de Bruxelas.

Em 1965, também com Renato, realizou a versão cinematográfica de *Grande Sertão: Veredas*. Em 1970, agora individualmente, escreveu o roteiro e dirigiu *Balada dos Infiéis;* em 1976, a versão do romance de Bernardo Guimarães, *O Seminarista* e, finalmente, em 1978, *O Sol dos Amantes*.

Em 1973 publicou, pela Borsoi, o livro *Plano Geral do Cinema Brasileiro* e, em 1980, a novela *O Sol dos Amantes*, editada pela José Olympio, em convênio com a Embrafilme.

Conquistou em 1959 o Prêmio de Poesia do Concurso "Saint-Exupéry", organizado pelo jornal *O Globo* e, em 1976, foi um dos seis vencedores do concurso de roteiros cinematográficos, patrocinado pelo Instituto Nacional do Cinema e Embrafilme.

Em 1978, Geraldo Santos Pereira recebeu a Medalha do Aleijadinho, outorgada pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto.

Trabalha, no momento, no roteiro e preparação de novo longa metragem, *Ciranda Barroca*, com locações em Diamantina, Serro, São João del Rei, Mariana e Ouro Preto.


No Rio

Rua 5 de Julho, 63 apto. 703
CEP 22.051 - Copacabana
Tel. 257-2804

Em Petrópolis

Condomínio "Chácaras da Lagoa"
Área 35 - Tel. (0242) 28-1162
Secretário


"Quem guia nos ares
A frecha implumada,
Ferindo uma preza,
Com tanta certeza,
Na altura arrojada
Onde eu a mandar?
- Guerreiros, ouví-me,
- Ouvi meu cantar".

Gonçalves Dias

("O Canto do Guerreiro")

# O VÔO DA FLECHA

# O Crime sem Pena

Num apartamento de Manhattan, noite alta, o peruano Carlos Lopez Aguirre, 38 anos de idade, o rosto duro e viril, tinha nos braços uma jovem mexicana, Marisa Montero.

Amavam-se com gana e gula, entregues ao ritual erótico da posse carnal.

Corpos nus e entrelaçados, rostos ofegantes, mãos em carícias ardentes, bocas devorando-se mutuamente, mantinham o mundo, a vida e o prazer confinados naquele leito amarfanhado.

No instante em que chegavam ao orgasmo, perseguido com sofreguidão, soou forte a campainha do telefone.

Tentaram desconhecê-la, mas o aparelho continuou a soar, com implacável persistência.

Aguirre, muito irritado, afastou-se da moça, que ainda tentava retê-lo, suplicante:

- Não, não! Não atenda, Carlos !...

- Essa não! Porra, logo agora?! - exclamou o peruano, indo atender, enquanto a mexicana, insatisfeita, voltou-se para o outro lado da cama.

Antes de atender, Lopez Aguirre acrescentou, chateadíssimo:

- Se for o Michael, juro que mato aquele cretino!

Colocou o fone no ouvido e respondeu, mal-humorado:

- Alô! Estou escutando! Quem fala?!

Lançou um olhar solidário à mulher, e disse, quando ouviu a telefonista internacional:

- Ligação de Lima?... Sim, é claro, telefonista! Pode completar!

Esperou alguns segundos. Depois, concentrando no aparelho uma grande atenção, iniciou o diálogo à longa distância:

- Alô, Carvajal? Como vai? Sim, tudo bem, isto é, quase tudo bem... Como vão as coisas por aí? Alguma novidade?

Ficou escutando, em silêncio, o semblante passando sucessivamente do aborrecimento ao espanto, e deste ao rancor. E explodiu:

- O quê?! Dedurou?! Tem certeza?!

Carvajal, do hemisfério sul, confirmou a notícia e houve entre os dois um instante de silêncio, como se pusessem em ordem as idéias tumultuadas.

Depois Aguirre estourou, assustando Mariza, que o encarava atentamente:

- Que filho da puta! Cachorro de dedo duro! Olha, Carvajal, aguenta a barra que embarco para aí, pra resolvermos este assunto! Guarde sigilo! Mais tarde informo o horário do vôo, e você me espera no aeroporto. O.K.?

Desligou e ficou calado, por algum tempo, meditando com raiva.

Mariza então perguntou, observando a fisionomia transtornada do companheiro:

- O que aconteceu, Carlos?...

- Assunto de trabalho, Marisa! Coisa séria, inesperada! Vou ao Peru!

O rosto da mexicana abriu-se num sorriso feliz, quase infantil. E quis saber, sentando-se no leito:

- Vou com você, Carlos?... Seria maravilhoso!

Lopez Aguirre aproximou-se da amante, afagou-lhe os cabelos negros e respondeu, tenso, muito afetado pelo que ouvira ao telefone:

- Não, Mariza, você não pode, e nem deve ir comigo! É uma viagem arriscada, não quero que você se exponha!

Quase ao anoitecer, num dia quente e abafado, Lopez Aguirre chegou à capital peruana. Carvajal, amigo e sócio em vários negócios escusos, foi esperá-lo no aeroporto. Pouco depois, no automóvel, que seguia velozmente por uma auto-estrada, detalhou os acontecimentos:

- O Miguel deu o "serviço" completo: nomes, endereços, datas, conexões, destinatários, tudo! Fiquei sabendo que foi comprado pelo Garcia por 50 mil dólares!

Calou-se por alguns instantes, deixando Aguirre refletir, o olhar duro, fincado na estrada.

Depois indagou:

- O grupo de Paris foi envolvido?

- Foi. A Interpol, alertada, está fazendo prisões!

- E o Miguel?! Onde está aquele filho da puta?!

- Estamos indo para lá, Carlos!

E, de fato, temendo a represália inevitável, Fernando Miguel de Castillos, que os traíra, juntava nervosamente em casa pertences, dinheiro e documentos.

Muito religioso, em todos os cômodos da casa, situada no subúrbio de Yocucho, viam-se imagens de santos, genuflexórios, retratos do Papa, bênçãos apostólicas, que ele também recolhia em malas e sacolas.

Na ampla sala, estendido no tapete, um cão basset dormitava. De repente, farejando algo estranho, ergueu a cabeça e perscrutou a porta de entrada, rosnando ameaçadoramente.

E, na verdade, antecedida pelo faro do animal, alguma coisa inesperada aconteceu: a porta de entrada foi violentamente arrombada, e Aguirre e Carvajal irromperam sala adentro, armas em riste.

Conhecedores da casa, perceberam de relance que Miguel se preparava para fugir.

Carvajal precipitou-se para a parte externa, contornando a casa, enquanto Aguirre, perseguido pelo cachorro, correu ao quarto.

Naquele cômodo, Castillos efetivamente tentava escapulir pela janela. Mas Aguirre apontou-lhe a arma e gritou:

- Pare por aí, Miguel, senão leva um tiro!

Carvajal, por sua vez, chegara pela parte externa à janela do quarto, bloqueando a saída do delator.

Conduzido, sob a mira das armas, ao salão de estar, Miguel proclamava inocência:

- Não fui eu, Carlos, juro que não fui eu! Foi...

Antes que completasse a frase, Aguirre, de um salto, aplicou-lhe violenta bofetada no rosto, esbravejando:

- Cala a boca imunda, canalha!

Vendo que o basset ia mordê-lo, Aguirre, com um tiro certeiro, prostrou-o no tapete.

- Olha aqui, Miguel: você que é tão carola, não há de querer ir desta para pior em estado de pecado! Ajoelhe-se, dedo-duro, e faça sua última oração!

O traidor, trêmulo, obedeceu: transpirando muito, puxou do bolso

um terço, ajoelhou-se e começou a rezar.

Os dois peruanos, frios e pacientes, esperaram.

Pouco depois, no entanto, alternadamente, começaram a atirar no companheiro que os traíra. E assim, um de cada vez, descarregaram nele toda a carga do tambor.

Semanas mais tarde, os jornais de Lima noticiaram outro crime violento, ocorrido à noite, no porto da capital peruana.

Naquele lugar, em recanto pouco iluminado, dois homens atracaram-se em briga feroz.

Um dos contendores, Zimaco, mestiço forte, com um resto repulsivo de orelha, decepada em briga de navalha, vestia uniforme de portuário. O outro, de terno e gravata, exercia alto cargo na administração do porto. Franzino, desajeitado, o funcionário levava nítida desvantagem na briga, e seu rosto sangrava sob os golpes do mestiço.

Em certo ponto, incapaz de manter-se em pé, o funcionário cambaleou e, sob o impacto de outro murro, foi ao chão.

Zimaco, então, com gesto rápido, retirou do bolso uma navalha e vibrou um primeiro golpe, atingindo-o no pescoço.

O infeliz, horrorizado, tentou estancar o sangue com a mão, suplicando, desesperado:

- Pelo amor de Deus, Zimaco!... Não faça isto! Não me mate, homem! Vou anular sua dispensa, dar um aumento para você! Juro, Zimaco, te dou um bom aumento!

Mas o portuário, enfurecido, não se comoveu com as súplicas e promessas do contendor: vibrou-lhe um segundo, um terceiro, um quarto golpe de navalha, rasgando-lhe o corpo e dizendo, com voz raivosa:

- Índio miserável, não é, "seu" Ortega?! Índio de merda, não é, "seu" Ortega?!...

Deu um quinto e derradeiro golpe, quase lhe decepando a cabeça.

Em seguida, limpando a navalha no paletó da vítima, levantou-se, guardou a arma no bolso e afastou-se do porto.

Outro crime, também noticiado com destaque pela imprensa peruana, ocorreu na selva amazônica, em local não muito distante de Iquitos, envolvendo dois seringueiros que trabalhavam na extração do látex em fazenda de milhares de hectares.

Naquela propriedade de um grupo peruano, associado a [illegible]-americanos da Flórida, um boliviano, Juan Diaz, também de origem indígena, colocou, em dia de grande calor, o cuité no tronco e deu com o machadinho três golpes oblíquos no córtex da hévea, encravando abaixo das cesuras as tigelinhas de flandres, que, aos poucos, se encheram de goma elástica.

O seringueiro, como de hábito nos seringais, trazia na testa uma pequena lanterna, chamada de poronga. Trabalhava em difíceis condições de vida e alimentação, subindo e descendo nos caules, cortando dezenas de troncos para tirar três ou quatro galões de látex.

Tão penoso e inglório era o ofício de seringueiro que Euclides da Cunha escreveu, analisando a anomalia do homem que trabalhava para se escravizar:

"Dostoievsky sombrearia suas páginas mais lúgubres com esta tortura: a do homem constrangido a calcar durante a vida inteira a mesma estrada, de que ele é o único transeunte, trilha obscurecida, estreitíssima e circulante, que o leva, intermitentemente e desesperadamente, ao mesmo ponto de partida".

Naquele dia, a revolta de Juan Diaz não se voltava contra os patrões, aqueles ricaços do Peru e dos Estados Unidos que, em seus palácios, amealhavam o produto de seu trabalho de miséria. Sua atenção, na verdade, concentrava-se num companheiro de trabalho, ocupado na preparação da pela e na defumação da borracha.

Juan Diaz seguia-lhe os passos, com um rancor perigoso e secreto, alheio aos meandros da selva, ao canto dos pássaros, ao pisar macio dos animais.

Via o companheiro entrar e sair dos tapiris, nas choças de palha onde o látex era trabalhado sob a fumaça da maçaranduba, do acapu ou de sementes de palmeiras.

Quando soou a sirena, aviso do final da jornada de trabalho, ficaram na clareira apenas Juan Diaz e o outro seringueiro, que recolhia os instrumentos e as pelas.

Começava a anoitecer quando Juan Diaz apanhou um porrete, escondeu-o numa sacola e, sorrateiramente, aproximou-se do colega, ocupado com os preparativos para voltar ao acampamento e à rede acolhedora.

Quando o seringueiro se voltou, assustado, na direção de Juan Diaz, recebeu violento golpe na cabeça, tombando no chão.

Juan Diaz, calmamente, ergueu o corpo do companheiro, amarrou-o com cordas no tronco de uma grande árvore do caucho.

Em seguida, com extrema frieza, retirou do saco de lona uma banana de dinamite, que roubara de um depósito, acendeu um fósforo e, com ele, o pavio do explosivo, que depositou ao pé da seringueira.

Guardou, então, os pertences, afastou-se do local, embrenhando-se na mata.

Nem chegou a interromper a caminhada quando, pouco adiante, ouviu o forte estampido da explosão. O que fez, na verdade, com brilho perverso nos olhos, foi apressar os passos e, num canto da floresta, voltar-se para a clareira e observar o incêndio que a explosão provocara.

Soube-se, mais tarde, pela imprensa, que o motivo do crime brutal fora uma pequena dívida em dinheiro que a vítima recusava pagar, o que levou Juan Diaz ao assassinato impiedoso.

Numa casa noturna de Lima, apinhada de turistas, Miguel Viana, um brasileiro residente na capital do Peru, integrava o conjunto musical que animava as danças do night-club.

O brasileiro, de apenas 27 anos de idade, empunhava, naquela noite, nervosamente, o violão, instrumento de que era exímio executante.

O motivo que o atormentava era, aparentemente, banal: sua amante, Helena, uma bela colombiana, contratada como taxi-girl, dançava provocantemente com um turista alemão, já meio embriagado, com quem ela vinha bebendo há algum tempo.

O comportamento de Helena afligia particularmente o músico brasi-

leiro, cujo olhar perseguia a dançarina com rancor e ciúme.

A certa altura, quase sufocada nos braços do turista, Helena pousou os olhos, com um sorriso malicioso, no brasileiro que, do tablado, a fitava com expressão sombria. Mas o olhar feroz do violonista não a intimidou, e Helena dedicou-se com mais ardor ao parceiro, com o qual, pouco depois, voltou à mesa, abraçada.

Isto levou Miguel Viana à exasperação. De tal forma que sua mão, trêmula e nervosa, arrebentou uma corda do violão. Habilmente, contudo, retirou-a da cravelha, guardou-a no bolso e continuou a tocar.

Horas mais tarde, de madrugada, Viana foi esperar a bailarina numa pequena rua próxima ao prédio onde os dois residiam.

Helena chegou de táxi e, antes de descer, recebeu uma nota de cem dólares do alemão, beijou-o na boca, agradecida, abriu a porta e saiu.

Antes de entrar, entretanto, seus passos foram obstados por Miguel que, com violência, vedou-lhe a boca e arrastou-a para um ponto penumbroso da rua. Ali, abafando-lhe os gritos, retirou do bolso a corda arrebentada e, rapidamente, enrolou-a no pescoço da infeliz. Depois, friamente, calado, começou a estrangulá-la.

Helena, desesperada, tentou livrar-se da fúria homicida do amante brasileiro, mas o rapaz, com força redobrada, matou-a em pouco tempo.

Quando constatou que estava morta, o músico estendeu o corpo na calçada e, sem retirar a corda de aço, detalhe essencial que, mais tarde, o incriminaria, afastou-se pela rua deserta.

Semanas depois, outro crime sangrento agitou a crônica policial da capital peruana.

O novo assassinato ocorreu num subúrbio de Lima, no interior de uma oficina mecânica, envolvendo o mecânico Aldo Ridruejo, peruano de 35 anos presumíveis, estatura mediana, o rosto precocemente envelhecido, os cabelos ralos e grisalhos, portador de um defeito na perna esquerda que o fazia mancar, e seu patrão, Ricardo Menendez, que o despedira, acusando-o de incompetente e desonesto.

No dia do crime, Ridruejo desceu a porta de aço da oficina, cami-

nhou lentamente entre carros em reparo, máquinas e petrechos de trabalho, macacos, pneus, manivelas, chaves de fenda, material elétrico e autopeças.

Abriu a porta de um carro e ligou o rádio, levando o volume ao ponto máximo.

Em seguida, sem pressa, claudicando, o rosto enigmático, passou diante do dono da oficina, amarrado fortemente numa cadeira, e que lhe seguia os passos muito espantado.

Ridruejo, alheio à perplexidade do patrão, encaminhou-se para o balcão de trabalho, no fundo da oficina, apanhou um maçarico de soldar, e retornou ao local onde Menendez se encontrava preso.

E ali, frio, impassível, ligou o aparelho numa tomada, acendeu a chama e esperou pacientemente que alcançasse a intensidade máxima.

Depois aproximou-se do dono da oficina, revelando-lhe, então, sua terrível intenção.

Menendez, consciente, afinal, do propósito homicida do empregado, entrou em pânico, perguntando com voz trêmula:

- O que é isto, homem?! Ficou louco?!

O mecânico nada respondeu. Aumentou a chama do maçarico, aproximou-o do rosto do desgraçado que, àquela altura, gritava desesperado:

- Não faça isto, Ridruejo! Pelo amor de Deus! Tenho mulher e filhos, você sabe! Não faça isto, rapaz! É uma barbaridade!

Ridruejo, contudo, desconhecendo as súplicas do patrão, aumentou a chama do maçarico e começou a queimar-lhe os cabelos. Menendez gritou com mais força, misturando a voz com o coro frenético de um grupo de rock, provindo do rádio.

- Não me mate, Ridruejo! Não faça esta crueldade comigo! Não te mando embora, Ridruejo, juro que te faço sócio da oficina!...

O mecânico, insensível ao desespero do infeliz, desceu a chama quentíssima do maçarico, queimou-lhe a fronte, os olhos, o nariz, a boca, transformando-os em carne negra e pastosa.

Dominado por um ódio surdo, Ricardo Menendez quis gritar, mas de sua boca desfigurada sairam palavras roufenhas, quase incompreensíveis:

- Filho da puta! Cachorro, aleijado miserável!

Ridruejo, para impedi-lo de articular o resto da frase, abaixou a chama, queimou-lhe o pescoço e o peito. Mesmo assim o desgraçado continuou a emitir sons grotescos e desconexos, até morrer.

Levados a julgamento, Carlos Lopez Aguirre, Julio Carvajal, Antonio Zimaco, Juan Diaz, Miguel Viana e Aldo Ridruejo foram condenados à prisão perpétua e, em datas diferentes, conduzidos à Penitenciária de La Concepción, na cidade de Iquitos, capital do Departamento de Loreto, na região amazônica do Peru.

## A Pena do Crime

Iquitos, capital e principal cidade do Departamento de Loreto, é o ponto inicial, ou final, de acordo com o ponto de vista dos peruanos, ou dos brasileiros, da navegação regular do rio Amazonas.

O grande rio, que é denominado de Marañon, no Peru, e de Solimões, ao penetrar no Brasil e, milhares de quilômetros rio-abaixo, de Amazonas, quando o Solimões mistura-se com o rio Negro, foi chamado de Guieni, ou Uieni, pelos índios aruaques, e de Parauaçu, pelos tupis.

A região de Iquitos situa-se na planície que os peruanos chamam de La Montaña, vocábulo que, na língua dos primeiros colonos espanhóis, era sinônimo de região florestal.

A depressão amazônica no Peru é banhada pelos rios Marañon, Ucayali e Hualaga, em cujas margens, como de resto, em todo vale amazônico, habitam milhares de índios dedicados à caça, pesca, plantio e colheita, além de uma indústria rudimentar de tecelagem e artesanal.

Essa população aborígene, cuja origem foi estudada, de forma definitiva, por Paul Rivet, procede de três grandes troncos indígenas da América do Sul pré-colombiana: os Yuncas, os Quíchuas (estes concentrados no Norte do Peru e Equador) e, finalmente, os Aimarás.

A tribo dos Incas, de estirpe Aimará, estabelecida no vale do Huilcamaio, dali se irradiou por todo o país e os Andes, dominando os povos de línguas diferentes. Asseguram os historiadores que o advento dos grandes reis Incas ocorreu em meados do século XIII.

Essa nação admirável organizou, sem nenhuma dúvida, o sistema político mais adiantado de todos os troncos íncolas americanos, incluindo os Maias e Aztecas.

Sua religião era politeísta e sua inteligência e habilidade extraordinárias levaram-nos a erguer nas alturas dos Andes uma arquitetura de grande inventiva e monumentalidade, como fortalezas, templos, palácios e sepulcros, estradas e canais de irrigação. Além disso, os Incas eram dotados de notável sensibilidade para a música e a poesia.

O vocábulo Inca proveio do nome que se dava aos sacerdotes quíchuas,

posteriormente designativo do povo que se estendeu do litoral, os Llanos, até as altiplanuras, Sierra, dos Andes peruanos, Bolívia e as vertentes da Argentina e do Chile, de um lado, e a região amazônica, de outro.

Antes dos Incas, outros povos habitaram o Peru, sabendo-se que naquele país existem vestígios da presença humana 10.000 anos atrás.

Informam os historiadores que, da organização dos primeiros caçadores, coletores e pescadores, formaram-se as bases das futuras culturas, como a de Chavín, a partir do ano 1.200 antes de Cristo, ou a de Paracas, ao sul de Lima, famosa pela confecção de mantos e tapetes.

Posteriormente, nos séculos III e IV, destacou-se, na região Norte, a cultura Mochica, de que resultaram apreciáveis trabalhos de ourivesaria e cerâmica.

Com a queda do império incáico e a sangrenta ocupação espanhola, empreendida por Pizarro, no século XVI, grande parte da população indígena refugiou-se nas matas amazônicas, "verdadeiro éden, cortado por rios e coberto de florestas", como escreveu Varnhagen, "e que tornavam a vida fácil e prazerosa para índios arredios, de agricultura ainda rudimentar, e que quase só se sustentavam dos recursos da caça e da pesca".

"Dada a facilidade das comunicações,por meio de uma incomparável rede fluvial, que abria caminhos e encurtava distâncias - prossegue Varnhagen -, todas essas tribos, mesmo as mais afastadas, viviam em permanente contato".

"Eram tão numerosos os índios da Amazônia - disse Bento de Acosta - que, se um dardo caísse do ar, iria bater na cabeça de um deles, e não cairia ao solo".

Acuña estimou em 150 as nações indígenas espalhadas pela Amazônia. Já Markhma avaliou em 700 as tribos do grande vale, enquanto Mariano Rivero orçou em 280 os diferentes idiomas da região. Só para o Estado do Amazonas, Lourenço da Silva citou 243 tribos, cifra, na verdade, exígua, se nos lembrarmos dos 78 enumerados por Alexandre Rodrigues Ferreira para o rio Negro e as 30 que Alfred Wallace mencionou para o Uaupés,afluente daquele.

Da mesma forma que Manaus, capital do Estado do Amazonas, Iquitos guarda vestígios do esplendor da época áurea da borracha e, como moldura de grande força telúrica, está confinada entre o rio e a floresta.

Distando 1.859 quilômetros de Lima, o acesso a Iquitos faz-se por avião e por via fluvial. Seus principais atrativos turísticos são a Casa de Ferro de Gustave Eifell; o Museu Municipal, que expõe o artesanato das tribos da região e, principalmente, o Lago de Moronacocha, com sua paisagem impressionante; a vila de Quitococha, a 15 quilômetros da cidade e, mais distante, a cidade de Pucallpa, à beira do rio Ucayali, afluente do Marañon, que apresenta, como maior atração, o Lago de Yarihacocha, com suas águas azuis, cercadas pela mata tropical.

No entanto, de todas essas atrações de Iquitos, a que lhe deu mais notoriedade, uma sinistra notoriedade em todo o continente sul-americano, foi a Penitenciária de La Concepción, erguida no vértice da colina de San Sebastian, local de onde se descortina a cidade, o rio e a selva.

Não foi, contudo, a beleza paisagística, ou arquitetônica, que deu fama ao presídio, mas a violência repressiva de seus métodos carcerários e a sinistra população que abrigava, formada de criminosos da mais alta periculosidade, condenados à prisão perpétua.

Tão notória e deprimente era essa fama que o próprio nome da prisão, La Concepción, foi trocado por La Bestia, assim chamado no país e no exterior.

Bestial e desumano, na verdade, sempre foi o tratamento aplicado aos sentenciados, como, entre centenas de outros, Carlos Lopez Aguirre, Carvajal, Zimaco, Juan Diaz, Miguel Viana e Aldo Ridruejo, que o acaso reunira numa mesma e infecta cela do Pavilhão 2.

Ali cumpriam pena perpétua, contra a qual, naturalmente, se revoltavam, sonhando com uma fuga praticamente impossível.

E era à noite, inevitavelmente, que aquela triste humanidade, fechada em cubículos sujos e fétidos, libertava sua imaginação viciosa, e até sonhava, quando o sono lhe fechava as pálpebras pesadas.

Lopez Aguirre, por exemplo, recordava Mariza Montero, possuindo-a com força nos braços, sentindo a ereção torturante dos reclusos. Além do sono erótico, o inconsciente criminoso enchia-se de rancor, numa excitação opressiva.

Dormindo, na cela promíscua, Aguirre recordava o próprio e dissoluto passado: o pai alcoólatra, a mãe que o traía, discretamente no iní-

cio e, depois, acintosamente, com qualquer um que se dispusesse a possuir aquele corpo fanado.

Como num caleidoscópio destorcido, de cores e sons esmaecidos na imaginação perdulária, invadiam a memória do traficante, punido com a pena máxima, frases dispersas do julgamento conjunto com Carvajal. E a voz do promotor, com sua corpulência adiposa, exibindo um ardor justiceiro que tonitroava pela sala de júri, investia contra o contraventor e assassino:

- "Este - acusava o promotor, apontando na direção de Aguirre -, é a "ovelha louca" - o gênio - que, pela força do exemplo, constrange as demais a segui-la", segundo a arguta expressão de Gabriel Tarde. Ou "o assassino requintado, que Ferri poderia incluir na galeria dos criminosos-natos, dotados de inteligência superior".

- "Nele - dizia o acusador implacável - permanecem despertas e ativas todas as faculdades, menos uma de que carece por atrofia congênita: o senso moral".

E Aguirre recordava, no sono tumultuado, a biografia impiedosa que o promotor expunha na sessão do júri: filho de pai rico, vítima de sórdida trama de sócios nos negócios de exportação e importação, "o réu - definia o acusador -, desde cedo jurou vingar o progenitor levado à falência, refugiado na bebida, traído e, mais tarde, abandonado pela mulher. Adulto, meteu-se em negócios escusos de toda espécie, inclusive o tráfico de drogas, o contrabando e o proxenetismo. Enriqueceu, a seu modo, e nada pôde fazer pelo pai, que morreu na pobreza. Mais tarde mudou-se para o México e, posteriormente, para os Estados Unidos, onde dirigiu a organização ilegal, cujas principais ramificações localizavam-se em Lima e Bogotá.

Agitando-se no colchão imundo, vestindo uma calça curta de pijama, o corpo encharcado de suor, Carlos Lopez Aguirre continuava a sonhar, saturado de rancor e de um ódio inútil que lhe embrutecia a alma e, vez e outra, levava-o a mover os lábios grossos e sensuais, como se fosse esbravejar.

E ainda ouvia, como eco do sonho, a voz destorcida do acusador, no julgamento:

- "Repetindo Lombroso, a alma degenerada do réu é complexa, poli-

morfa e de equilíbrio instável, "em que podem surgir e trocarem-se fenômenos singulares e novos, desde a idéia genial até a ação criminosa".

E prosseguia, caminhando diante do banco dos réus, apontando ora para Aguirre, ora para Carvajal:

- "Vejam os dois réus - senhores do Conselho de Jurados - examinem seu perfil psicopático: em Aguirre, o maxilar grande, a boca volumosa, destacada na fisionomia erótica, que o situa na categoria dos leptossômicos de Kretschmer: forte, musculoso, predisposto à esquizofrenia; em Carvajal, os olhos cruéis e insidiosos, a boca maliciosa, a fisionomia melancólica, a idolatria quase homossexual ao sócio e amigo".

Nesse ponto, invadindo a memória onírica de Aguirre, voltou a ouvir-se o grito colérico de Carvajal, ecoando no salão do júri:

- "Homossexual é a puta que o pariu!"

-"Aí está, senhores jurados, a melhor definição do perfil moral do assassino! - replicou, raivoso e um pouco afetado pelo palavrão, o promotor, quando o tumulto se aquietou diante do soar insistente da campainha, premida com força pelo juiz-presidente.

- "Este criminoso - Julio Carvajal - que não sabe distinguir a sala de julgamento do ambiente vicioso de um bar, ou da zona de meretrício, onde se criou, foi sempre o amigo mais íntimo de Carlos Lopez Aguirre. Nascido na Colômbia, veio cedo para Lima, onde fez de tudo, coabitando até com homossexuais e prostitutas".

- "Desde criança - prosseguia o promotor, apontando para Carvajal, que o encarava com ódio profundo - foi desprezado pela família: o pai fugiu de casa, por causa de outra mulher; a mãe passou a viver com um homem idoso, grosseiro e violento, que o espancava habitualmente. Encontrou nas ruas, como é freqüente, o habitat criminogênico, a escola tradicional de uma carreira ilícita, que começa por pequenos delitos e, fatalmente, termina no crime e na prisão".

- "No caso de Carvajal - dizia ainda o acusador - atuaram predominantemente os fatores exógenos, mesológicos, próprios do meio em que atual os delinqüentes".

Começara a amanhecer quando, com susto, Aguirre, Carvajal, Juan Diaz, Miguel Viana e Ridruejo acordaram, ao soar forte da sirene de La Bestia.

Zimaco, com um sono de pedra, continuou dormindo, e só acordou quando Aguirre sacudiu-lhe o corpo:

- Acorda, homem! Se o guarda te pega na cama, vai pra solitária!

Só então Zimaco resmungou:

- Porra!

Depois do café com um pedaço duro de pão, servido na cela, os detentos foram conduzidos aos pátios, dispersando-se na grande área banhada de sol.

Alguns iniciaram uma partida de futebol, entre gritos e imprecações; outros foram jogar cartas, enquanto a maioria permaneceu pelos cantos, conversando em voz baixa, fazendo confidências, tramando vinganças.

Zimaco, mal-humorado, permaneceu afastado, de pouca conversa. Nascido na cidade de Chiclayo, perto da fronteira com o Equador, perambulou a pé do Norte até a capital peruana, trabalhando em atividades esparsas e mal-remuneradas, sobrevivendo com dificuldade num meio hostil e viciado. Até que, afinal, conseguiu emprego mais estável no cais do porto, como carregador.

De seus olhos pardos, pequenos e redondos, fulgia uma luz opaca de ferocidade secreta. Além do pedaço repulsivo de orelha, tinha a testa deformada como a de um tigre; as mãos curtas e grossas, peludas e calejadas do trabalho braçal; a mandíbula inferior ossuda e prognática, munida de grandes dentes. Toda a sua fisionomia lembrava um cão de fila.

O crime que havia cometido, de crueldade atroz, quase degolando o funcionário portuário, foi definido pelo advogado de defesa como dirigido mais contra a ordem social injusta, do que ao contendor na briga, originada do temor do desemprego e o desequilíbrio emocional momentâneo.

- "Atuaram na formação moral e psicológica de Zimaco - explicava, eloqüente, o advogado, enfrentando o sorriso irônico do promotor - os tradicionais fatores sociológicos de influência predominante no delinqüente: a condição social, econômica, familiar, etc., de que se nutre o trinômio causal dos delitos: fatores antropológicos, sociais e físicos, ou seja, causas endógenas e exógenas".

Estimulado pelo silêncio respeitoso na sala do júri, o causídico acabou citando a frase célebre de Lacassagne:

- "As sociedades têm os delinqüentes que merecem".

- "E os cemitérios os mortos que eles fazem!" - retrucou, rápido, o promotor, com ironia arrasadora.

Comentou-se, depois, que a intervenção sarcástica do acusador fora causa essencial na condenação de Zimaco.

Quando, na manhã de novembro de 1957, chegaram ao pátio de recreio do presídio o Diretor Camilo Ibarra, o Chefe da Guarda, Tenente Pablo Ramirez, um fotógrafo e um repórter americanos do The New York Times, enviados especiais para uma série de reportagens sobre crimes e prisões na América do Sul, a atenção dos detentos voltou-se, curiosa, para o grupo.

- Este é o pátio de recreio do Pavilhão 2 - explicou o Diretor aos jornalistas.—Os senhores estão autorizados e podem trabalhar à vontade, mas com cautela, pois alguns reclusos são perigosos. De qualquer forma, sempre um guarda os acompanhará, para dar proteção.

Semanas mais tarde, com chamada de primeira página, o mais famoso jornal dos Estados Unidos iniciou a publicação da série de reportagens que iriam alcançar repercussão internacional e provocariam - um protesto formal do Governo do Peru, pelo teor depreciativo das observações de John Wallace, autor da matéria.

As reportagens de Wallace deram destaque especial às entrevistas e ao estudo meticuloso da personalidade psicopática de alguns presidiários, como Juan Diaz, Miguel Viana, Ridruejo, Carvajal e Aguirre.

Sobre o primeiro, autor do crime brutal na selva amazônica, que o jornal relatou com realismo, o jornalista escreveu, em trecho da quarta reportagem:

"O que mais espanta na personalidade desse criminoso frio e lacônico é a forma brutal e requintada com que eliminou a vida de um seringueiro, companheiro de trabalho, por motivo absolutamente fútil: a dívida de pequena importância em dinheiro. Juan Diaz, o boliviano criminoso, havia sido contratado por empresa extrativa peruana para trabalhar num seringal. Trabalhara antes no Brasil, no seringal de um rico proprietário que o expulsou do país após descobrir práticas desonestas do empregado.

"40 anos, presumíveis, ascendência indígena direta, olhos escuros, comprovando a origem mongólica, cabelos negros e corpo musculoso, este criminoso quase nada nos revelou de sua vida familiar e social. O pouco que conseguimos apurar de sua existência miserável, levou-nos a sintetizar-lhe uma carreira marginal que, via-de-regra, pouco difere da maioria dos delinqüentes que Enrico Ferri inclui na categoria de criminosos-loucos, ou de criminosos-natos, como na classificação de Lombroso.

"Diaz, na verdade, personifica o conceito criminológico de que crime e loucura "são dois ramos do tronco único da degenerescência humana, donde provêm ainda a tendência inata para o suicídio e a prostituição, além de todos os graus e formas de nevroses e psicoses.

"Face larga e crânio reduzido, em forma de oxicefalia; testa retraída, achatada, olhos dissimétricos, salientes e redondos; olhar fixo, duro ou vítreo, faces grossas, com maçãs salientes; nariz achatado, maxila prognática, lábios grossos e estendidos para fora, pescoço curto, como a fotografia deixa ver com nitidez, o presidiário, criado na selva, provavelmente adquiriu, por osmose, a ferocidade dos animais selvagens. Com a mesma frieza e insensibilidade com que abatia um animal, para caça ou com fim de defesa, Juan Diaz assassinou tranqüilamente um ser humano, trabalhador humilde como ele.

"Do ponto de vista psicanalítico - concluiu John Wallace -, Juan Diaz faz, seguramente, parte daqueles autores de crimes movidos por impulsos neuróticos: loucos, assassinos, cleptomaníacos, originados normalmente de um recalque excessivo".

Sobre o brasileiro Miguel Viana, nascido na cidade do Crato, no Ceará, região que o jornal ianque definiu como "o maior fornecedor de migrantes para as regiões Norte e Sudeste do Brasil", o repórter do The New York Times adotou uma [illegible] mais benevolente.

"No Crato, pequena cidade do Estado [illegible] do Ceará - escreveu John Wallace -, Viana, muito jovem ainda, meteu-se em tumultuada aventura amorosa com uma estudante, fugindo das ameaças de morte da família da moça, que engravidara, e partiu para a região amazônica e, de lá, para Iquitos e, posteriormente, para a capital do Peru.

"Com formação escolar e cultural relativamente elevada, conhecendo música e sabendo tocar violão com maestria, Miguel

Viana sobreviveu em Lima como músico de uma casa noturna".

Nesse ponto a reportagem relatou o drama de amor de Miguel e Helena, acentuando o ciúme neurotizante do violonista brasileiro, de que resultou o assassinato brutal da taxi-girl.

Depois da síntese biográfica do brasileiro, John Wallace passou a analisar a personalidade psicopática do criminoso:

"Miguel Viana pode ser incluído no grupo dos criminosos-passionais, estudados por Enrico Ferri, movidos, normalmente, pelo ciúme exacerbado, até se tornarem assassinos por amor. "Uma fraca anomalia basta para dar lugar aos crimes passionais - explicou o criminalista italiano - uma sensibilidade ou uma impulsividade muito grande, proveniente de uma excessiva irritabilidade do sistema nervoso. O criminoso passional se manifesta - diz ainda Ferri - em plena mocidade, na idade em que as paixões predominam".

A matéria jornalística descreveu, a seguir, o perfil anatômico do delinqüente: fisionomia bela e agradável, olhos claros, redondos e brilhantes; cabelos lisos, quase alourados, denunciando, provavelmente, origem européia; cabeça grande, ombros largos, altos e potentes; braços largos e musculosos, mãos grandes e esguias; nariz fino, pelugem reduzida nos braços e peito, formando um conjunto físico que atraía o interesse afetivo das mulheres.

O jornalista americano, demonstrando inegáveis conhecimentos da antropologia criminal, da constituição fisiológica dos criminosos e, em resumo, da etiologia e patologia criminais, emitiu, em seguida, conceitos e observações pertinentes de importantes criminalistas e sociólogos, fixando-se, no caso específico de Miguel Viana, na definição de Sighele: "tratando-se de indivíduos delinqüentes, ferocidade e lascívia são coisas gêmeas; nascem juntas, e quando o apetite sexual começa a fazer-se sentir com a força da juventude, são sempre associadas ao desejo carnal e ao impulso perverso".

"Filho de pai tirânico e prepotente, comerciante na cidade do Crato, Miguel Viana sempre esteve fortemente ligado à mãe, mulher paciente e amorosa, submetida ao autoritarismo anacrônico do marido.

"Este fato - escreveu John Wallace - gerou-lhe na sensibilidade emotiva um impulso de adesão ao sentimento feminino, que o acompanhou pela

vida afora.

"Talvez se possa incluir Miguel Viana - opinou, a certa altura, o jornalista dos Estados Unidos - no grupo psicanalítico daqueles criminosos que sofrem de um sentimento de culpa e, ao mesmo tempo, de conflito com a tirania paterna, principalmente quando voltada contra a mãe, a quem se apegam com um fervor quase incestuoso. Deste sentimento, que os atormenta permanentemente, nasce um processo aflitivo de autopunição, que os leva a cometer delitos com o objetivo de criar, a seus próprios olhos, um pretexto menos comprometedor do que o impulso incestuoso, ou tendente a provocar-lhes um castigo que os redima da culpa introjetada".

A descrição nevropática do criminoso brasileiro, de acordo com a descrição do jornalista, concluiu-se com sua inclusão no biótipo pícnico, ou pycnomorfo-ciclotímico, como na classificação de Kreschmer, de que emergem suas características fundamentais: um temperamento aberto e sociável, mas, igualmente, sofrido e angustiado.

Com relação a Ridruejo, a posição de John Wallace foi de implacável severidade. Apesar de traçar-lhe o perfil psicopático com isenção, neste ponto o relato jornalístico ganhou cores de extraordinário realismo, chocando os leitores pela minuciosa descrição da impressionante tortura que o mecânico aplicou no patrão e dono da oficina, nas imediações de Lima.

"Ridruejo - escreveu o jornalista - é o assassino-louco, cujo crime hediondo, de crueldade diabólica, é a manifestação de uma natureza degenerada, a que se refere Garofalo, "quaisquer que sejam as causas antigas ou recentes dessa degenerescência. Nesse sentido, portanto, o delinqüente fortuito não existe".

A seguir o repórter refere-se à Antropologia Criminal, criada por volta de 1880 na Itália, pelos trabalhos de Cesare Lombroso, e à Escola Positiva, que se propôs estudar a constituição física e psíquica do delinqüente.

"A ciência atual - conceituou o jornalista - esforça-se para colocar em relevo os caracteres que diferenciam os criminosos entre si, e por exprimir sua individualidade física e psíquica no meio ambiente particular de cada um".

Mas o repórter, mostrando conhecimento atilado da escola italiana,

voltou a Ferri, de quem transcreveu uma definição de grande sabedoria:

"Uma idéia criminosa vem pouco a pouco do crepúsculo incerto da veleidade indistinta à "superfície da consciência" e, então, novo exemplo de transformação das forças, se não encontra no cérebro um freio, ou, se de qualquer maneira o não enfrenta, manifesta-se, graças à cumplicidade do meio, por uma impulsão exterior e muscular, quando o sistema nervoso está atrasado, doente ou minado pela degeneresc̃ência".

"Este foi o caso escabroso de Aldo Ridruejo, ao tramar a vingança maquiavélica contra o patrão. Em seu caso, além disso, o complexo que o defeito físico lhe impunha, foi elemento adicional ao impulso homicida, nascido da vingança atroz contra o homem que o humilhara".

Logo a seguir, o jornalista faz referência às atitudes fundamentais da personalidade criminal, de acordo com a classificação de Glueck: reivindicação social, desconfiança, desafio, impulsividade e agressividade destruidora, de que provêm os seguintes traços característicos: rejeição da sociedade, suas normas e valores; poder de adaptação ao real e força do eu; intolerância à frustração; agressividade; hipogenitalidade; ausência de sentimento de culpabilidade; egocentrismo ético.

A partir de observações pessoais, de visu, e através de prolongadas entrevistas com sentenciados, principalmente com Aldo Ridruejo, John Wallace interelacionou suas conclusões com os importantes trabalhos de Antropologia Criminal e estudos do biótipo de Kretschmer e Pende, na Itália; Sheldon, nos Estados Unidos; Bogomoletz, na União Soviética; Bernardinelli, Jason Albergaria e Orlando Soares, no Brasil; José Ingenieros, na Argentina.

Transcreveu, em seguida, as três afinidades biológicas de Kretschmer, com base nos biótipos: 1a.) uma correlação entre a estrutura corporal e a doença mental; 2a.) entre a estrutura corporal e o temperamento; 3a.) entre a estrutura corporal e a personalidade anormal.

Depois de referir-se ao estudo de Kretschmer em 260 doentes mentais e criminosos, o jornalista incluiu Ridruejo no grupo atlético, de temperamento ixotímico, lento, viscoso, fleugmático, forma intermediária entre o pícnico e o leptossômico, de estrutura mediana, tórax desenvolvido, ombros largos, abdomem tenso, tórax amplo e cintura fina; musculoso, rosto entre ovóide e pentagonal.

Após analisar, com base no perfil tipológico de Ridruejo, incluído no grupo exotímico, pesadão e explosivo, predisposto ao paroxismo motor ou emocional, com reações violentas e brutais, o enviado especial do The New York Times concluiu que o criminoso, confinado na prisão de Iquitos, poderia integrar-se à galeria dos assassinos mais hediondos da história, ao lado de Jack, o Estripador, Landru e tantos outros.

A última parte das reportagens de John Wallace foi dedicada à Penitenciária de La Concepción, que o jornalista retratou com cores sombrias e negativas, a ponto de provocar os protestos oficiais do Governo peruano, coisa que, absolutamente, não preocupou os dirigentes do jornal.

Depois de percorrer demoradamente as instalações do presídio, John Wallace classificou-o, de pronto, entre os que adotam o regime penitenciário fechado, isto pela própria característica de só abrigar condenados à prisão perpétua.

E citou José Ingenieros, pensador argentino, que, no livro famoso, "Criminologia", dividiu os estabelecimentos carcerários em prisão (urbana); colônia (rural), destinadas aos delinqüentes acidentais, de temibilidade mínima; penitenciária, "destinada aos delinqüentes já habituais e cuja readaptação social é mais difícil e exige maior tempo e, finalmente, o presídio, para os delinqüentes de temibilidade máxima, provavelmente irreformáveis, para os quais a seqüestração penal deve ter caráter permanente e definitivo".

"Este fato - acentuou o jornalista - invalida a forma de tratamento e assistência médica, social, psiquiátrica e religiosa aos detentos, aos quais estão fechadas as mínimas perspectivas de reintegração social e profissional. Conscientes de que o resto de suas vidas decorreria entre as grades da prisão sórdida, os presidiários de Iquitos recusariam, naturalmente, qualquer forma de tratamento, com vistas à sua recuperação moral e social".

E citou, em certo ponto, a frase terrível de Augusto Setti: "o cárcere é como um chacal, o imundo animal que torna a comer o alimento que vomita".

Observando a forma perversa e viciosa de relacionamento recíproco dos detentos, John Wallace deu ênfase ao despótico domínio de uns sobre ou-

tros, citando a definição de Sighele, aplicada a tudo o que pudera observar em Iquitos:

"São numerosos os pares de degenerados compostos de um indivíduo forte (o íncubo), que sugestiona um pusilânime (o súcubo) e o arrasta ao vício, ao crime e a todas as degradações, como se fosse um autômato".

E narrou os casamentos homossexuais, freqüentes na prisão, as violentas explosões de ciúme de uns contra outros, os assassinatos constantes nos pavilhões da penitenciária.

A cumplicidade do meio, a ausência total de expectativa de recuperação, a podridão moral, física e psicológica da população carcerária; a revolta surda e enlouquecedora de cada um dos reclusos, levaram o jornalista americano à triste conclusão de que à prisão perpétua seria preferível a pena de morte, que evitaria aquela escalada abjeta da degradação humana, como havia observado em La Bestia.

John Wallace, dando razão ao criminalista brasileiro Orlando Soares, cita-lhe um trecho significativo, transcrito do livro "Criminologia".

"Em regra, qualquer que seja o estabelecimento prisional, tudo ali contribui para o aniquilamento do interno: a promiscuidade, a vida em massa, os castigos degradantes, as humilhações, a convivência com os piores facínoras, as aberrações e violências sexuais, a ociosidade, as violações dos direitos humanos, a convivência homossexual, a perda de contato com a sociedade em geral, a privação do relacionamento familiar, etc.".

Em regimes penitenciários, como o observado pelo jornalista, tornam-se inoperantes os métodos de tratamento prisional, como os indicados por G. Fully: médicos e cirúrgicos; médico-psicológicos; pedagógicos e sociológicos. Ou até mesmo o programa de tratamento enfocado, em seu aspecto normativo, pelo Direito Penitenciário e pela Penalogia, como examinados pelos americanos Sutherland, Barnes e Teeters.

"O que encontrei em La Concepción - escreveu, em certo trecho, o repórter do The New York Times - não foram pedagogos, sociólogos, assistentes sociais, capelães e criminalistas, mas detentos e guardas carcerários em permanente conflito, numa convivência de ódio recíproco.

"Ali avistei carrascos e revoltados; nevróticos histéricos e enlouquecidos, exibindo uma repulsiva atrofia congênita do senso moral e social; alma e mente degeneradas; anomalias psíquicas; inibições volitivas; erotismo doentio e degradante. Ali observei uma humanidade estigmatizada pela mais vil degenerescência física e moral, dominada pelo vício e o alcoolismo, caracteres torpes de escravos e dominadores; fisionomias bestiais e tenebrosas, como se fossem resíduos cuspidos num meio infame e asqueroso, onde prevalece o instinto de tânatos, mortífero e impotente.

"Ali constatei, verdadeiramente - concluiu John Wallace -, a forma mais violenta e reprovável do terrorismo estatal, responsável por um rigor punitivo de caráter absolutamente feudal, de que a privação total da liberdade e a bárbara repressão dos menores delitos e transgressões disciplinares alcançam nível bestial. Prova-se, em Iquitos, que a violência institucional do aparelho carcerário transgride os direitos humanos mais comezinhos. Só encontro, afinal, uma solução para a escabrosa Penitenciária de La Concepción, de inteira justiça chamada de La Bestia: sua demolição urgente e completa, salgando-se o local onde foi erigida".

## Vida, Rio-acima

Diz a sabedoria popular que "não se anda na Planície Amazônica - navega-se".

Calculada, em sua totalidade, por José Veríssimo, em 40.000 quilômetros, a navegação amazônica abrange não só o rio Amazonas, como vários outros grandes caudais, como o rio Branco, o Japurá, o Içá, o Jutaí, o Coari e os trechos navegáveis do Tocantins, Xingu e Capim.

Primeiro rio do mundo em volume de águas e o segundo em extensão, o Amazonas nasce na Cordilheira dos Andes, em território peruano, atravessa de O para E dois Estados da região Norte do Brasil - Amazonas e Pará - e desemboca no Oceano Atlântico.

A gigantesca bacia hidrográfica - ensinam os manuais de Geografia - é a mais vasta do globo e mede cerca de 5,8 milhões de km2, dos quais 4,8 milhões em território do Brasil e o restante em cinco países da América do Sul: Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela. No Brasil a bacia amazônica mede precisamente 4.787.717 km2.

Os dois principais rios formadores do Amazonas são, como se sabe, o Ucayali e o Marañon. O Marañon, como mais freqüentemente se ensina, tem sua origem no riacho de nome Lauricocha, que nasce no lago do Nino, nas geleiras da Cordilheira de Santa Ana, a 5.200 metros de altitude, na província de Junin.

"Segundo as mais novas averiguações do geógrafo Squires e do comandante C. Besley - informa Raymundo Moraes em "Na Planície Amazônica" - o Amazonas, em vez de nascer no Lauricocha, no Departamento de Tarmo, no Peru, nasce na mesma República, mas na região andina de La Raya, no Telhado do Mundo, com o nome de Vilcanota".

Depois de percorrer aos saltos 45 km, na direção Norte, formando sucessivamente 6 pequenos lagos (Santa Ana, Caballococha, Nieveurco, Tinquincocha, Yanacocha e Patarcocha), o riacho inicial deságua no lago de Lauricocha, com 4 km de extensão e largura de 500 metros. Na saída pela extremidade NE do Lago Lauricocha, o pequeno rio ganha o nome de Tungurágua, serpenteando na direção N, no meio das ramificações dos Andes, cujos últimos contrafortes transpõe no Pongo de Manseriché, virando

definitivamente para Leste.

Pouco abaixo da violenta corredeira, o Amazonas, já com o nome de Marañon, torna-se navegável, em qualquer época do ano, mas somente para pequenas embarcações que não requeiram mais de dois metros de água. Neste ponto, acha-se ainda a 4.950 quilômetros de sua foz.

A navegação no Amazonas é feita por toda sorte de embarcações, desde os velhos e impávidos gaiolas, (transatlânticos e) às gambarras a vela, com dois mastros e tolda pequena para cinco tripulantes na popa; as vigilengas, de um único mastro, com toldo e formato arredondado, além das populares montarias, pequenas canoas feitas de um tronco de pau escavado a fogo e, finalmente, as ubás, que são embarcações sem quilha, feitas da casca inteiriça de uma árvore e movidas por meio de varas, ou de pás.

Essas embarcações, desde as de maior calado, às intrépidas montarias, navegam pelos grandes ou pequenos cursos d'água, entrando em furos e igarapés, canais, córregos, lagos, lagoas, águas turvas, límpidas, pretas, verdes, azuis ou pardas.

"A mobilidade contamina tudo - escreveu ainda Raymundo Moraes - : as florestas e os indivíduos, os animais e as habitações, os líquidos e os sólidos. Os vegetais são vagabundos, os povos nômades, os peixes incertos, as casas instáveis, as pedras errantes, as águas fugitivas".

Ninguém, como o comandante Fernando Caruana, conhecia melhor os intrincados caminhos da Amazônia. Naqueles rios, a bordo de todo tipo de embarcação, viveu a maior parte de sua vida honrada e trabalhosa.

De família pobre, nascido e criado em Belém do Pará, Caruana, desde muito jovem, entrou para a Marinha Mercante, servindo, inicialmente, como simples empregado, garçon, carregador, faxineiro e, depois, como marinheiro, prático e, após participar de cursos e estudos especializados, como piloto, oficial, Imediato e, finalmente, comandante de grandes navios de carga e passageiros da "Navegação da Amazônia e Portos do Pará", SNAPP.

Num deles, o gaiola "Amazonas", que fazia a linha Belém-Iquitos-Belém, servia há 12 anos, prestes a aposentar-se quando completou 64 anos de idade.

Ainda era o mesmo e respeitado marujo, com incontáveis amigos no Brasil, Peru, Bolívia, Equador, Colômbia e Venezuela, quando, numa manhã quente de abril de 1958, preparou-se para outra longa viagem rio-acima, vestindo o uniforme em sua residência no bairro de Pedreira, na capital do Pará.

Antes que deixasse a casa, a caminho do Porto de Belém, sua mulher Francisca, de 36 anos de idade, com quem se casara em segundas núpcias, aproximou-se, aflita e abatida, para dizer-lhe, com certa timidez:

- Fernando, me desculpe, querido! Mas... queria te pedir uma coisa: por quê não pede pro Altamirando te substituir nesta viagem?

Caruana, que abotoava a farda, voltou-se, assustado:

- O quê?! Pedir pra me substituir, hoje? Que idéia esquisita, Francisquinha!

- Não sei, querido... Tive um sonho esta noite! Estou com medo desta viagem! Por favor, Fernando, vou à companhia, digo que você adoeceu, invento qualquer coisa.

- O que é isto, Francisquinha? Inventar doença, pedir substituto? Parece que está brincando! Não fiz isto em quase 35 anos de Marinha, e você me pede pra fazer agora, às vésperas de minha aposentadoria? Ora, querida, que idéia absurda!

Francisquinha não insistiu e ajeitou o uniforme no corpo rijo do marido.

Vendo o estado aflito e constrangido da mulher, Caruana envolveu-a num abraço afetuoso, acariciou-lhe os cabelos, o rosto bonito de cabocla e lhe disse:

- Vamos, amor, que bobagem! Sonhos e pesadelos a gente tem a vida toda, e não são eles que vão mudar nossos hábitos, nossos deveres e obrigações!

Antes de apanhar o quépi, tomou mais um gole de café e voltou a dizer à mulher, que recolocou a cadeira no lugar:

- Fique tranqüila, Francisquinha, tudo vai correr bem. Conheço o rio e o navio como a palma de minha mão! Fique tranqüila, Deus é grande. Vamos ao Porto, senão posso atrasar. As crianças estão prontas?

Nesse ponto, Raimundo, de 16 anos, Rita, de 14, e Fernandinho, de 9, surgiram correndo do interior da casa, eufóricos com o passeio:

- Estamos prontos, papai! - gritou o mais velho, que falava sempre pelos irmãos.

- Então vamos!

Antes de sair, perguntou à mulher:

- Fechou a casa toda?

- Fechei.

- E a bomba da cisterna?

- Já desliguei.

Em seguida, com toda a família, o comandante Fernando Caruana saiu de casa e, pouco adiante, numa pracinha, tomou o ônibus com destino ao centro de Belém.

Fazia aquele itinerário todas as vezes que partia em viagem pelo rio Amazonas, com destino a Manaus e Iquitos, ida e volta. E era sempre uma festa para as crianças, que se orgulhavam do pai, com seu vistoso uniforme, impecavelmente limpo e passado, mas um tormento para a mulher, que o amava e sofria com a prolongada ausência.

Faltando à escola, naquele dia especial, Raimundo, Rita e Fernandinho, o rosto colado no vidro da janela do ônibus, deslumbravam-se com a visão da cidade, dos arranha-céus, dos monumentos, das avenidas com suas frondosas mangueiras. E, principalmente, com o Porto e os grandes navios, partindo e chegando.

Descendo do coletivo na Praça da República, Caruana, Francisquinha e os três filhos caminharam pelas avenidas São Jerônimo e Nazaré, tão aprazíveis pela profusão sombreante das belas mangueiras, famosas em todo o país.

Reconhecido por transeuntes e moradores nas calçadas, diante de bares e casas comerciais, Caruana ia respondendo satisfeito aos cumprimentos e perguntas, que uns e outros lhe faziam:

- Então, comandante, nova viagem? Vai com a família?

- Não, Segismundo. Eles vão comigo só até o Porto. Gostam de ver o gaiola.

- Vai até Iquitos? Ou volta de Manaus, Capitão?

- Até Iquitos, Zequinha. Ida e volta!

- Que viajão, hein, Caruana?!

- É longa, mas estou acostumado!

- Então boa viagem, Capitão!

- Obrigado.

- Vá com Deus!

- Fique com Deus também. Até a volta!

E seguiu em frente, passando, na esquina das ruas 1º de Março e Ó de Almeida, pelas Três Panelas Vazias, a Caixa d'Água que nunca foi utilizada, construída no começo do século, famosa em Belém como o Pão de Açúcar, no Rio, ou o Elevador Lacerda, em Salvador.

Até que, chegando à praça ajardinada da Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, Caruana subiu, com a família, a escadaria e entrou no templo religioso. E ali, como de hábito, prostrou-se de joelhos diante da imagem da Virgem, pedindo proteção para a viagem que ia fazer.

Caruana, como milhões de paraenses, era ardoroso devoto de Nossa Senhora de Nazaré, participando, todo ano, do famoso Círio de Nazaré, sempre iniciado no segundo sábado de outubro, à noite, com a procissão chamada de Transladação , quando os devotos conduzem a imagem da Santa do Instituto Gentil Bittencourt à Catedral. No dia seguinte, um domingo, começava propriamente o Círio, com a saída de gigantesca procissão da Catedral, percorrendo as avenidas da cidade até chegar à Basílica, em percurso que, no mínimo, dura quatro horas e reune praticamente toda a população da cidade.

Durante 15 dias, o Círio, velho de quase 200 anos, é a celebração maior de Belém. Para proteger a imagem, conduzida com fervor extraordinário, uma corda interminável chegava a sangrar a mão dos romeiros que a detinham.

Em torno do culto quase fanático da Virgem de Nazaré divulgavam-se casos notáveis de milagres e curas miraculosas de doenças. Dizia também a tradição que a imagem da Santa fora encontrada, nos idos do século XVII, nas matas do Utinga, perto de Belém, por um caçador de nome Plácido.

A família de Fernando Caruana, depois da prece na Basílica, recomeçou a caminhada rumo ao Porto, passando, antes, pelo Ver-o-peso, doca para canoas geleiras, freteiras e igarités, interligada ao movimentadíssimo mercado do mesmo nome, e no qual se vende o peixe, trazido por centenas de pescadores, além de produtos alimentícios, frutas e obras do ar-

tesanato local.

Festejado por pescadores, feirantes e compradores do Ver-o-peso, Caruana comprou brinquedos para os filhos e, para Francisquinha, um tecido de renda da ilha de Marajó.

Depois chegou ao Porto e aproximou-se do navio-gaiola que comandava, ancorado no cais construído pelos ingleses no início do século.

Ao avistar o navio, imóvel, parecendo maior no cais acostável, Francisquinha empalideceu, como se tivesse visto um fantasma. Caruana, um pouco adiante, conversava com amigos e colegas que o vieram saudar.

Consultou o relógio e começou a despedir-se dos filhos, prometendo a cada um:

- Vou trazer o filhote de jaguatirica que você pediu, Raimundo!

- Não vai se esquecer, papai? - perguntou o primogênito, os olhos cintilantes.

- Não me esqueço não, filho! Promessa é promessa!

Voltou-se depois para a filha Rita e falou:

- Compro pra você, em Iquitos, a roupa de alpaca que pediu, Rita.

Em seguida, pondo o caçula no colo, prometeu:

- Pra você, Fernandinho, vou trazer o tucano de bico amarelo.

E perguntou:

- Vai cuidar bem do pássaro?

Exultante com o presente prometido, Fernandinho garantiu:

- Vou cuidar do passarinho, papai!

- Passarinho nada, menino! - disse sorridente o comandante -. O tucano é um passarão!

Depositou o filho no solo, aproximou-se de Francisquinha, abraçou-a e beijou-a carinhosamente, em silêncio.

Francisquinha não conteve as lágrimas, levando Caruana a dizer, comovido:

- Não chore, Francisquinha! Vamos, vamos, enxugue as lágrimas, quero um sorriso bonito, e também sua bênção!

- Tome cuidado, Fernando, pelo amor de Deus, tome cuidado! - repetiu a mulher, nervosamente -. E que Deus o abençõe!

Camuflando a emoção num sorriso benevolente, Caruana afastou-se, subindo depressa a prancha do navio.

No portaló esperavam-no, perfilados, o Imediato Aparício Barreto e outros oficiais da tripulação.

- Então, Aparício, tudo pronto? - perguntou Caruana ao Imediato -. Combustível, carga, documentação?

- Tudo pronto, Comandante! - respondeu o oficial, orgulhoso das providências que tomara.

- Muito bem. Podemos então autorizar o embarque.

Uma sineta soou forte, movimentando o cais e a multidão de passageiros que se despediram, apanhando a bagagem e subindo a bordo.

O gaiola, assim chamado por sua estrutura elevada, com dois conveses e camarotes nas amuradas, é a embarcação mais popular da Amazônia, com suas oitocentas toneladas de deslocamento e doze pés de calado. Com motor a óleo fabricado na Alemanha, e força de 400 HP, alcançava a marcha 19 milhas horárias, rio-acima.

Construídas na Inglaterra, Holanda, Dinamarca, Estados Unidos e até mesmo em Santarém, no Pará, as venerandas embarcações substituíam o carro e o trem-de-ferro no vale infindável, fazendo história, criando lendas e um rico acervo folclórico ao longo dos grandes rios que navegavam.

Suas instalações dispunham, na primeira-classe, de acomodações para 44 passageiros em igual número de beliches, com quatro camarotes de luxo, dotados de ventiladores e guarda-roupa. Da primeira, passava-se diretamente à terceira-classe, já que não existia, na verdade, uma segunda-classe.

Ali não havia camarotes, e seu aspecto era contristador, exibindo pobreza, promiscuidade e precárias condições de conforto, com os viajantes dormindo em redes, enfileiradas lado a lado, ou suspensas longitudinalmente, misturando-se com carga e animais.

Depois do embarque, e da liberação do navio, Caruana subiu ao passadiço e, ele próprio, ladeado pelo Imediato e o piloto Jerônimo, pegou o leme, no comando da partida.

Mantinha-se calado, sombrio, meditando sobre as palavras de Franciquinha.

Cumpridas as formalidades legais, o "Amazonas" soltou os (tradicionais) três silvos graves. As pranchas foram, então, retiradas, os cabos desatados, as máquinas postas a funcionar, resfolegantes, soltando nuvens

de fumaça pela chaminé.

O navio iniciou a manobra de desatracação, virando a proa em direção ao centro do rio, afastando-se do cais.

Do passadiço, Caruana avistou Francisquinha e os filhos, abanando lenços brancos. Tirou o quépi e, erguendo-o na mão, despediu-se das pessoas que mais amava no mundo, sentindo no coração uma opressão inesperada que o assustou.

Mesmo distante, com o gaiola se afastando do Porto, continuou a fitar o vulto querido da mulher, até desaparecer numa curva do rio.

Mais adiante, num estirão, já em marcha normal, Caruana voltou-se para Aparício, companheiro e confidente de incontáveis viagens, e lhe disse, baixando o tom da voz:

- Estive pensando, Aparício: acho que vou apressar minha aposentadoria, me dedicar mais à família, aos filhos, à Francisquinha.

- Esta vida de judeu errante cria conflitos com a família - comentou o Imediato, solidário com o colega -. A gente passa mais tempo viajando, do que convivendo com os parentes. Aí surgem as queixas, os desencontros, tudo em conseqüência da separação que esta vida de marujo nos obriga.

Calaram-se por alguns instantes, os olhos atentos aos furos que o navio vencia na subida do rio Pará, guiado por Caruana com mãos de mestre.

Quilômetros além, num largo do rio, a navegação mais tranqüila, Caruana voltou a dizer:

- A Francisquinha anda nervosa, meio irritadiça, falando em pesadelos. Imagine, Aparício, ela me pediu hoje para não viajar, pedir substituto, impressionada com um sonho que teve à noite! Veja você! Nunca fui substituído em nenhuma viagem, e não seria agora, em fim de carreira, que eu iria fazer uma coisa dessa!

Fez uma manobra hábil, evitando que o barco se chocasse com uma ilhota flutuante. O "Amazonas" jogou para um lado e para outro, depois voltou à posição normal, e continuou vagarosamente a viagem.

Caruana recomeçou, então, o diálogo interrompido:

- Vou te confessar uma coisa, Aparício, confio em sua discrição. Ultimamente ando com umas caraminholas na cabeça, pensando em besteira, como esta diferença de idade entre mim e Francisquinha. Certo dia ela saiu cedo de casa, para fazer compras, e demorou muito pra voltar, dizen-

do que havia encontrado uma amiga de Óbidos, estudaram juntas, e o tempo foi passando. Sabe o que andei pensando? Que ela tem um amante, anda me traindo!

Aí o Imediato não agüentou e, com a liberdade que sua amizade com o comandante permitia, zangou-se:

- Que estupidez, Caruana! Você é burro mesmo! Se a Francisquinha te traísse, insistiria tanto pra você não viajar?! Ao contrário, iria estimular sua partida, pois assim te poria chifres à vontade! Que besteira, Santo Deus!

Depois completou, veemente:

- Além disso, homem, ponho a mão no fogo por Francisquinha, mulher honesta, que te adora! Pensamento besta, Caruana! Me desculpe, mas nunca ouvi besteira tão grande!

Muito sem jeito, diante da bronca calorosa do amigo, Caruana então reconheceu:

- Você tem razão, Aparício! Sou burro mesmo, esqueça a besteira que falei! Coitada da Francisquinha, ficou chorando no Porto, e eu aqui, duvidando dela!

De ascendência indígena, a cor pardacenta, a Amazônia penetrara no sangue daquele marujo dedicado e competente. Poucos, como ele, conheciam tão bem os rios e a floresta, os elementos dominantes da paisagem do vale: coroas, restingas, praias, ilhas, furos, lagos, discos e frisos líquidos, abertos para o céu. Conhecia os segredos recônditos da selva, o habitat de antas e gaviões, de pacas e jacarés, da fauna e flora ao longo dos afluentes, confluentes e defluentes.

Sua autoridade era forte e acatada. Sua palavra, mesmo uma advertência, ou uma crítica, era recebida com respeito. Suas mãos rijas e calejadas, detendo o leme do navio, traziam segurança a passageiros e tripulantes. Recebido com estima em todos os portos de escala, seu nome significava firmeza, coragem e competência.

Aquele navio, fabricado com ferro e madeira, era sua casa, seu templo e, como muitos diziam, "também sua prisão". Francisquinha dizia sempre que "o Capitão casara-se mesmo era com o gaiola".

Subindo o rio Pará, o "Amazonas" aproximou-se dos Furos de Breves e, em alguns trechos, quase tocou na ramagem das grandes árvores da margem.

Depois alcançou um estirão alargado e se afastou das margens que, aos poucos, desapareceram na linha do horizonte, avistando-se, então, numerosas ilhas e, mais adiante, a maior delas, a Ilha do Marajó.

Durante longo tempo, a enorme ilha dominou a paisagem, como se nela mergulhasse a formidável massa líquida. De novo, no entanto, quilômetros acima, o navio voltou a navegar próximo da floresta, no dédalo de furos, igarapés, ilhas, ilhotas e estreitas correntes de água, quando a ramagem das árvores novamente se chocava com os ferros da balaustrada.

O "Amazonas" chegara aos temíveis Furos de Breves, subindo em marcha lenta, aumentando os cuidados do timoneiro.

Era a parte mais arriscada da viagem entre Belém e Manaus, não só pela quantidade de furos, estreitos, canais, formadores do que os paraenses chamam, tradicionalmente, de Arquipélago das Ilhas de Dentro, como pelos obstáculos que o rio oferecia às embarcações.

Apesar dos riscos, e toda sorte de dificuldades, era por aquele intrincado labirinto que os marujos preferiam conduzir seus barcos, evitando a volta enorme que seria o contorno do cabo Maguari, no Oceano Atlântico, para, de lá, alcançar-se o estuário do rio Amazonas e subir o caudal até Manaus.

O itinerário tortuoso e difícil, incluía os furos de Parauaú, Tajapurú, Macujubim, Aturiá, Macacos, Limão, Jacaré, Jaburu, Ituquara, Boiussú.

Seguindo-o, e conduzindo o "Amazonas" no trecho acidentadíssimo, Caruana recordava a descrição admirável de Raimundo Morais no livro "Na Planície Amazônica":

"Labirinto extraordinário de mil fios líquidos, entre um flanco de Marajó e as rechãs levantinas do continente, foi tecida pela ação ininterrupta das águas, pelo trabalho dinâmico do rio. É aí que se vê, de bordo dos gaiolas e transatlânticos, a floresta surgida na gleba mais baixa e nova do grande vale e, talvez, mais baixa e nova de todo o urbe. Terra pós-quartenária, de consistência pouco maior que a vasa e o lodo, dá a impressão de quase não agüentar o peso da selva exuberante que a veste e a empolga na trama tentacular das radículas, das raízes, dos tubérculos, dos rizomas, das sapupemas. Anfíbia, vivendo seis horas em baixo d'água e seis horas fóra, consoante o fluxo e o reflexo das marés, os

seus pequeninos barrancos de dois e três metros de alto, só vistos na baixa-mar, lembrando um chão naufragado que fosse, nos moldes bíblicos do dilúvio, cada vez mais, afundando".

- Ninguém, nenhum escritor, nenhum geógrafo ou historiador, brasileiro ou estrangeiro - disse Caruana ao Imediato - descreveu melhor do que Morais estes Furos de Breves!

- Não foi ele quem disse que os Furos são o cemitério dos maus navegadores? - perguntou Aparício.

- O Raimundo nunca disse, ou escreveu, essa definição cruel, se bem que verdadeira - explicou Caruana.- De fato, atravessar este labirinto de água e floresta, de ilhas, furos e igarapés, não é tarefa para principiante, nem para timoneiro distraído!

E o "Amazonas" seguiu viagem, rio-acima, passando por Jararaca e, quilômetros adiante, deixou o Estreito de Breves, avançou pela fantástica massa líquida, distanciando-se das margens e penetrando nas águas barrentas do Rio-Mar.

Depois ultrapassou Gurupá, cidade decadente, com as ruínas de seu forte. Durante horas se avistou do navio a velha cidade, dando a impressão que o navio se imobilizara, tão lenta era sua marcha.

Caruana, passando o leme para Jerônimo, percorreu o navio, fiscalizando serviços, solucionando questões, ouvindo queixas, paciente e cordial, conversando amistosamente com os passageiros e tripulantes.

E os dias se sucederam na rotina monótona da viagem, quebrada, aqui e acolá, por acidentes, pela visão imponente da foz do rio Xingu, da Ilha Urucicaia, de Arumanduba e Almeirim, onde a paisagem se modificava em grandes descampados, pontilhados de fazendas com luz elétrica, e por pequenas montanhas que tinham o nome de pobres localidades ribeirinhas.

Ali também se sofria com o ataque implacável dos piuns e carapanãs, os terríveis insetos que os passageiros perseguiam, raivosamente, durante toda a viagem. Mas também havia bons e reconfortantes momentos: as paradas nos portos de escala, a descida à terra, a visita aos trapiches, onde se pomprava de tudo, desde a chícará de café, o cálice de jararaca (a boa cachaça da região), até roupas e partidas de borracha, madeira, castanha, etc.

Atracando e desatracando, o "Amazonas" avançava, rio-acima, no iti-

nerário fascinante do vale: Prainha, Monte-Alegre, Santarém, com a visão belíssima do encontro do Tapajós, de águas verdes e transparentes, com o barrento e poderoso Amazonas.

Depois vinha Óbidos, cidade aprazível, bem cuidada e progressista; chegava-se ao paraná Dona Rosa, muito estreito e profundo; Oriximiná, onde deságua o rio Trombetas, e por aí afora: Juruti, Parintins, Urucurituba, Itacoatiara, Careiro, Manaus.

Eram os caminhos amados de Caruana, o roteiro de sua vida, das emoções de sua alma boa e honesta. Emoções que cresceriam, entre Manaus e Iquitos e, de volta ao Brasil, de Iquitos à sua Belém, onde o esperavam Francisquinha, Raymundo, Rita e Fernandinho, seu amoroso tesouro humano.

## A Fuga do Inferno

Em seguida à parada, mais prolongada, em Manaus, o navio-gaiola "Amazonas" seguiu, rio-acima, com destino a Iquitos, no Peru.

Viajantes de Tefé, Fonte Boa, Santo Antônio do Içá, São Paulo de Olivença e Benjamin Constant, vendo-o chegar e partir, sabiam que, em alguns dias, estaria de volta ao Brasil, quando, então, como seus passageiros, viajariam para Manaus, Belém, ou outra cidade intermediária.

Não eram eles, contudo, os mais impacientes pela chegada do barco. Os que o aguardavam, com expectativa quase angustiante, estavam confinados na Penitenciária de La Concepción, em Iquitos, compartilhando a mesma cela, no Pavilhão 2: Aguirre, Carvajal, Zimaco, Miguel Viana, Juan Diaz e Aldo Ridruejo.

O destino os reunira naquele mesmo e infecto cubículo do presídio, onde pagavam pelos crimes brutais que haviam cometido. E ali estiolavam sua vida degenerada, apodrecida no submundo do crime e do vício.

Naquela prisão infamante misturavam-se, em torpe promiscuidade, com jovens e velhos, brancos, pretos, mestiços ou mamelucos, em regime de terror que era, para muitos, o caminho direto para a loucura, ou para o pensamento torturante de uma fuga quase impossível.

A vida em comum criara-lhes uma amizade circunstancial e, por um processo de solidariedade que a convivência forçada estimulava a cada dia, amadureceram também eles um plano temerário de fuga. E aquela fuga tinha a ver, fundamentalmente, com a chegada a Iquitos de uma embarcação brasileira, cujos silvos ecoavam periodicamente pelo vale e chegavam aos muros envelhecidos da prisão.

E foi, por volta de 11 horas de uma manhã causticante de abril, daquele ano inesquecível de 1958, que os seis presidiários, de sua cela, ouviram o apito emocionante do "Amazonas", subindo o Marañon e se aproximando do porto de Iquitos.

Era também Caruana quem, do passadiço, comandava as manobras de atracação no porto que conhecia tão bem. E de lá avistou o prédio sinistro da Penitenciária, sentindo, subitamente, uma sensação estranha de medo

e repulsa.

No presídio, confinados entre beliches, banquetas, pia, vaso sanitário, pequenos armários, roupas e objetos diversos, em completa desarrumação, Aguirre, Juan Diaz, Zimaco, Carvajal, Ridruejo e Miguel Viana concentravam crispante atenção ao porto e ao navio que chegava.

Para eles o gaiola, que encostava no ancoradouro, era o símbolo de sua libertação. Observando-o, da pequena janela da cela, Carlos Lopez Aguirre mantinha-se atento, fixado em silêncio pelos companheiros de cela: Zimaco, recostado na parede, limpando os dentes com um palito de fósforo; Carvajal, estendido na parte inferior de um beliche, fazendo bolinhas com miolos de pão; Juan Diaz, no leito superior, coçando os pés imundos; Miguel Viana, recostado num armário, apertando as cravelhas de um violão quebrado; Ridruejo, sentado no chão, disfarçando o nervosismo com duas ou três tampinhas de cerveja.

Quando Aguirre, afastando-se da janela, aproximou-se dos companheiros, todos fizeram completo silêncio, ouvindo-o dizer, com voz firme:

- Pronto, pessoal! O navio encostou! Vamos começar!

Dirigiu-se a Miguel, e recomendou:

- Fique atento, Miguel! O grude chega daqui a pouco!

Miguel, que não escondia a impaciência, perguntou a Carvajal, que amassava sempre o miolo de pão:

- Guardou a espuma, Carvajal?

Carvajal levantou o colchão da cama, apanhou um pequeno frasco e exibiu-o ao brasileiro:

- Claro, amigo! Preparei hoje cedo na farmácia!

Vendo-o com o vidro na mão, Aguirre advertiu, com certa rispidez:

- Guarde isto, Carvajal! Quer que a guarda descubra tudo?!

Efetivamente, metros adiante, chegavam pela galeria do pavilhão três guardas trazendo o almoço em dois panelões, num carrinho de rodas.

Quando sentiu o cheiro de comida, alguém gritou da cela ao lado, entusiasmado:

- É a gororoba, pessoal!

A escolta do almoço chegara à cela vizinha e, batendo o cassetete na janelinha de ferro, avisava:

- Almoço!

Do interior do cubículo um detento estendeu a marmita, que um guarda apanhou, depois de abrir a portinhosa e comentar, com ironia:

- Hoje tem carne de porco, Paquito... Acho que vai gostar!

Paquito aproximou o rosto da janelinha e, com sonora gargalhada, retrucou, no mesmo tom:

- Carne de porco?! Mataram o Tenente?

Ouvindo a piada insultuosa, outros presidiários explodiram também em gargalhadas, iniciando um tumulto que aos poucos se estendeu por todo o pavilhão.

Um dos guardas, que enchia a marmita, ficou enfezado e, chegando perto da cela, lançou a comida na cara do preso, berrando:

- Porco é você, cachorrão! Vamos, coma a comida no seu chiqueiro!

Outro detento, confinado na mesma cela de Paquito, revoltou-se contra a agressão e replicou, raivoso:

- Isso é contra o Regulamento, Ruiz! Vou dar queixa ao Diretor!

O soldado pôs a cara na janelinha e deu a fulminante resposta, possesso:

- Vá dar queixa pra puta que te pariu! E se não calar a boca, veado, meto a comida no teu cu!

Foi quando, solidários com o companheiro, dezenas de presos, batendo colheres, garfos e marmitas nas grades, iniciaram tremenda balbúrdia, só atenuada com a chegada do Tenente Ramirez e outros guardas do pavilhão.

O Chefe da Guarda soprou furiosamente o apito e gritou:

- Vamos parar com a bagunça? Não estão querendo comer? Preferem ir pra solitária, seus bandidões?

O tumulto acabou e, no silêncio generalizado, a escolta da comida recomeçou sua ronda.

Quando chegou diante da cela de Aguirre, o guarda repetiu o ritual, batendo na portinhola:

- Almoço!

No interior da cela os seis prisioneiros haviam terminado os preparativos para o início da fuga: Miguel estendeu-se no chão, perto da por-

ta, enquanto Carvajal apanhou o frasco, agitou-o com força e aproximou-se do brasileiro.

Aguirre, os ouvidos colados à porta, acompanhava os passos da escolta. Fez então um sinal e Carvajal, rapidamente, aplicou na boca de Miguel o preparado químico que aviara na farmácia, onde trabalhava.

Em contato com a saliva, o produto formou uma gosma pegajosa que escorreu pela boca do cearense, como a baba de um epilético.

Aguirre explicou nervosamente ao guarda, que abrira a portinhola de ferro:

- "Seu" guarda, deu um ataque esquisito no Miguel! O coitado está espumando, estrebuchando no chão! Uma coisa horrível!

O soldado examinou o interior da cela e constatou, espantado, a veracidade da informação: Miguel executava com perfeição sua parte no plano, agindo como um verdadeiro epilético, imitando as convulsões de um doente, deixando escorrer da boca a espuma química de Carvajal.

Os outros detentos, rodeando Miguel, aparentavam grande assombro diante do espetáculo encenado.

Foi quando Carvajal, por sua vez, voltou-se para o guarda e explicou, afobado:

- Acho que é a tal de epilepsia, "seu" guarda! Meu irmão tinha esta doença, coisa muito contagiosa!

O soldado foi depressa chamar o Diretor e o Chefe da Guarda, a quem disse, agitado:

- Com licença, "seu" Diretor: na cela 9 tem um preso que parece muito doente, estrebuchando no chão!

Ibarra e Ramirez foram então espiar o interior da cela, na qual Miguel prosseguia a encenação, soltando gemidos impressionantes.

- Tenente, abra a porta! - ordenou Camilo Ibarra.

Ramirez abriu com a chave a fechadura da cela. Depois fez a porta deslizar, deixando entrar o Diretor do presídio.

Além de Ibarra, penetraram também na cela o Chefe da Guarda e os três soldados da escolta da comida.

A imitação de Miguel era tão perfeita e convincente que ninguém se preocupou com a segurança. O Diretor, impressionado com as convulsões e

a baba que descia da boca do preso, abaixou-se para examiná-lo de mais perto.

Foi nesse exato instante, aproveitando-se do descuido do Diretor e militares, que Carlos Lopez Aguirre e os cinco companheiros de cela agiram com incrível rapidez. O líder do bando, em ação fulminante, aplicou poderosa gravata no Diretor da Penitenciária, retirando-lhe do coldre o Parabellum que trazia. Zimaco fez o mesmo com o Tenente, enquanto Juan Diaz, Carvajal e Ridruejo imobilizaram os outros guardas, arrebatando-lhes igualmente as armas que portavam.

Colocando o cano da arma na fronte de Ibarra, Aguirre ordenou, com firmeza irretrucável:

- Quieto, "seu" Ibarra! Se fizer alguma besteira, estouro seus miolos!

Zimaco, diante da resistência que Ramirez ensaiava, meteu o cano do revólver no ouvido do militar e advertiu, peremptório:

- Fique bonzinho, "seu" Tenente! Ou está querendo uma bala na cabeça?

Aguirre arrastou o Diretor para a porta:

- Diga ao pessoal pra ficar quieto, senão o senhor é homem morto!

- Olha o que vão fazer, rapazes! - ponderou o Diretor, meio sufocado no braço do prisioneiro.

Aguirre afrouxou um pouco a gravata, deixando que o refém completasse a advertência:

- Olha a besteira que estão fazendo! Não têm a menor chance de escapar da prisão, homem!

- Isto é o que o senhor pensa, "seu" Ibarra! Mas com sua ajuda e do Tenente, fique certo de que vamos conseguir

Depois completou, premindo a Parabellum na fronte do Diretor:

- Se a gente falhar, "seu" Ibarra, continuamos aqui mesmo, enquanto vocês vão pro cemitério! Não é melhor colaborar? Assim ficam vivos

Armados, com aqueles importantes reféns, os presidiários chegaram à galeria de celas.

Miguel Viana, que limpara a baba artificial na camisa, fechava com Carvajal o grupo que, pela galeria do pavilhão, foi avançando na direção da Sala da Guarda.

A tentativa de fuga, percebida por outros presidiários, provocara no pavilhão um silêncio atônito, como se sobrepairasse na atmosfera expectante, de perigosas virtualidades, uma solidariedade anônima que encorajava a ação dos fugitivos.

Quando o grupo - detentos e reféns - aproximou-se da Sala da Guarda, um compartimento separado da galeria por uma pesada porta de ferro, os militares lá estacionados, fortemente armados, observaram, estupefatos, sua inesperada chegada.

Aguirre, que seguia à frente, apertou o cano da arma na têmpora do Diretor, e ordenou:

- Dê ordem para ninguém atirar, "seu" Ibarra, senão vai haver por aqui uma carnificina dos diabos!

O Diretor, erguendo a voz para fazer-se ouvir pelos guardas, armas em riste, sentiu o perigo extremo que corria, e pediu, emocionado:

- Não atirem! Não atirem! Deixem o caminho livre!

Quando o grupo parou diante da Sala, houve um instante de angustiante espera, principalmente quando se percebeu que, de dentro, os guardas hesitavam em obedecer à ordem do Diretor.

Mas o Tenente interveio com energia, reforçando a ordem de Ibarra:

- Abra a porta, Sargento Ortega! Vamos, vamos!

O Sargento, que mantinha a metralhadora apontada para os fugitivos, ainda tentou argumentar:

- Mas, Tenente!... Com estes bandidos?! E o Regulamento?!

- Foda-se o Regulamento, Ortega! - berrou Ramirez, colérico. - Vamos, vamos, Sargento! Abra a porta! É uma ordem!

A porta foi então aberta, e o grupo entrou no recinto.

Aguirre, dominando sempre o apavorado prisioneiro, deu instruções aos companheiros:

- Apanhe a metralhadora, Carvajal! Você, Ridruejo, pega aquela outra! Miguel e Juan, apanhem munição naquele armário!

Agindo com presteza, apesar de nervosos, os seis fugitivos apoderam-se de armas e munição, enquanto Aguirre voltava-se para a escolta da comida e dizia:

- Vocês ficam aqui dentro! Vamos sair só com o Tenente e o Diretor! E fiquem sabendo que, se fizerem qualquer reação, os dois morrem! Agora

abram a porta, depressa!

Outra porta de ferro, ligando a Sala da Guarda a uma área interna de recreação, foi rapidamente aberta, deixando passar o grupo, agora reduzido.

No pátio, numa extremidade, um policial com fuzil-metralhadora, na guarita de segurança, observava espantadíssimo a chegada dos fugitivos e seus reféns.

Percebendo o risco que corriam, Aguirre ordenou ao Diretor, pressionando-lhe com força a arma na têmpora:

- Mande o gorila baixar o fuzil, "seu" Ibarra!

- Baixa o fuzil, Gabriel! Não atire! - gritou depressa o Diretor do presídio.

Cruzaram a área, a caminho da portaria central.

A notícia da fuga espalhara-se como rastilho de pólvora pelo presídio, provocando tumulto e emoção. Dezenas de presos, presenciando das celas a tentativa de fuga, gritavam a plenos pulmões, pedindo que também fossem libertados.

Fugitivos e reféns, enquanto isso, haviam chegado ao corredor de acesso à portaria central, onde se repetiu o audacioso ritual da evasão: guardas e funcionários administrativos imobilizaram-se, assombrados,diante da ameaça à vida dos dois chefes. Ninguém reagiu, acompanhando, impotentes, a fuga de arrojo inaudito.

Quando Aguirre avistou uma camioneta parada diante da porta da Diretoria, caminhou, com sua presa, em sua direção. Nesse instante, contudo, um funcionário, os cabelos grisalhos, chegou apavorado com um revólver à mão. Ibarra, imediatamente, deu a ordem irrefutável:

- Fique quieto, Genaro! Não faça besteira! Guarde a arma!

Alcançando o veículo, Aguirre perguntou:

- Onde está a chave?!

- Vá buscar a chave, Genaro! - ordenou Ibarra ao subalterno.

Depois Aguirre pediu a Carvajal:

- Veja se tem combustível, Carvajal!

Com a chave do veículo, trazida depressa pelo funcionário, e a constatação de que estava abastecido, os seis fugitivos e seus reféns ocuparam-no precipitadamente, ouvindo Ibarra,que ainda tentava dissuadi-los:

- Desistam desta loucura, rapazes! Vocês não vão conseguir! Toda a Polícia irá atrás de vocês! É besteira grossa, deponham as armas! Prometo não punir vocês!

Aguirre, impaciente, empurrou violentamente o Diretor para dentro da camioneta. E disse:

- Cala a boca, seu merda! Suas promessas valem menos do que titica de galinha! Não se lembra do Artigas, que tentou fugir, e vocês recapturaram, para matá-lo com um tiro na cabeça?!

O grupo instalou-se no interior do veículo, Carvajal ao volante.

Ligou o motor, enquanto Aguirre dizia ao Diretor:

- Mande a guarda abrir o portão, "seu" Ibarra! E muito cuidado, senão aperto o gatilho!

- Pode abrir o portão, Sargento Elias! Vamos, abra depressa! - gritou Ibarra ao de plantão.

Vagarosamente, o portão de ferro abriu-se, deixando passar a camioneta, que disparou pelas ruas de Iquitos.

Depois que cruzou a cidade, por ruas periféricas e caminhos isolados, o veículo dos fugitivos ganhou a estrada de terra que liga Iquitos a Francisco Orellana, itinerário de tráfego escasso.

O plano de fuga previa alcançar Santa Maria de Nanay, à margem do Marañon, e chegar a Indiana, localidade próxima à embocadura do rio Napo com o Marañon, onde o grupo aguardaria o navio-gaiola brasileiro, de volta ao Brasil, rio-abaixo.

Mas Juan Diaz, conhecedor profundo da região, advertiu que correriam certo risco se atravessassem Nanay, cujo destacamento policial certamente seria informado da fuga.

O grupo decidiu, quilômetros adiante, abandonar a estrada e, por uma trilha, seguir pela selva.

E fizeram aos gritos, eufóricos, comemorando o êxito da fuga.

A algazarra, presenciada com desconfiança pelos dois reféns, era tão entusiástica que Aguirre, a certa altura, aconselhou:

- Calma, minha gente! É melhor deixar a comemoração para depois!

O bando aquietou-se. Zimaco se aproveitou para indagar:

- Onde é que vamos deixar estes dois calhordas?!

- O Juan é quem vai decidir! - explicou Aguirre.

- O Juan?! E por quê o boliviano?

- Mais tarde você vai saber! - prometeu Aguirre.

O carro avançou, rompendo a mata, batendo em galhos e folhagens, ziguezagueando na trilha de terra.

Estavam na selva amazônica, portentosa, ocultando o sol, que pairava sobre a fronde verdejante e o impedia de entrar. Embaixo, apodrecendo na terra úmida, galhos, folhas e troncos de castanheiras, samaumeiras, samambaias, piranheiras, tiriricas, seringueiras e cacaueiros, a mata de terra firme, a mata úmida e dos igapós, a mata das várzeas, inundadas pelas enchentes. Sua imponência causava respeito aos fugitivos, que se sentiam felizes, excitados como crianças diante da liberdade duramente ne conquistada.

A selva, para muitos o inferno verde, para aqueles foragidos parecia um jardim, com as flores e a beleza do paraíso.

Olhavam tudo com olhos aguçados pela curiosidade e uma alegria secreta iluminava-lhes a fisionomia dura e sofrida, embriagados de ar puro, do perfume das flores, de caminhos abertos. Seus rostos pareciam ter pureza, uma enternecida doçura.

Contemplavam com emoção aquele admirável mundo vegetal, agora ao seu alcance. Faziam silêncio e escutavam o majestoso silêncio da mata, "um silêncio sinfônico - como escreveu Ferreira de Castro -, feito de milhões de gorjeios longínquos que se casavam ao murmúrio suavíssimo da folhagem, tão suave que dir-se-ia estar a selva em êxtase".

Enquanto isto, no porto de Iquitos, o "Amazonas" preparava-se para iniciar a viagem de volta ao Brasil.

Caruana fizera compras, revira amigos, repousara um pouco, pronto para a segunda etapa da longa viagem, descendo agora o rio de três nomes.

Dois dos passageiros, embarcados em Iquitos, eram conhecidos do comandante, de viagens anteriores: um cientista francês, Michel Leroy, etnólogo de renome internacional, e o frade franciscano Giovanni Massotti, da Prelazia de Santarém, este vindo à cidade para reunião religiosa, aquele

para pesquisas e estudos que o mantiveram no Peru por seis meses.

Como Leroy e Frei Massotti se conheciam e, ao que tudo indicava, se estimavam, foi fácil para Caruana acomodá-los num mesmo camarote, deixando disponíveis os outros para os viajantes de outras cidades peruanas, onde o navio escalava e, principalmente, de Benjamin Constant, São Paulo de Olivença e outras cidades brasileiras, que forneciam uma clientela maior e mais freqüente.

Depois das formalidades, das despedidas e a troca de amabilidades entre brasileiros e peruanos, que se entendiam bem, Caruana afastou o "Amazonas" do cais e o levou ao centro do rio.

A notícia da fuga dos seis presidiários chegara rapidamente ao porto, com a recomendação às embarcações que iriam partir, para que mantivessem toda precaução nas localidades onde ancorassem.

Depois de rodar uns 30 quilômetros pela trilha da selva, o veículo dos fugitivos chegou a uma clareira coberta de musgos, cipós e arbustos, quando Juan Diaz pediu a Carvajal, firme no volante:

- Pare por aqui, Carvajal!

Assim que a camioneta estacionou, à margem da estradinha, Juan Diaz desceu e explicou aos companheiros:

- Aqui está perfeito! Podemos descer. Um de nós fica no carro, vigiando o Tenente e "seu" Ibarra.

- Fique você, Ridruejo, que é bom de gatilho. - propôs Aguirre.- Mas cuidado com estes cretinos! Se tentarem fugir, fogo neles!

O grupo afastou-se alguns metros e, perto de uma samaumeira, conferenciou com o boliviano, em voz baixa.

No carro, desconfiados, Ibarra e Ramirez comentaram, baixando o tom da voz:

- O que será que estão tramando, Diretor?...

- E como é que vou saber, Tenente! Coisa boa não deve ser!

Pouco depois os fugitivos voltaram. Aguirre pediu então a Ridruejo:

- Traga os dois para fora, Ridruejo!

Temendo uma cilada, suspeitosos, Ramirez e Ibarra deixaram lentamente o veículo.

Aguirre aproximou-se do Diretor e, com falsa cordialidade, anunciou:

- O senhor está livre, "seu" Ibarra! Comportou-se bem, pode ir embora!

Voltou-se para o Tenente e completou:

- O senhor ainda não, Tenente! Ainda fica algum tempo conosco! Gostamos muito de sua companhia!

Ibarra, suspeitando das intenções dos fugitivos, hesitou, parado no mesmo lugar. Mas Juan Diaz apontou-lhe o revólver e atirou, errando o alvo, de propósito.

- Não ouviu?! O senhor está livre, "seu" Ibarra! Pode ir andando!

O Diretor, com mau pressentimento, começou então a caminhar, vagarosamente, pela trilha na mata. Mas Zimaco interceptou-lhe os passos, apontando na direção de um igapó:

- Pela estrada não, "seu" Ibarra! O senhor pode seguir na direção daquela seringueira!

Ao lado da árvore, coberto de vegetação, o charco, visto de longe, parecia terra firme.

Desconhecendo os segredos da selva, o Diretor caminhou no rumo indicado. Mas o fez com lentidão, suspeitando de alguma cilada, um tiro nas costas, um linchamento inesperado.

Aguirre, impaciente, deu uma rajada de metralhadora para o alto e gritou:

- Ande depressa, homem! Não está querendo ir embora?

Ibarra, sem saída, apressou o passo, aproximando-se do igapó, enquanto, parados ao lado do veículo, os fugitivos observavam, em silêncio.

Quando o Diretor alcançou o igapó, caminhou alguns metros com passos vacilantes. Até que, não encontrando mais apoio, começou a afundar.

Só então compreendeu a trama diabólica que lhe fizeram, e o terror cobriu-lhe o rosto de palidez.

Sem equilíbrio, afundando cada vez mais no paúl pegajoso, Ibarra tentou amparar-se em galhos, cipós e folhagens que recobriam o pântano. Nada, contudo, impedia que ele afundasse no charco.

Apavorado, com gestos grotescos, começou a gritar, desesperado, pedindo socorro, tentando equilibrar-se na vegetação traiçoeira.

Espectador indefeso da cena, Ramirez quis socorrer o Diretor. Mas Aguirre, barrando-lhe o caminho, encostou nele o cano da metralhadora e falou:

- Quietinho, Tenente! Ou será que o senhor também está querendo nadar naquela piscina?

Foi quando Zimaco, dando alguns passos na direção do Diretor, começou a gritar:

- Peça perdão a Deus por seus pecados, "seu" Ibarra! Peça perdão ao Montenegro, que o senhor matou de pancadas, na solitária!

O Diretor, com as pernas metidas no lodaçal até a cintura, exclamou, com voz roufenha:

- Não fui eu! Não fui eu! Foi ele, o Tenente, foi ele, o Tenente!

Aí o Chefe da Guarda se enfureceu com a acusação imprevista:

- Eu?! Ora, que filho da puta! Foi você mesmo, veado, canalha miserável!

Carvajal, por sua vez, exarou também sua raivosa acusação:

- E o coitado do Pablito, "seu" Ibarra? O coitado do velhinho, que vocês "suicidaram" no "Curral dos Porcos"? Já se esqueceu?

- E o Mário, que morreu de fome na solitária? - gritou, patético, Aldo Ridruejo.

Enquanto ouvia as acusações, como no Juízo Final, Camilo Ibarra continuava a debater-se no charco imundo. Seus gestos, contudo, só serviam para atolá-lo cada vez mais no igapó.

Em meio ao desespero e aos esforços inúteis para manter-se à tona, ouviu ainda a voz acusadora de Miguel Viana:

- Não se lembra do Martin, "seu" Ibarra?! Doente do pulmão, tossindo sangue, deixaram o coitado nu, na noite gelada, pedindo a proteção da Virgem Maria? E o Meliande, que enlouqueceu de tanto choque elétrico?

- E o Juanito, que vocês atiraram da torre, forjando uma fuga? - acusou Juan Diaz, furioso.

E gritou mais alto:

- Lembra-se do crânio arrebentado daquele infeliz?!

Ibarra, enquanto isso, já tinha o tronco chafurdado no charco, deixando de fora apenas a cabeça e o pescoço. Tinha os olhos estatelados e

uma palidez mortal cobria-lhe o rosto.

Antes de desaparecer totalmente no pântano, ainda ouviu a voz possante de Aguirre, ecoando na mata:

- Peça perdão a Deus por seus pecados, "seu" Ibarra! É a única coisa que pode fazer, antes de descer aos infernos!

De repente, com o peso do corpo, o queixo, a boca, o nariz, os olhos, a testa e, finalmente, o topo da cabeça do justiçado afundaram no paúl, com rapidez espantosa, levando consigo galhos, folhagem, musgos, cipós e arbustos.

Depois tudo ficou em silêncio, um silêncio macabro que emudeceu toda a mata. O pântano voltou à sua feição natural, como se nada houvesse acontecido.

No carro, atônito, o Tenente convencera-se de que seu destino seria idêntico, principalmente quando Aguirre lhe disse, com desprezo:

- Espere sua vez, Tenente Ramirez! O senhor também vai pagar pelos pecados!

Voltou-se para os companheiros e avisou:

- Fiquem de olho no homem! Vou dar uma volta com Juan!

Juntou-se ao boliviano e os dois caminharam na mata uns quinhentos metros, afastando galhos, cortando cipós, observando árvores e arbustos.

No recesso da floresta, avistaram o entrelaçado das lianas, trepadeiras, cipós-parasitas que abraçavam os troncos ou pendiam de galhos; ouviram vozes estranhas e imprecisas, gorgeios diferentes, gritos agudos de animais assustados e, vindo do alto, o sibilar do vento na copa das árvores.

- Tem certeza de que aqui tem <u>árvore-da-cera</u>, Juan? - perguntou Aguirre.

- Tenho. Conheço o cheiro dela, você vai ver!

Andaram mais alguns metros, até que o boliviano se deteve, observando atentamente uma pequena árvore, quase um arbusto.

- Aqui está, Aguirre!

A planta, da família das oleáceas, era encorpada e de seus galhos pendiam pequenos frutos de coloração amarelada, pouco menores do que pêssegos.

Juan Diaz colheu alguns deles, que guardou num saquinho. Depois voltou

com Aguirre para junto dos companheiros, na clareira.

Quando os avistou, Miguel Viana brincou:

- Foram caçar passarinhos?

Juan Diaz aproximou-se do grupo, parado junto à camioneta, apontou para Ramirez e respondeu:

- Para o Tenente, só se for urubu!

Chegou mais perto do militar, carregando o saquinho com os frutos da mata, e disse:

- Chegou sua vez, Tenente Ramirez.

Aguirre, que bebia água num cantil, acercou-se também do Chefe da Guarda e falou, com voz firme:

- Tire a roupa, Tenente.

O militar, muito espantado, continuou imóvel, sombrio.

Aguirre, de súbito, aplicou-lhe violenta bofetada no rosto e repetiu, com raiva incontida:

- Vamos, tire a roupa, canalha!

Ramirez, contudo, não se mexeu. E exclamou, com arrogância:

- Soy hombre! Não faço isto, cachorro!

Carvajal, chegando em auxílio do chefe, deu outra bofetada no militar e explicou:

- Se ele não quer, Carlos, não tem importância. A gente tira à força!

Os fugitivos imobilizaram, então, o Chefe da Guarda, que se debatia freneticamente, repetindo:

- Soy hombre! Soy hombre, canalhas! Por quê não vão foder a puta que os pariu?!

Aí os presidiários se enfureceram e, com socos e pontapés, arrancaram de qualquer maneira a farda do militar, retirando-lhe, inicialmente, o boné, com um tapa, depois a jaqueta, o culote, as botas e a camiseta.

O strip-tease divertia os foragidos que, da raiva, passaram à galhofa e desta ao sarcasmo, à medida que o corpo obeso do Tenente ia sendo despojado do uniforme.

Quando Juan Diaz avistou um cordão com medalhinha no pescoço do militar, não resistiu e comentou, irônico:

- Olhem só! O Tenente é muito religioso! Tem uma medalhinha no peito!

Zimaco tocou na medalha e completou, no mesmo diapasão:

- Que homem piedoso! Devia ser padre, em vez de carcereiro!

Ridruejo veio espiar o santinho:

- Vejam só! É Nossa Senhora de Guadalupe!

E perguntou ao Chefe da Guarda, com um sorriso de deboche:

- O senhor gosta muito de rezar, Tenente?

Ramirez limitou-se a olhá-lo, desdenhosamente. E nada respondeu.

Miguel Viana interveio, então, com maldosa ironia:

- Vai ter o céu garantido! Quem sabe não rezou pela alma do Pablito, do Montenegro, do Juanito, de tantos outros, e, agora, também do Diretor?! Não rezou, Tenente?!

Ramirez, impassível, nada dizia, erecto, inquebrantável.

Despojado do culote, dos sapatos, das meias, o militar ficou só de cueca.

Aguirre, meio em dúvida, perguntou a Juan Diaz:

- É pra tirar também a cueca, Juan?

- A cueca também. O Tenente deve ficar peladinho, como nasceu!

Apesar de fortemente detido, Ramirez tentou desesperadamente libertar-se, dando pontapés, cuspindo no rosto dos fugitivos, esbravejando:

- Me soltem, canalhas! Soy hombre! Cachorros, filhos de uma puta!

Aguirre, subitamente, com um gesto inesperado, arrancou-lhe a cueca, dizendo, com ódio:

- Ninguém quer o teu cu imundo, canalha! Nem para isso você presta!

Depois, vislumbrando a poucos metros uma maçaranduba, falou:

- Vamos amarrar o homem naquele tronco!

Ramirez foi então arrastado para a árvore e nela amarrado fortemente com cordas.

Terminada a tarefa, Zimaco perguntou ao líder do grupo:

- E agora, Aguirre? A gente deixa o Tenente amarrado, e vai embora?!

- Calma, Zimaco! O plano foi bolado por Juan, e falta una cosita, um detalhe importante!

Juan Diaz, efetivamente, sem pressa, foi apanhar o saquinho, que colocara sobre o capô do carro. Voltou em seguida para junto de Ramirez, que o observava sem nada entender, com olhos suspicazes, cheios de desprezo.

O boliviano abriu o saquinho e, com uma faca, começou a cortar os frutos da árvore-da-cera. Deles escorreu, então, uma espécie de graxa com

a consistência de sebo e coloração cinzo-amarelada.

Retirou depois um lenço sujo do bolso, embebeu-o com a substância oleosa, aproximou-se do prisioneiro e, com ela, besuntou-lhe o corpo, de alto a baixo, de que resultou a exalação de um cheiro ácido e forte.

Ramirez, calado, limitava-se a encarar o boliviano com expressão estupidificada.

Com exceção de Aguirre, os outros fugitivos, que desconheciam o efeito daquele ritual, beirando a bruxaria, permaneciam calados, cheios de surpresa.

Depois que terminou a besuntação, Juan Diaz limpou as mãos em folhas secas e disse aos companheiros:

- Pronto! O Tenente está preparado! Vamos para o carro!

O bando afastou-se para junto da camioneta.

- Ninguém faz barulho! - recomendou o seringueiro.

Fez-se um grande silêncio e a selva pareceu cobrir-se de mistério e expectativa.

Pouco adiante, amarrado no tronco da maçaranduba, o corpo untado com a resina do fruto, Ramirez esperava, atônito.

Foi quando, silenciosamente, atraídas pelo cheiro forte da graxa vegetal, chegaram do mato serpentes de várias cores e tamanhos: cascavéis, corais, jararacas, sucuris, urutus, grossas e finas, venenosas ou sem veneno. E até a mãe d'água, que os índios Mainas chamam de Iacu-Mama, capaz, segundo eles, de atrair irresistivelmente pela respiração os animais que se aproximam, e que ela devora em poucos instantes.

Com as cobras, também foram chegando, saindo de esconderijos da selva, as formigas temíveis: as formigas do fogo, vermelhas, agressivas; as tracuás, escuras e ferozes; as saúvas e tocandeiras, habitantes de galhos podres e caídos; as saca-saias, pavor do tapuio, do seringueiro, dos bichos e aves.

Vendo-as chegar, silenciosas, atraídas pelo odor da resina, Ramirez estremeceu de horror, antevendo seu terrível destino.

Mais adiante, impressionados com o espetáculo, mas, intimamente, vibrando com o castigo que o carrasco ia sofrer, os fugitivos certificaram-se de que, finalmente, chegava ao fim a vida do homem que odiavam.

Sentiam-se vingados das torturas e humilhações; experimentavam um sentimento selvagem de poder, de mistura com asco e um prazer inebriante.

- Está fodido! - exclamou Ridruejo, em voz baixa.

- Puta merda, que morte horrível! - comentou Zimaco, persignando-se.

- Castigo bom para um filho da puta! - completou Miguel Viana, o olhar contraído, voltado para dentro, mesclando a imagem de Ramirez com a de muitas de suas vítimas, agora vingadas.

Enquanto isto, formigas e ofídios aproximam-se do infeliz, atraídos pelo odor embriagante da resina.

Vendo-as tão próximas, Ramirez passou da perplexidade ao terror, e deste à fúria desatinada. Começou a gritar, alucinado, voltando-se para seus captores:

- Filhos da puta! Filhos de uma cadela, ainda vão pagar por esta barbaridade!

Apesar de ter braços e pernas amarrados, conseguia movimentar pés e mãos e tentava, desesperadamente, afugentar as serpentes e formigas.

Os seis presidiários, da mesma forma como haviam agido com o Diretor, iniciaram em voz alta o julgamento do réu, relatando os crimes que cometera:

- O senhor tem a coragem de falar em barbaridade, Tenente?.. - apostrofou Juan Diaz.- E o que fez com o desgraçado do Martinez?

- E com o Diego, Gómez, Salinas, Cristóbal, Ricardo - quantos mais, miserável? Torturados sem piedade, sem defesa! - berrou Zimaco, possesso.

- E o Villafuerte, com os colhões esmagados, um cabo de vassoura enfiado no cu? - vociferou Carvajal, os olhos rútilos de ódio.- E ainda fala em barbaridade, seu filho da puta?

Naquele instante, estremecendo de horror e repugnância, o pobre diabo sentiu a primeira cobra subir-lhe pelo corpo. E gritou mais forte, enlouquecido de rancor:

- Vocês vão pagar por isto, cachorros, miseráveis, filhos de uma puta!

- Quem está pagando pelos crimes é você, canalha, carrasco ordinário! Quantos presos você matou de fome, Tenente? Quantos matou de pancada, de choque-elétrico, de traição, de tortura, de crueldade? - fustigou Miguel Viana, os punhos cerrados, transpirando de raiva.

- Já se esqueceu do Montoya, que você envenenou na prisão? Do Miguelito, fuzilado pelas costas; do Antúnez, atirado no fosso? - acusava Ridruejo, apoplético.

Outras cobras e milhares de formigas subiam agora pelo corpo do Chefe da Guarda, lambendo a resina oleosa.

Ao contato asqueroso dos ofídios, Ramirez fazia gestos frenéticos, em convulsões grotescas, tentando afugentá-los, a fisionomia devastada pela angústia. Em vez disso, no entanto, só conseguia enfurecê-los, levando-os a morder-lhe raivosamente o corpo nu.

Transido de pavor e repugnância, o desgraçado começou a expectorar, gemendo e chorando convulsivamente, sem ouvir o libelo condenatório dos presidiários, que prosseguiam:

- Suas vítimas, Tenente, gritaram de dor, pediram misericórdia, puseram-se de joelhos, suplicaram piedade! Mas você, com aquele sorriso cínico e perverso, divertia-se com o sofrimento dos coitados! - acusava Aguirre.

- Além disso, miserável, seus crimes ficaram impunes, aplaudidos pela corja de apaniguados, pela tropa de bandidos fardados! - completou Carvajal.

Enquanto isto, entregues à fúria irracional, serpentes e formigas haviam invadido todo o corpo despido do policial, mordendo-o, ferroando-o da cabeça aos pés.

A cena era de forma escabrosa, que até os fugitivos se calaram, arrepiados de asco e horror. Foi quando Aguirre, preocupado com a longa interrupção da fuga, propôs aos companheiros:

- Vamos embora, gente! Perdemos muito tempo por aqui! A Polícia deve estar atrás de nós!

Voltaram à camioneta. Antes de partir, Aguirre voltou-se para Ramirez e gritou:

- Agora que vai descer às profundas do inferno, Tenente, peça perdão a Deus por seus pecados! E fique aí com suas cobras e formigas, a companhia que merece!

Entrou na camioneta e bateu a porta. Carvajal ligou o motor e pôs o veículo em movimento, afastando-se na mata e, mais adiante, numa curva, desaparecendo entre as árvores.

## Os Índios sem Paraíso

Descendo o rio Marañon, o navio de Caruana era um ponto móvel e pequeno na paisagem imponente do vale, cercado pela floresta tropical.

O "Amazonas" transportava mais carga do que passageiros, principalmente produtos manufaturados em alpaca e algodão, artigos de tapeçaria e objetos de arte, fabricados em ouro, prata, madeira, etc., destinados a Belém e, de lá, ao México, Estados Unidos e Europa.

No trecho peruano, as refeições incluiam pratos típicos do país, como salada de chonta, semelhante ao palmito; o juane, cabiche de paiche, ou as sopas famosas, como o inchicapi, a mazamorra de gamitana e o timbuche, um caldo de pescado muito apreciado pelos turistas.

Também ocupavam as prateleiras da adega do gaiola as bebidas peruanas, como o masato, de origem nativa, o shibé, preparado à base de farinha, ou a aguajina, um apreciado refresco com base na fruta do aguaje, a palmeira da região.

Além delas, também os garçons do navio, quase todos de origem indígena, serviam refrescos fabricados de frutas locais, como o ungurahui e o camu-camu.

Os mais audaciosos, buscando emoções mais fortes, pediam as bebidas preparadas à base de raízes vegetais e aguardente, como o chuchuhuasi e o huitochado, aos quais se atribuiam poderes afrodisíacos e reconstituintes.

Sentados nas espreguiçadeiras do convés superior, Frei Massotti e Michel Leroy bebiam aguajina, que um mameluco lhes trazia periodicamente.

Abanavam-se com leques comprados em Iquitos, afastando as insistentes carapanãs e, com menos eficiência, refrescando o rosto do calor escaldante.

Ex-aluno de Paul Rivet, no "Musée de L'Homme", de Paris, o antropólogo e etnólogo francês Michel Leroy, formado pela Universidade de Lyon, chegou ao Brasil no início da década de 50.

Interessado no estudo das tribos indígenas da região amazônica, iniciou pesquisas no Estado do Pará, de onde, após dois anos de viagens e

observações em Belém, Breves, Gurupá, Almeirim, Alenquer, Santarém, Óbidos, Oriximiná e outras localidades daquele Estado, deslocou-se para o Amazonas. Naquele Estado, a partir de Manaus, percorreu o Rio Negro, alcançou Boa Vista e, em seguida, através do Solimões, penetrou no Peru e chegou a Iquitos, onde realizou importantes estudos sobre o amálgama racial peruano-brasileiro.

Era um homem solitário e afável, exigente na escolha de colaboradores e amigos, vestido sempre com apuro e equipado com diversos petrechos de pesquisa e documentação, como: máquinas de filmar, fotografar e gravar.

Fora casado na França com uma colega, também pesquisadora, morta num acidente na África, deixando-lhe recursos financeiros para novas viagens ao continente africano, à Ásia, à Oceania e à América do Sul.

A longa permanência no Brasil transformou-o em celebridade internacional, com numerosos trabalhos publicados no "Journal de la Societé des Américanistes", no "Handbook of South American Indians", do Bureau of American Ethnology, onde pontificavam Claude Lévi-Strauss, Franz Boas e Roman Jakobson.

A base dos estudos e pesquisas de Michel Leroy, na região amazônica, centrava-se na miscigenação racial de índios e brancos e suas lamentáveis conseqüências para a sobrevivência das tribos daquela vastíssima região.

Da mesma forma que Agassiz, Wallace, Bates, La Condamine, Spix e Martiuns, Darwin, Hercules Florence, Lévi-Strauss, José Veríssimo, Couto de Magalhães, Arthur Ramos e muitos outros viajantes, historiadores e cientistas devotados à Antropologia e Etnologia amazônica, também Michel Leroy interessou-se profundamente pelo estado de decadência a que haviam chegado as raças indígenas sul-americanas, a partir da presença dos colonizadores, preadores, missionários e emigrantes nacionais e internacionais.

Seu companheiro de viagem, com o qual compartilhava o mesmo camarote no "Amazonas", o frade Giovanni Massotti, também embarcara em Iquitos, onde estivera em visita à missão franciscana ali sediada, regressando de navio à Prelazia de Santarém da Ordem Franciscana, onde servia.

Frei Massotti era conhecido e estimado em toda a Amazônia, não só

devido a seu notável poder de catequese, como, sobretudo, pelo caráter generoso de seu apostolado, sempre pronto a ajudar os semelhantes e, em particular, os índios, objeto de seu vigor missionário.

Nascido na Itália, ingressara aos 20 anos na Ordem Franciscana, interessando-se particularmente pela atividade missionária entre os não-cristãos.

Com apenas 28 anos de idade, veio para o Brasil, atraído pela obra dos franciscanos em terras brasileiras, onde chegaram no século XVI, fundando a Custódia de Santo Antônio, com sede em Olinda; instalaram, em fins do século XVII, as Províncias Franciscanas da Imaculada Conceição e de Santo Antônio, com três comissariados na Amazônia e, em meados do século XVIII, atuando evangelicamente em mais de 50 missões, sendo 26 espalhadas na região amazônica.

Depois de trabalhar em diversas missões, Frei Massotti integrou-se, afinal, na Prelazia de Santarém, prestando inestimáveis serviços à Missão de São Francisco do Cururu e à catequese dos índios Mundurucus.

Com a divulgação de sua obra apostólica no Cururu, passou a viajar constantemente, subindo e descendo os grandes rios do vale, solucionando desinteligências entre missionários, reerguendo missões em crise, introduzindo novas técnicas de catequese, ensino e profissionalização.

Durante esses deslocamentos, pôde também Frei Massotti observar, contristado, o triste estado das tribos indígenas e, lamentavelmente, a degradação a que chegaram seus descendentes.

Foi quando conheceu Michel Leroy, companheiro solidário em sua justa indignação, trocando prolongadas considerações sobre os cada vez mais reduzidos remanescentes puros da raça indígena, imunes ainda à ação degenerescente dos brancos, como os índios Iáguas, habitantes do Norte peruano e região fronteiriça brasileira, famosos pelo uso, em guerras e caçadas, de flechas envenenadas com curare; os Boras, do tronco tupi da fronteira Brasil-Colômbia-Peru, vivendo ainda da caça e pesca; os Cubeos, habitantes da bacia do alto Rio Negro e, finalmente, os Tukunas, do grupo linguístico aruaque.

- Visitei algumas aldeias dessas tribos, infensas à ação devastadora do branco - dizia Leroy ao sacerdote italiano, no tombadilho do "Amazo-

nas".- Vi índios sadios, fortes e pacíficos, ocupados com sua vida tribal, suas caçadas e pescarias, ou com seu artesanato de nítida influência incaica.

Depois, chamando a atenção para a predominante mestiçagem em Iquitos, no navio e nos portos de escala, prosseguiu o cientista:

- Veja o dramático resultado dos cruzamentos raciais, das matanças, das invasões, da imigração predatória de uma desqualificada mão-de-obra do Brasil e do exterior.

Retirou um caderno de anotações do bolso largo da túnica, examinou alguns dados e continuou:

- Os quase dois milhões de indígenas, estimados pelo Padre Antônio Vieira somente na região amazônica, ao tempo da descoberta e início da colonização, estão hoje reduzidos a menos de 250 mil. Dos 230 grupos tribais existentes no Brasil em 1900, só sobreviveram 140.

- Ensina o professor Darcy Ribeiro - explicou o etnólogo francês - que do início do século até 1957 mais de 80 tribos entraram em contato com a população branca e foram desculturadas, ou destruídas pela doença e a contaminação. Somente nas regiões extrativistas de borracha, castanha, minérios, ouro, etc., 59 tribos foram inteiramente dizimadas.

Guardou o caderno no bolso, acendeu o cachimbo, pensativo, os olhos pousados na selva. Depois, com o semblante toldado pela revolta, continuou, com o forte sotaque gaulês:

- E dizer que aqui já foi o éden de milhares de tribos, vivendo num tempo em que, no dizer de Gastão Cruls, "condensavam-se em grandes e inumeráveis nações tribais, ocupando regiões cobertas de florestas e cortadas de rios, tornando a vida fácil e prazerosa".

- Vida fácil e prazerosa, que ironia cruel! - interveio Frei Massotti, desalentado e solidário com a cólera do cientista -. Hoje vivem quase de esmolas, ou de atividades marginais, em situação de subemprego, vendendo bugigangas, bebendo cachaça, em precaríssimas condições de saúde, higiene e moradia.

Leroy deu mais duas ou três cachimbadas, concatenando as idéias. E voltou a comentar:

- A conseqüência da miséria dessa "ação civilizadora" dos brancos,

pode ser aferida pelas duras palavras de Louis Agassiz, escritas no século passado, e que talvez o amigo conheça: "O resultado de ininterruptas alianças entre mestiços é uma classe de pessoas em que o tipo puro desapareceu, e com ele todas as boas qualidades físicas e morais das raças primitivas, deixando em seu lugar bastardos tão repulsivos quanto os cães amastinados, que causam horror aos animais de sua própria espécie, entre os quais não se descobre um único que haja conservado a inteligência, a nobreza, a afetividade natural que fazem do cão de pura raça o companheiro e o animal predileto do homem civilizado".

Apanhou novamente o caderno de anotações, passou algumas páginas e voltou a dizer:

- Também anotei estas palavras candentes de José Veríssimo, escrevendo sobre a degradação das raças indígenas puras: "É a prova eloqüente que as perseguições, a falsa catequese, todos os crimes que a cobiça baixa engendrava, fizeram de uma raça selvagem, mas talvez aperfeiçoável, uma gente abastardada, dissimulada, odiando a civilização ou amando unicamente os vícios que fatalmente ela acarreta consigo: a bebedice, a rapina e a hipocrisia".

Depois de vasculhar o caderno de anotações, Michel Leroy disse ao franciscano, que o escutava com grande atenção:

- O prezado amigo há de perdoar-me, mas não resisto à tentação de ler outro trecho contundente de Veríssimo, talvez um pouco desagradável para seus ouvidos de missionário.

- Leia, leia, caro professor! - insistiu Frei Massotti, curioso -. Já faço uma idéia do que seja!

Michel então começou a ler:

- "O que se pode condenar, e que a historia deve altamente reprovar, é que o povo conquistado tenha ficado longe de sua verdadeira missão, esquecendo-se que, como civilizado e cristão, ele tinha o dever de não confundir aproveitamento com perseguição. A história registra com horror os crimes atrozes que, à sombra da Cruz e da Lei, se praticavam".

O diálogo resvalara para um terreno polêmico, deixando Frei Massotti particularmente interessado, já que o assunto agora tocava-o diretamente. Desta forma, com certa exaltação, comentou:

- Não nego que houve excessos e distorções na catequese religiosa dos índios. Mas, caro professor, o senhor não poderá negar, de sã cons-

ciência, a extraordinária obra civilizadora dos missionários, desde os jesuítas, com Anchiete e Nóbrega, aos franciscanos, capuchinhos, carmelitas, maristas, etc. Não fossem eles, através de ingentes esforços de alfabetização, evangelização, aprendizado de práticas agrícolas e trabalhos manuais, da incorporação, ao mundo civilizado, de milhares de silvícolas e, principalmente, de sua defesa contra preadores, escravizadores e invasores de suas terras, nem esses 250 mil aborígenes estariam vivos!

À medida que falava, Frei Massotti adquiria eloqüência e um ardor apologético que impressionava-me, ao mesmo tempo, divertia-o cientista francês, que o ouvia com grande interesse, aspirando e soltando fumaça do cachimbo inglês.

Frei Massotti, alheio aos pensamentos irônicos do etnólogo, prosseguia, veemente:

- O senhor, em suas viagens, conheceu, ou, pelo menos, avistou muitas cidades, aldeias e povoados fundados pelos jesuítas e outros missionários católicos, como Samuel Fritz, que fixou e amparou, à margem do Solimões, dezenas de tribos indígenas.

- Um momento, caro Frei Massotti, um momento! - interrompeu Michel Leroy.- Li, tempos atrás, mas não me recordo onde, acusações muito sérias a esse famoso jesuíta, Samuel Fritz, defensor intransigente da ambição territorial da Espanha no Amazonas, à qual prestava serviços, fundando várias aldeias à margem do Solimões, em fins do século XVII. O jesuíta, de origem alemã, estava, aliás, convencido de aquela região pertencia à Espanha. Felizmente tenho boa memória, e também me lembro de que em 1708 o então Governador do Grão-Pará enviou "uma tropa sob o comando do Capitão Inácio Correia de Oliveira, para fazer evacuar ditas aldeias", das quais era então responsável o padre João Batista Sana. Esse padre, simulando obediência à ordem de retirar-se, seguiu para Quito onde obteve "uma força armada com que desceu o Marañon e o Solimões, investiu contra as aldeias e cometeu toda sorte de depredações, aprisionando o comandante e muitos soldados da tropa inimiga", inclusive centenas de índios da região.

- Para retomar as aldeias, o senhor talvez não saiba, professor - interveio irritadamente o sacerdote - o Governador do Grão-Pará enviou nova expedição comandada pelo sargento José Antunes da Fonseca, cabendo a vitória, desta vez, aos portugueses, mas à custa da devastação das aldeias e à morte de incontáveis aborígenes das tribos Nuruaques, Cauixanas, Jumanas, Passés, Pamanas, Juris, Tupebas e várias outras.

A polêmica prosseguiu, ardorosa, já agora em forma de disputa, querela ou rixa, crescendo de intensidade e eloqüência.

- Além dos conflitos bélicos entre portugueses e espanhóis - continuou Frei Massotti -, provocados por litígios territoriais, o que dificultou a ação missionária foi a política portuguesa, de forte estímulo à miscigenação racial, a ponto de conceder favores materiais aos colonos que se casassem com as damas da terra, provocando, com isso, choques entre colonos e missionários, aqueles ávidos de mão-de-obra escrava, estes defendendo a liberdade dos indígenas convertidos. A tal ponto chegaram

os conflitos que o Marquês de Pombal, como o senhor sabe, decretou a extinção das missões religiosas instaladas no Norte e Nordeste do Brasil, ocasionando rápida decadência no país.

Fatigado, talvez, da longa peroração e, sobretudo, da ênfase com que defendia a posição religiosa, Frei Massotti calou-se e aspirou o ar quente que o fazia transpirar abundantemente.

Disso, provavelmente, aproveitou-se Michel para, de novo, pespegar seu ponto de vista:

- Com o devido respeito, Frei Massotti, recordo que o próprio Anchieta, tão louvado pela Igreja, escreveu em 1561 carta a Tomé de Souza, na qual, refletindo sobre a pregação do Evangelho entre os silvícolas, afirmou: "Por temor se hão de converter mais que por amor". Talvez esta carta tenha levado Couto de Magalhães a considerar, no livro "O Selvagem", que, "por outro lado, os padres jesuítas antigos, que com serem grandes homens, nem por isso deixaram de ser homens, participaram em grande parte dos defeitos de seus contemporâneos. Naquele tempo a crença no poder do espírito maligno era tão grande que Satanás representava na vida humana um papel tão importante como o do próprio Deus".

Depois de cachimbar rapidamente, impedindo Frei Massotti de replicar, Leroy prosseguiu:

- Aliás, os missionários tinham êxito no Brasil, junto aos índios, mais pela ameaça do Inferno, do que pelas promessas do Paraíso. Com isso, submeteram as tribos a seu Credo e mando, transformando-os mais em servos do que em cristãos. Assim também pensava Varnhagen, que escreveu no primeiro tomo da "História Geral do Brasil": "A Corte, sem conhecimento do caráter dos índios, e influída pelos mesmos jesuítas, julgou a princípio dever libertar aqueles completamente. Representou o povo em contra, provando que os que pertenciam às aldeias ou missões da Companhia eram, sim, absolutamente imunes, e protegidos contra toda classe de tropel estranho, mas que, bem considerado o caso, eram verdadeiros servos; pois trabalhavam como tais, não só nos colégios, como nas terras chamadas dos índios, que acabavam por ser fazendas e engenhos dos padres jesuítas".

Frei Massotti não gostou, de forma alguma, da manifestação anticlerical do cientista francês, e replicou quase asperamente:

- Seus antepassados, professor Leroy, tentando criar no Brasil a France Antartique, comandados por Villegaignon, não prometeram também as delícias do Paraíso; transformaram os índios em bucha de canhão e os mandaram, juntamente com os portugueses, diretamente para o Inferno! E não se esqueça desse corsário sanguinário, Duguay-Trouin, que, em 1711, comandando poderosa esquadra, forçou a barra do Rio de Janeiro e, pouco depois, apoderou-se da cidade, que saqueou a ferro e fogo, dizimando os moradores que lá permaneceram! E os Boucaniers, nas Antilhas, os Flibusteiros de Montbars, o Exterminador, Morgan d'Olonne e De Grammont; os invasores da Guiana, tomando a terra aos índios e os trucidando barbaramente?

Fez uma pausa, como se buscasse recuperar a serenidade. Em seguida, diante do olhar meio espantado do francês, retirou do bolso do hábito uma folha de papel e explicou, veemente:

- Também tenho minhas anotações e citações, como este trecho do volume II da "História da Companhia de Jesus no Brasil", de Serafim Leite: "Esta é a grande honra de Portugal. Nenhum outro país colonizador (exceto a Espanha) fez da catequese a base da colonização. Quando muito, cooperadora, como é o caso da Bélgica a respeito do Congo. Deste fato, e de ser entregue à Companhia de Jesus esse encargo, se explica por que os Padres se ocupavam preferentemente dos índios. Para os brancos havia o regime metropolitano: párocos. Cultivo de vinha, transplantada, para que desse frutos e não estiolasse. Mas os índios eram pagãos. Para se transformarem em vinha do Senhor, era preciso começar de raiz. Regime, portanto, de proteção e defesa; defesa para lhes assegurar os frutos; proteção, porque sempre se ajudam mais aqueles com quem se trata direta ou expressamente e se acham precisados. Deste empenho, provieram os aldeamentos e a luta pela sua liberdade".

- Ou neste outro trecho, continuou Frei Massotti: "O apostolado dos Jesuítas tinha de ser quase individual: de índio para índio. Era preciso destruir em cada um o pendor multissecular da sua própria psicologia, afeita a antropofagias, poligamias e outros vícios carnais, e à gula, em particular bebedeiras, ajuntando-se a isto o seu nomadismo intermitente".

Houve outra pausa, provocada, certamente, pela aproximação do comandante Caruana, que fez aos dois passageiros uma observação fortuita sobre a ameaça de chuva e os ventos que iriam sacudir um pouco a embarcação.

Depois que se afastou, Frei Massotti e Michel Leroy voltaram a polemizar:

- Múito interessante a observação de Serafim Leite, na obra monumental que, infelizmente, não conheço toda - opinou o cientista. - Mas, caro Frei Massotti, também desejo citar-lhe trecho do livro "A América Trágica", do escritor americano Theodore Dreiser, onde escreveu que "a grande arma do imperialismo continua sendo a penetração missionária e a exportação de capitais".

Deu uma baforada e prosseguiu:

- O senhor também não desconhece que a penetração religiosa no Méxi-

co, no século passado, foi fundamental para assegurar a conquista do Texas. Aqui na Amazônia missionários protestantes e católicos atuam a serviço de interesses hegemônicos e propagandísticos dos Estados Unidos, como membros do New Tribes Missions, que chegam à Amazônia com volumosos recursos materiais e financeiros.

Provando, outra vez, que era um cientista bem organizado e profusamente documentado, Michel Leroy voltou a consultar o caderninho, explicando, antes de ler o que anotara numa de suas páginas:

- Faço justiça aos católicos, Frei Massotti, após conhecer, recentemente, um relatório reservado que o diretor do Serviço de Proteção aos Índios, Coronel José Luiz Guedes, remeteu ao Ministro da Agricultura, onde informou que "enquanto que as missões católicas, constituídas, normalmente, de europeus, vivem de contribuições do próprio povo, de dotações orçamentárias e até mesmo de auxílios prestados pelo S.P.I., as missões protestantes vivem de recursos próprios, recebidos em larga escala do exterior".

E continuou a ler:

- "Recebendo auxílio do exterior e dotadas de todos os recursos, tais como remédios, utensílios, armas, veículos motorizados, principalmente jipes, lanchas modernas e até aviões, prestam as missões estrangeiras aos nossos patrícios do interior toda sorte de auxílios materiais. Com isto, colocam as autoridades federais e estaduais numa situação de desprestígio perante os nossos caboclos, dando-lhes a impressão de que o Governo brasileiro nada faz por eles, enquanto que elementos estrangeiros tudo fazem. Ora, além de outras atividades nocivas aos interesses nacionais que realizam, isso constitui, indiretamente, uma verdadeira campanha desnacionalizante, com grave perigo para nosso país. Tanto isto é verdade, que já tive ocasião de ouvir vários comentários a este respeito, havendo mesmo certa senhorita amazonense me declarado que "era preferível que o Amazonas fosse americano, pois o Brasil nada fazia por aquele Estado".

Houve uma pausa maior na discussão, como se os dois antagonistas parassem para refletir, preparando o espírito para nova contenda. Mas, subitamente, com certa aleivosia, Frei Massotti investiu:

- Não se ofenda pela pergunta que vou lhe fazer, professor: o senhor,

além de ateu e, ao que tudo indica, anti-clerical, não é também comunista?

Michel Leroy não respondeu, de imediato. Deu umas baforadas no cachimbo londrino. Depois, calmo, fleugmático como um britânico, replicou:

- Tinha a certeza de que o senhor, mais cedo, ou mais tarde, iria fazer essa pergunta. Mas, caro Frei, de forma alguma me sinto ofendido com ela. Defendo intransigentemente a liberdade de expressão. Para mim valem do mesmo jeito o crente, o católico, o protestante, o ateu. Seriam, por acaso, ateus, anti-clericais e comunistas os índios que adoram o Sol e a Lua?

Cairam as primeiras gotas da chuva e um vento forte desceu da floresta, agitando as águas do Marañon.

Os dois se levantaram. Antes de se recolherem, no entanto, Michel Leroy ainda disse, com cordialidade:

- Nenhum dogma, ou credo, me empolga..., Frei Massotti. Busco apenas a verdade humana, estudo o destino dos homens, abomino as injustiças e acredito firmemente na ciência e nas descobertas que ela promove.

A chuva caiu, forte, molhando o convés.

- Vamos ao refeitório, Frei Massotti? Assim podemos tomar um vinho francês. Mas, por favor, sem discussão!

E entraram.

## Os Invasores do Inferno

No Marañon, como de resto, em toda a bacia amazônica, o gaiola, ou qualquer outra embarcação de maior calado, obrigava-se a navegar com atentos cuidados, evitando colidir com os barcos de pesca e de transporte, ou com árvores, galhos e troncos arrancados nas enchentes destruidoras.

Para alertar as embarcações, espalhadas pelo leito do rio, o navio brasileiro acionava continuamente o silvo grave e característico, ouvido a longa distância.

- É o gaiola, Juan Diaz? - perguntou Carvajal, meio assustado, ao ouvir o sinal do "Amazonas". - Não vai chegar antes de nós ao porto de Indiana?

Juan Diaz, que conhecia palmo a palmo toda a região, tranqüilizou os fugitivos:

- Vamos chegar antes do navio, fiquem sossegados! O gaiola, velho e pesadão, desce o rio muito devagar, evitando chocar-se com árvores, ou encalhar em baixios e bancos de areia

- Não está na hora de deixar o carro por aqui? - perguntou Aguirre, ao lado do motorista.

- Vamos seguir mais um pouco. Perto de Indiana a gente larga o calhambeque - informou Juan Diaz.

Seguiram viagem, na trilha sinuosa, transpondo, mais adiante, um riacho margeado por belas aguajes, nome que os peruanos dão aos buritizais brasileiros.

Três quilômetros à frente, nas imediações de um rio mais encorpado, o veículo parou. Os fugitivos saltaram, espalhando-se no lugar aprazível, colhendo frutos, bebendo água fresca.

Ridruejo, preocupado com o destino do veículo, quis saber:

- Vamos tocar fogo na camioneta?

- Você é burro mesmo, Ridruejo! - comentou Juan Diaz, irônico -. Queimar o carro, deixar pista pros soldados, atrás de nós?

Ridruejo não gostou da expressão e retrucou, enfezado:

- Burro é a mãe! Precisa ofender?

Sentindo que a discussão podia se agravar, Aguirre interferiu, apaziguador, brincalhão:

- É o jeito dele, Ridruejo! Conheço bem esse índio de merda! Não teve a intenção de ofender, não é mesmo, Juan?

- E agora é você que me ofende, boiota? - replicou Juan Diaz, certo de que a intervenção de Aguirre fora de paz.

- Burros e boiotas somos nós, parados aqui, enquanto o navio se aproxima de Indiana. - falou Miguel Viana, impaciente. Vamos, pessoal, pé na estrada!

- E o carro? - insistiu Ridruejo.

Sem lhe dar resposta, Carvajal entrou no veículo, ligou o motor e, diante do espanto dos companheiros, conduziu-o ao alto de um barraco. E lá, perto de um despenhadeiro, desceu. Em seguida, com pequeno esforço, empurrou-o para dentro do rio, no qual, lentamente, afundou.

- Muito bem, Carvajal! - aplaudiu Aguirre.- Você brilhou, soube usar o bestunto!

E foi perguntar a Juan Diaz:

- E agora, Juan? Seguimos para onde?

O boliviano, que havia examinado o lugar, indicou a direção sul:

- Por ali. A gente atravessa um trecho da mata e chega à barranca do rio. Depois é seguir pela margem e, em pouco tempo, chegamos a Indiana, antes do gaiola.

Aguirre apanhou a metralhadora, que recostara no tronco de uma árvore, recolocou o cantil e uma sacola no corpo e disse aos companheiros:

- Vamos embora, gente boa! Acabou o conforto! Agora é que a onça vai beber água!

Enquanto isto, rio-abaixo, o "Amazonas" seguia viagem, no rumo de Indiana, sua primeira escala peruana.

Ao leme, na torre de comando, Caruana manobrava com perícia, evitando os obstáculos, atento ao leito do rio.

Alguns passageiros dormitavam, nas espreguiçadeiras; outros, nos camarotes, faziam a sesta, enquanto, no convés inferior, mulheres amamentavam os filhos, alguns liam nas redes, três ou quatro jogavam cartas, em volta de um caixote.

Quilômetros adiante, os seis presidiários avançavam na mata fechada,

dificultados por impecilhos de toda espécie: charcos, igapós, cursos d'água, galhos e cipós, que venciam a golpes de facão.

Chegaram então à margem do Marañon, a menos de um quilômetro de Indiana, avistando, de um ponto elevado, o trapiche e ancoradouro da localidade ribeirinha.

Pararam, exaustos, para um pequeno repouso e a discussão de um problema de difícil solução: a troca dos uniformes de presidiários por veste comum, capaz de ocultar-lhes a origem carcerária.

- Temos duas opções - explicou Aguirre: - ou a gente invade o navio, como estamos, ou tomamos de assalto o lugarejo para apanhar roupa nova!

- E há tempo para isso? - indagou Carvajal.

Interrompendo as conjeturas, Juan Diaz interveio, com sabedoria prática:

- Não é preciso invadir nem o navio, e nem o lugarejo. No porto há um armazém, onde há roupa, sapatos e tudo de que a gente precisa.

- E a Polícia? - lembrou, preocupado, Miguel Viana.

- Há dois ou três gatos pingados, que a gente espanta com um tiro!

- Pois então vamos embora! Mãos no gatilho, pé no chão e fé em Deus! - disse Aguirre, animadamente.

O bando, engatilhando as armas, seguiu apressado na direção de Indiana.

Localidade insignificante, Indiana pouco diferenciava das povoações ribeirinhas: o trapiche, o porto rústico, acolhendo precariamente as embarcações de carga e passageiros; umas duas ou três ruas esburacadas, cercadas de construções de pau a pique, reboco, madeira e folhas de buriti.

O trapiche, tosca construção de madeira, avançava sobre o rio a varanda comprida, sustentada por estacas fincadas no lodo. Circulando pelo alpendre, vendedores e compradores faziam pequenas transações, bebiam café, pisco, cañaso ou masato, negociavam borracha, madeira, castanha, cacau, além, naturalmente, de peixe e animais abatidos.

No cais, a tradicional aglomeração de passageiros, funcionários do porto e, principalmente, vendedores apregoando os produtos locais.

Pelo caminho que descia da colina, margeava o rio e desembocava no trapiche, subitamente, surgindo entre árvores e um muro de pedra, os seis

foragidos, armas à mão, ocultaram-se atrás de um casebre.

Aguirre espionou o local, avançou alguns metros e fez um sinal aos companheiros, que atravessaram correndo a área atrás do armazém. Depois subiram a escada de madeira e alcançaram a varanda.

Causando enorme surpresa e imobilizando com as armas fregueses e empregados, atravessaram o alpendre e invadiram ruidosamente a casa comercial, onde, erguendo a voz para não deixar dúvida a ninguém, Aguirre gritou:

- Todo mundo quieto! Ninguém se mexe, senão leva tiro!

Aproximou-se do comerciante, homem gordo e calvo, com cara de índio, sentado atrás da velha máquina registradora:

- Ô cara de broa, onde está a roupa?

O peruano, com a cara abobalhada, empalideceu e ficou mudo, olhando os invasores com enorme assombro. Mas Aguirre insistiu, encostando-lhe no peito o cano da metralhadora:

- Vamos, caralho! Depressa! Onde está a roupa?! Quer levar um balaço na cara?!

Aí o mameluco, trêmulo, apontou para um armário envidraçado e balbuciou:

- A roupa? Sim senhor... Ali, naquele armário.

Os invasores pularam o balcão, atravessaram a sala e arrombaram as portas do armário, retirando das prateleiras pilhas de calças, camisas, meias e sapatos, que colocaram sobre o balcão.

Com as armas apontadas para a platéia espavorida, começaram a trocar de roupa, no exato instante em que o "Amazonas", aproximando-se do embarcadouro, apitava continuamente.

O bando vestiu depressa, de qualquer maneira, calças, camisas e meias; calçou sapatos, sandálias e botinas, jogando num canto os uniformes imundos.

- Vamos gente, depressa! O navio está chegando! - exclamou Aguirre, nervosamente.

No cais, imponente, desfraldando a bandeira do Brasil, o "Amazonas" iniciava as manobras de atracação, virando a proa para o ponto de chegada e encostando lentamente no atracadouro rústico. Depois um marinheiro ati-

rou a corda fina, amarrada ao cabo grosso, que a turma de terra prendeu nas amarras.

Presas popa e proa, a grandes trancos, a prancha de descida foi arriada.

No trapiche, os fugitivos terminavam de vestir a roupa grosseira de brim e algodão. Ridruejo ainda amarrava os cordões da botina, quando Aguirre, saltando o balcão, gritou para os que se encontravam no recinto:

- Vocês continuam aqui dentro, como se nada tivesse acontecido! Não queiram bancar os valentões, que é pior. Todo cuidado é pouco!

Depois, seguido pelos outros, atravessou o armazém e ganhou a parte externa.

Escondendo as armas sob camisas, túnicas e sacolas, desceram rapidamente a escadaria e, antes de tomarem de assalto o navio, Aguirre instruiu Carvajal:

- Corra depressa àquela casinhola, Carvajal, e destrua o equipamento de rádio! A gente te espera junto à prancha!

Carvajal partiu imediatamente, enquanto o resto do bando foi misturar-se à multidão, distraída com a chegada do barco.

Carvajal, chegando ao posto de rádio, ao lado do prédio da administração, aproximou-se do rádio-operador, um mulato de grandes bigodes, baixo e atarracado. Antes que pudesse reagir, prostrou-o com violenta pancada. Depois, com uma barra de ferro, destruiu o rádio-transmissor, cortou fios e inutilizou todo o equipamento. E foi juntar-se aos companheiros que o esperavam junto à prancha do navio.

- Vamos subir! - avisou Aguirre.

Mãos no gatilho, começaram a subir devagar a escada de acesso a bordo, até se defrontarem, no portaló, com o comandante Caruana, que os encarava sério, com estranheza.

Antes de pudesse reagir, Aguirre voltou-se para os outros invasores e exclamou:

- Agora!

Imediatamente, em movimentos simultâneos, sacaram as armas, espalhando-se pelo portaló e o convés de baixo.

Caruana, atônito, tentou sacar o revólver, mas Aguirre encostou-lhe a metralhadora no peito:

- Quietinho, homem! Ou prefere ir pro fundo do rio?

Nos dois convezes, superior e inferior, passageiros e tripulantes, estupefatos, presenciavam a invasão insólita.

No tombadilho, Frei Massotti e Michel Leroy não acreditavam no que viam, atônitos:

- Santo Deus! - exclamou o cientista francês, assustado.- Só podem ser eles, Frei Massotti!

- Eles quem, professor? - replicou o franciscano, também espantadíssimo.

Michel Leroy até abaixou o tom da voz, como se temesse ser ouvido pelos invasores:

- Os presidiários que fugiram da Penitenciária de Iquitos! Criminosos da pior espécie!

- Virgem Santa, Santa Engrácia nos proteja! - exclamou Frei Massotti, persignando-se.

Embaixo, nervoso, voltando-se de um lado para outro, Aguirre advertia, quase aos berros:

- Se alguém reagir, leva bala!

Caruana, ainda abalado pelo assombro, dirigiu-se aos invasores, com voz enérgica:

- Este é um navio brasileiro! Os senhores estão invadindo território soberano! E isto é um crime, punido com o maior rigor!

Inabalável, desprezando a advertência do comandante, Aguirre, mais calmo e seguro de si, replicou:

- Não queremos ferir a soberania de país nenhum, comandante! O que desejamos é embarcar neste navio, fazer uma viagem. Só isto.

- Pois se desejam viajar, deponham as armas, comprem passagens e exibam documentos! Com estas armas engatilhadas, o que os senhores fazem é violar a lei, invadir território brasileiro, trazer pânico a uma embarcação civil! E isto eu não admito, em hipótese alguma!

- Admitindo, ou não, querendo ou não querendo, comandante, estamos aqui e aqui vamos ficar! - retrucou Aguirre, de forma inqüestionável.

E continuou:

- Passagem a gente compra depois!

Exibiu a metralhadora e ainda disse:

- Por enquanto, este é nosso passaporte! E chega de conversa fiada! Mande recolher a prancha e vamos embora, que estamos perdendo tempo!

Caruana ficou alguns instantes em silêncio, como se concatenasse as idéias, indeciso. Mas quando Aguirre pressionou-lhe com mais força o cano da metralhadora, fez um sinal para o oficial que, da ponte de comando, aguardava, perplexo, os acontecimentos.

O oficial acionou a sineta, anunciando a partida.

A providência provocou, naturalmente, um começo de tumulto no porto. Surpreendidos pelo embarque inesperado, tripulantes e passageiros subiram a bordo, enquanto fardos de carga foram jogados de qualquer maneira no convés e porão.

O "Amazonas" soltou depois o silvo de praxe e o cabo de amarra foi solto. No embarcadouro, temendo violência por parte dos invasores, soldados, trabalhadores e portuários limitavam-se a observar, atoleimados, o que ocorria no barco.

Desatracando e ganhando o centro do rio, o gaiola brasileiro reiniciou viagem.

Mantendo as armas apontadas para Caruana, oficiais, marinheiros e passageiros, os seis convictos assumiram, de fato, o domínio incostestável da embarcação.

A primeira providência que tomaram, foi organizar a vigilância permanente na sala de rádio, através de rodízio do grupo, sabendo que a destruição do equipamento provocaria a perseguição do barco por unidades da Marinha. A segunda foi promover o confisco de todo o armamento a bordo, que depositaram num camarote invadido.

Só depois, meticulosamente, os foragidos, armas à mão, foram conhecer as instalações do navio, percorrendo de alto a baixo, de popa a proa, cabinas, sala de máquinas, copa, bar, dispensa, refeitório, banheiros, sentinas, tombadilho, pasaadiço, etc.

Foi na terceira-classe, contudo, que se surpreenderam com as terríveis condições em que viajava aquela pobre e miscigenada multidão, exibindo uma tristeza dura e calada.

- Que coisa! - comentou Aguirre, impressionado com o que via.- Até La Bestia parece melhor do que isto!

- Melhor? - exclamou Zimaco, horrorizado.- Ficou louco?

Vendo passar o Capitão Caruana, Aguirre foi interpelá-lo:

- Comandante: e os camarotes?

- Não viram? Estão no convés superior!

Subiram novamente e inspecionaram detalhadamente as acomodações da primeira classe, algumas ocupadas: uma por um casal de turistas americanos, altos e idosos, muito assustados com a presença dos bandidos e suas armas; outra por Frei Massotti e Michel Leroy; uma terceira, finalmente, ocupada por dois funcionários peruanos, em viagem oficial a Manaus.

Apontando para o fim do corredor, Caruana, que os acompanhara na inspeção, informou:

- Aquelas cabinas estão vagas.

Depois de examiná-las, Aguirre decidiu:

- Ficamos com duas.

Voltou-se para o comandante e lhe disse:

- Comandante: queremos que reúna, em meia-hora, todos os tripulantes e passageiros no refeitório. Todos, sem exceção!

Meia-hora mais tarde, efetivamente, 100 pessoas, aproximadamente, ocuparam a sala de refeições do convés superior. Ali, aguardando os acontecimentos, Frei Massotti e Michel Leroy conversavam:

- Viajei várias vezes neste navio, professor, e acho que esta vai ser uma viagem perigosa e movimentada.

- Corremos um risco enorme, Frei Massotti! -avaliou o cientista.- O navio foi ocupado por assassinos da pior espécie, condenados à prisão perpétua num dos presídios mais violentos do continente!

- Dio mio! - exclamou o missionário, apertando o rosário.

O mesmo temor parecia inquietar também toda a heterogênea fauna humana que se aglomerava no salão, comentando em voz baixa os incríveis acontecimentos que testemunhava.

Alguns, na verdade, pareciam divertir-se com a aventura inesperada. Os americanos, por exemplo, consideravam tudo aquilo "very exciting!", "coisa exótica de mestiços subdesenvolvidos".

Só na terceira-classe a invasão do navio repercutia de maneira dramática, trazendo medo e susto aos passageiros: as crianças agarravam-se às mães, chorando baixo; as velhas rezavam terços, os velhos, com a origem indígena plantada no rosto sofrido, tinham um olhar absorto e sonolen-

to.

Num canto, na mesa de comendo, Caruana dialogava com o Imediato e um oficial mais graduado, analisando, apreensivos, a situação do navio:

- Veja só que azar, Aparício! Este bando de assassinos invadir meu barco, logo agora, às vésperas de minha aposentadoria!

Os dois ouviam-no calados e atônitos.

Lembrando-se dos temores de Francisquinha, Caruana então comentou:

- Francisquinha parecia advinhar, Aparício! Por is o pediu tanto para eu não viajar!

Ficaram em silêncio, observando o salão trespassado de medo e expectativa.

Pouco depois o Imediato perguntou:

- O que você acha que os bandidos vão fazer, Caruana?!

- Não sei... Talvez queiram chegar a Manaus e fugir...

- Mas isto é loucura! - exclamou o oficial que o escutava atentamente, - Não vão conseguir nunca! E o Exército, a Marinha?

Nesse ponto, o diálogo foi interrompido pela chegada de Frei Massotti, o rosto afogueado, muito nervoso:

- O senhor já sabe, Comandante? Sabe que gente é essa?

- Sente-se, Frei Massotti, por favor, procure se acalmar.

- Me acalmar, com estes assassinos aqui? E o senhor já sabe que são fugitivos daquele presídio horroroso de Iquitos?

- Já sabemos, Frei Massotti! Fique tranqüilo, que tomaremos providência para assegurar a normalidade da viagem.

Interromperam o diálogo com a chegada espalhafatosa dos seis invasores, exibindo sempre suas armas. O burburinho do salão cessou, deixando ouvir os passos vigorosos dos bandidos no assoalho.

Aguirre inspecionou o recinto com os olhos e, avistando um tablado num canto, seguiu para lá com os comparsas. Subiu no estrado e começou a falar:

- Pedimos sua presença aqui para deixarmos bem claro que ninguém sofrerá nada se colaborar! Somos de boa paz, mas fiquem sabendo que não vamos tolerar sabotagem, traição ou brincadeira de mau gosto!

Ninguém se mexeu, escutando a fala do invasor. Percebia-se no recinto uma atmosfera crispante, como a expectativa de um grande perigo.

Dono da situação, Aguirre continuou, caminhando de um lado para outro:

- Vamos fazer juntos uma longa viagem! Não temos ilusões que fiquem nossos amigos! Se não forem amigos, pelo menos não queiram bancar os heróis, os mocinhos de cinema! Como vêem, estamos armados, e muito bem armados!

Foi então, com gesto sensacionalista que assustou a platéia perplexa, que Aguirre ergueu a metralhadora e deu uma rajada para o alto, estilhaçando parte do teto e espalhando detritos em mesas e no chão.

Depois da exibição, voltou a falar, no silêncio tumular que se fez:

- Cuidado com esta muchachita, meu povo! Ela cospe fogo, e pode se zangar com a maior facilidade!

Zimaco, Juan Diaz e os outros soltaram sonoras gargalhadas, afagando o cano das armas e reforçando a ameaça do chefe que concluía:

- Não tenham ilusões, amigos! Vamos estar por toda parte, prontos para o que der e vier!

Antes de descer do tablado, Aguirre voltou-se na direção do Comandante e indagou:

- O Comandante... Como é mesmo o seu nome?...

Caruana, pondo-se de pé, firme, identificou-se:

- Capitão Fernando Caruana, Comandante do "Amazonas"!

- Pois bem, Capitão Fernando Caruana, Comandante do "Amazonas", o senhor será responsável pelo que vier a acontecer neste navio! E agora, chega de salamaleques: é tocar o barco para a frente, como se nada de anormal acontecesse!

E terminou, chocoso:

- Aiiás, nada de extraordinário está acontecendo aqui! Só há seis passageiros a mais no gaiola, gente de boa paz, bem intencionada! Está terminada a reunião: Cada um pode voltar pro seu posto, pras suas cabinas, que isto aqui não é a Câmara dos Deputados!

A multidão levantou-se e começou a deixar, contrafeita, o refeitório, enquanto os invasores permaneciam no mesmo lugar, atentos.

Quando passou perto do bando o casal de turistas americanos, Juan Diaz fixou um olhar cheio de cobiça nas jóias da velha.

Depois que se afastaram, segredou para Zimaco, a seu lado:

- Viu só, Zimaco? Viu as jóias daquela coroca?

- Coisa fina, Juan! Colar, brinco, bracelete... Mas, não serão falsos?

- Falso coisa nenhuma, Zimaco! Deve valer uma fortuna! Esses gringos não compram bijuteria!

- E até que a velha não é de se jogar fora! - comentou Zimaco, doido por mulher.

- Aquela perua velha, Zimaco? Com papada no pescoço? Tem coisa melhor (a bordo), homem!

Quando o refeitório ficou vazio, Juan Diaz aproximou-se de Aguirre e sugeriu:

- Companheiro: por que a gente não confisca o tesouro desses ricaços?

- Calma, Juan! Tudo tem seu tempo. Por enquanto é melhor a gente não assustar demais esses babacas.

- Tem razão. - concordou o boliviano.- Mas olhe: a velha, aquela barata descascada, fica pra mim! Combinado?

Aguirre concordou, sorrindo. Mas Zimaco interferiu, gozativo:

- A velha fica com você, Juan, mas as jóias comigo.

Juntando os dedos no gesto pornográfico, Juan Diaz deu a resposta na hora:

- Aqui, ó!

Antes que Caruana deixasse o salão, Aguirre foi a seu encontro:

- Comandante, faz favor!

Caruana esperou. Aguirre aproximou-se;

- Não tem no navio duas cabinas com comunicação interna?...

- Temos duas suites. Mas estão reservadas para uma família que embarca em Benjamin Constant.

- Ficam para nós, Comandante! Precisamos delas!

E de fato pouco depois o bando mudou-se para as duas suites de luxo, interligadas e situadas perto da popa.

- A cama é um pouco dura, mas serve! - comentou Carvajal, instalando-se num beliche.

- Será que não tem pulga? - quis saber Ridruejo, preocupado com a higiene.

Zimaco subiu ao beliche superior e opinou:

- Melhor do que em La Bestia! Fico com esta.

Aguirre preferiu uma cama isolada, perto da porta:

- Esta é minha.

Retirou um cigarro e fósforo do bolso e explicou:

- Abrindo a porta de comunicação, ficamos juntos. Assim a gente se defende melhor, em caso de necessidade.

E foi saindo, enquanto dizia:

- Vocês vão se instalando, que vou fumar ali fora.

Carvajal, que também acendia um cigarro, quis fazer companhia ao amigo:

- Vou com você, Carlos!

Antes de cruzar a porta, Aguirre voltou-se e advertiu Carvajal, com certa irritação:

- Você sai sem arma, Júlio? Confia nesta gente?

- Carvajal pensa que é turista. - ironizou Miguel Viana, que estendia uma colcha na cama.

Carvajal lançou um olhar hostil ao brasileiro, mas nada disse. Apanhou a arma e seguiu com Aguirre para o tombadilho.

- Veja você a ironia do destino, Júlio. - falou Aguirre, debruçado na amurada,- Certa noite, em Nova York, prometi a Marisa uma viagem de navio pelo Amazonas. Agora estou viajando nele, mas sem a mexicana.

- Está ficando sentimental, Carlos? - brincou o amigo.

- Nem sei mais o que é ser sentimental. O que agora sinto é apenas ódio e revolta, uma vontade danada de fugir, ir pra bem longe.

Deu duas tragadas e continuou:

- Assim que tudo isto acabar, Júlio, mando buscar Marisa e desapareço neste mundo de Deus!

- Acha que vai dar certo, Carlos? - indagou Carvajal, meio cético.

Aguirre passeou os olhos pelo navio, perscrutou o rio e, mais adiante, a floresta sem-fim. Só então respondeu:

- E como posso saber, hombre? Não depende da gente.

- De quem depende? De Deus?

- Ou do diabo, quem sabe?

## Fronteiras do Perigo

A aproximação da fronteira e da cidade brasileira de Benjamin Constant provocou no navio uma movimentação invulgar, marcada pelo medo e o temor de acontecimentos imprevisíveis.

Além dos silvos prolongados, como sempre ocorria à aproximação dos portos de escala, no passadiço comandante, piloto e outros oficiais viviam instantes de grande apreensão.

Do lado dos invasores, também era visível o clima de perigosa expectativa pelo que poderia ocorrer. No entanto, em vez de atemorizá-los, o perigo lhes dava arrojo e coragem, uma mistura de orgulho e audácia.

Aguirre, que rapidamente havia consolidado forte liderança no grupo invasor, conferenciou, num canto, com os comparsas. Tomaram uma decisão, comunicada imediatamente a passageiros e tripulantes, reunidos no tombadilho: desceriam ao porão do navio, levando uma dezena de reféns.

- Ninguém será maltratado - garantiu Aguirre à platéia atônita.

E prosseguiu, os olhos endurecidos:

- Só queremos nos proteger. Mas se alguém nos denunciar, aí sim: fiquem certos de que os reféns serão fuzilados. Se cooperarem, ninguém sofrerá nada.

Em vez de trazer tranqüilidade, a advertência aumentou o nervosismo dos que a escutavam, principalmente no instante em que Aguirre começou a separar os reféns, dando preferência a mulheres e crianças.

Foi quando, de repente, Frei Massotti adiantou-se e comunicou:

- Também quero descer. Vocês não precisam levar mulheres e crianças. Isto é uma crueldade.

Aguirre, impaciente, avistando, adiante, o casario de Benjamin Constant, replicou, asperamente:

- O senhor não se meta, padre! Vai ficar por aqui mesmo, é conhecido dos brasileiros! Além disso, levamos quem quisermos! E agora me deixe em paz!

Voltou-se novamente para a platéia atemorizada:

- É melhor parar com esta balbúrdia! Se não ficarem quietos, vai

bala em todo mundo! Não estamos brincando, seus merdas!.

A ameaça enfurecida, agravada pela visão das armas, apontadas contra a multidão, teve efeito imediato: todos se aquietaram.

Aguirre fez a última recomendação, dirigida a Caruana:

- O senhor já sabe, Comandante: se alguém nos trair, esta gente morre! O senhor é responsável!

Depois, empurrando os reféns escada abaixo, desceu ao porão.

Minutos mais tarde o "Amazonas" chegou a Benjamin Constant, cidade próxima à foz do rio Javari.

Fundado pelos jesuítas, somente em 1939 o município de Benjamin Constant do Alto Solimões foi elevado à categoria de cidade.

Limitando-se com os municípios de Atalaia do Norte e São Paulo de Olivença, e com as Repúblicas da Colômbia e do Peru, com área de 5.700 km2, sua principal atividade econômica é a produção e exportação de borracha, madeira e sernambi, um molusco lamelibrânquio, da família dos mactracídeos.

Distante de Manaus, por via -fluvial, 1.628 km, Benjamin Constant situa-se à margem esquerda do Solimões, em suave elevação do terreno. Diante dela, na margem direita do rio, avista-se a localidade de Tabatinga, sede de importante Companhia de Fronteira do Exército Brasileiro.

No porto de Benjamin Constant, melhor equipado do que os rústicos embarcadouros peruanos, também se aglomerava uma população heterogênea de tapuios, mamelucos e caboclos.

Num mastro, diante da sede administrativa, tremulava a bandeira do Brasil. No cais, além de passageiros e moradores, circulavam soldados do Exército, Marinha e do destacamento policial.

Embaixo, no porão de calor insuportável, fugitivos e reféns, transpirando por todos os poros, estavam reunidos num canto, entre fardos empilhados da carga. Guardavam completo silêncio, dominados por angustiante expectativa.

No porto, assim que a prancha foi arriada, policiais, fiscais e funcionários aduaneiros subiram a bordo, para a inspeção de rotina.

Na plataforma, esperando o instante de subir, uma família de brasi-

leiros destacava-se no conjunto pobre de mestiços e índios aculturados.

Era a família do rico fazendeiro e exportador, Coronel Raimundo Possidônio Gouveia, nordestino de nascimento, a pele curtida de sol, metido num reluzente terno de linho branco, com chapéu panamá na cabeça.

Quando o navio-gaiola "Amazonas" passou por Benjamin Constant, dias antes, a caminho de Iquitos, o Coronel começou os preparativos para a viagem que faria no retorno da embarcação.

O Coronel Possidônio, assim conhecido em toda a região do Alto Solimões, transformara-se, em menos de trinta anos, num dos maiores latifundiários e seringalistas da região fronteiriça do Brasil.

Dono de sete enormes fazendas, a maior delas, com a casa-sede, situada no município de Benjamin Constant, nascera 58 anos antes na cidade de Mossoró, no Estado do Rio Grande do Norte, filho de pequeno proprietário de salineira naquela cidade nordestina.

Devido a dificuldades financeiras, emigrou com os pais para a região amazônica com apenas 10 anos de idade. Com algum dinheiro, oriundo da venda da jazida de sal, da casa residencial e, principalmente, de pequena herança recebida pela mulher, Benevenuto Gouveia, seu pai, mais conhecido por Bené Gouveia, comprou um grande seringal na região limítrofe com a Bolívia e ali construiu um barracão-sede. Em poucos anos enriqueceu com a extração e exportação de borracha.

Quando Possidônio completou 22 anos de idade, o pai morreu, vítima de mpaludismo e malária, deixando-lhe e à viuva, além da fazenda do Acre, mais três seringais próximos a Tabatinga.

Para lá Possidônio e a mãe se mudaram, tão inóspita era a vida no Acre, com suas doenças endêmicas, sem vias de comunicação, assistência médica e condições de higiene e conforto.

Adoecendo a mãe e, meses depois, falecendo de complicações renais, Possidônio viu-se só no mundo, rico e dono de um império de terras e seringais que o haviam transformado no aviador mais poderoso do Alto Solimões. Aos 25 anos de idade, cansado da solidão, casou-se com uma índia acultura da de 17 anos, que servia em sua casa, com quem teve apenas uma filha, Jussara, pois o parto, extremamente difícil, quase a matou, impossibilitando-a de gerar outros filhos.

Áspero, prepotente, de temperamento explosivo, Possidônio aumentou consideravelmente o patrimônio herdado, com a aquisição de outras propriedades rurais, além da incorporação de algumas, recebidas como pagamento de dívidas, que ele cobrava com dureza implacável.

Em pouco tempo, transformara-se em rei da hévea, como o chamavam em Manaus e Belém do Pará.

A casa que havia construído à margem do rio Itacuaí, entre Atalaia do Norte e Benjamin Constant, possuia 18 cômodos, água encanada e luz elétrica produzida por gerador próprio.

Erguida a pouco mais de 10 metros do rio, em pequena elevação do terreno, a morada separava-se de loja, armazém e duas barracas que, vistos de longe, pareciam pequena localidade ribeirinha.

Construiu também várias estradas que lhe interligavam as fazendas e seringais, onde trabalhavam centenas de empregados, tapuias, mamelucos e nordestinos emigrados.

Além do índio brasileiro, precariamente aculturado, sua mão-de-obra também era recrutada entre seringueiros dos países fronteiriços, notadamente na Bolívia e no Peru. Um deles, Juan Diaz, de grande capacidade de trabalho, acabou capataz e braço direito do Coronel, depois de se afirmar como o mais produtivo seringueiro da região.

Quando, certo dia, Possidônio descobriu as pretensões amorosas do boliviano Juan com sua filha Jussara, então lindíssima adolescente de 16 anos, além de certificar-se de que contrabandeava para a Bolívia considerável quantidade de pelas do látex, teve violenta reação, mandando que os capangas o espancassem e, em seguida, o expulsassem para o país vizinho.

Além de construir dezenas de barracas de seringueiro, edificações erguidas sobre estacas de madeira em terrenos alagadiços dos seringais, o Coronel instalou à margem do rio Itacuaí ampla casa de comércio, na qual passou a estocar a borracha colhida pelos trabalhadores.

O poderio e fortuna de Possidônio levaram-no a construir não os toscos barracões de seringueiros, com madeira e cobertura de palha, mas com alvenaria e mobília de certo luxo.

Os barracões ligavam-se ao rio por uma ponte onde ancoravam as

embarcações e até mesmo vapores para descarga e carregamento de mercadorias e borracha.

O comércio de Possidônio era feito através de poderosa casa aviadora, cuja razão social ostentava seu nome: "Raimundo Possidônio Gouveia Comércio e Exportação Ltda".

Leandro Tocantins, no livro "Amazônia - Natureza, Homem e Tempo", descreveu com eficácia a figura tradicional do aviador amazonense:

"O patrão, dono de seringal, seringalista, na linguagem posterior ao grande rush da borracha, foi a personalidade mais frisante que surgiu na Amazônia, paralela em riqueza psico-social à do senhor de engenho, de quem imitou muitos modismos, fato explicável pela origem das populações, que vieram, todas, do Nordeste para a Amazônia. Como nos canaviais, o regime patriarcal imperou no seringal, ao lado do complexo social e de cultura, monoextrator e assalariado. Assalariado sui generis, sem definir bem se havia relações de salário ou de sociedade de indústria. O real, porém, é que o seringueiro, embora livre fisicamente, constituíra-se num escravo moral do patrão, pela dependência econômica, rígida e, às vezes, até mesmo num escravo genuíno, vítima de castigos corporais, tolhido nas liberdades que fundamentam uma existência livre".

Exportando toneladas de borracha para empresas sediadas em Liverpool, Hamburgo e Nova York, Possidônio, apesar da riqueza e do poder, continuou com hábitos rígidos e frugais. Parcimonioso nos gastos, próximo da avareza, nunca viajou ao exterior, como outros fazendeiros e seringalistas menos ricos, e nem subiu socialmente, como os fundadores de importantes casas-aviadoras, espécie de instituição bancária, destinada a financiar a produção e suprir de crédito os donos de seringais.

Outros, provavalmente mais ambiciosos do que ele, haviam chegado à condição de armadores, com diversificada frota de transporte fluvial.

Possidônio manteve-se rústico, incúlto, de escasso traquejo social. Sua vida concentrava-se na administração das fazendas, na produção e comercialização da borracha e no convívio familiar. Exercia essas funções com mão de ferro, submetendo a família, empregados e funcionários, a normas duras e patriarcais.

Não era estimado, evidentemente, apesar de reconhecido como maior empregador de mão-de-obra da região.

Com relação à filha, mestiça de fascinante beleza, o Coronel era de uma severidade que beirava os limites da tirania. Vigiada como um tesouro secreto, a moça acabou fechada num mutismo solitário e melancólico.

Mas o verdadeiro sofrimento de Jussara começou quando chegou à fazenda um amigo do pai, o rico fazendeiro e viúvo Odorico Munhoz, homem de 52 anos de idade, o rosto marcado pela bexiga, o ventre avantajado, os lábios carnudos e sensuais, a fala grossa e gutural.

Odorico, além de fazendeiro e exportador de castanhas, era também sócio de uma prestigiosa casa-aviadora de Belém. Possidônio, com entusiasmo, começou a tramar o casamento da filha com Odorico, imaginando que, através dele, expandiria os negócios e equilibraria as finanças, meio abaladas com a queda do preço da borracha no exterior.

Jussara, de imediato, devotou ao amigo do pai uma antipatia constrangedora, ameaçando o projeto matrimonial do pai e de Odorico, que fora fortemente atraído pela beleza sensual da mestiça.

Mas Odorico não perdeu as esperanças, passando a ser presença assídua no casarão do rio Itacuaí. Nas longas conversas que manteve com Possidônio, na varanda da casa, nasceram propostas de negócios conjuntos, como a associação do Coronel na casa-aviadora e a introdução da criação pecuária em terras desmatadas da fazenda.

Era evidente que os projetos de Odorico visavam sempre Jussara. Para levá-la ao altar, exercitava uma insidiosa chantagem pecuniária junto ao Coronel e, junto à moça, através de presentes trazidos de Belém e Manaus, como roupas e perfumes franceses, recebidos sem nenhum entusiasmo pela moça, que se limitava a dizer, laconicamente:

- Obrigada. Não precisava se incomodar...

Com o tempo, contudo, e o assédio do pai e a pertinácia do pretendente, Jussara acabou cedendo e concordou com o noivado, a ser oficializado em Belém, em festa promovida pelas duas famílias.

Odorico sabia, evidentemente, que a concordância de Jussara não era fruto de amor, mas da derrota de sua resistência moral. Confiava, no entanto, no poder de persuasão que o tempo poderia oferecer. E essa confiança adviria não só da posse física que o casamento legalizaria, como da ação gradativa de convicção que a riqueza iria exercer. Odorico era

daqueles que, diante da indiferença sentimental da oponente, julgavam, e ainda julgam, que o dinheiro compra tudo, inclusive o amor.

Muitos exemplos, infelizmente, lhe davam razão.

Foi, portando, com renovadas esperanças e uma excitação que lhe punha nos olhos um brilho voluptuoso, que Odorico Munhoz também se preparou animadamente para a viagem, rio-abaixo, a caminho do altar e do leito conjugal, quando estivesse de volta ao Brasil o navio-gaiola.

Naquela tarde, aguardando o embarque no "Amazonas", Odorico Munhoz, ao lado de Jussara, era o mais feliz dos mortais. Seus olhos brilhavam, pousados ora no navio, ora na noiva, ora em Possidônio, que, perto de Manaíra, sua mulher, enxugava o suor do rosto com um lenço de linho, praticamente molhado.

Outros viajantes, perto dos fazendeiros, também esperavam a liberação do navio, alheios ao drama que se instalara a bordo, e do qual, muito em breve, seriam igualmente protagonistas.

Temendo pela vida dos reféns, ninguém a bordo denunciou a presença dos seis invasores, nem mesmo quando um militar brasileiro, seguido por funcionários aduaneiros, perguntou ao comandante Caruana:

- Então, Comandante, como foi a viagem de Iquitos até a fronteira?

- Normal, Tenente Torquato, normal até agora, graças a Deus!

No cais, enquanto isso, os passageiros impacientavam-se, criticando a burocracia do porto.

Possidônio, enxugando sempre o suor que lhe escorria do rosto obeso, chamou dois carregadores:

- Não esqueceram nada na Rural?

Um deles, descendente dos tukunas, conferiu a bagagem e respondeu, assustado:

- Tá tudo aqui, Coronel! Doze volumes. Não esqueceu nada, sim senhor!

Dona Manaíra, que também descendia dos tukunas, comentou, só para dizer alguma coisa:

- Será que vai demorar muito, Possidônio?...

O fazendeiro, castigado pela temperatura escaldante, voltou-se para a mulher e, quase irritado, respondeu:

- E como é que vou saber, Manaíra?

Depois resmungou:

- Ora, sim senhor!...

Deu alguns passos, nervoso, mal-humorado. Voltou para o lugar de onde saíra e acrescentou:

- É esta burocracia desgramada! Funcionário em excesso, protegido de políticos safados, mamando nas tetas do Governo! E esse Juscelino que não faz nada, só pensa em Brasília, construindo palácios!

E grunhiu, raivoso, enxugando o rosto:

- Situação de merda!

Puxando o saco do futuro sogro, Odorico adiantou-se e propôs:

- Não seria bom, Possidônio, dar uma palavrinha ao Major Pery, pedir para apressar o embarque?

O Coronel Possidônio quase explodiu, fulo de raiva:

- É uma besta quadrada! Não vai adiantar nada! Vai dizer que é a Lei, o Regulamento! Conheço aquele fardado!

O diálogo, neste ponto, foi bruscamente interrompido pela sineta do navio, anunciando a autorização para embarque e desembarque.

No cais, imediatamente, recrudesceu a movimentação de passageiros, vendedores, carregadores e moradores da cidade.

Os primeiros viajantes, seguidos pelos carregadores, começaram a subir pela prancha de acesso, gritando uns para os outros, despedindo-se, fazendo recomendações.

Mais atrás, pela escada da popa, começaram a embarcar os passageiros de terceira classe, carregando embrulhos, engradados, trouxas e malas velhas, conduzindo até aves e pequenos animais, cães, micos, papagaios, araras e, um deles, um filhote de jaguaritaca.

Pela prancha do convés superior subiu, finalmente, a família do Coronel Possidônio. Não era, contudo, o rico fazendeiro e seringalista quem atraía as atenções generalizadas, mas sua filha, Jussara, esplêndida em sua beleza nativa, vestida numa saia de tecido fino que dava destaque ao corpo rijo e sensual.

Perto dela, aborrecido, Odorico Munhoz percebia que, mais do que admiração, era a cobiça que excitava o interesse visual dos homens, e a inveja, o olhar reprovativo das mulheres. No cais, aliás, uma delas, maltratada pela natureza, comentou, vendo a subida radiosa da mestiça:

- Pouca vergonha!

Jussara, soberba, os seios lindos quase rasgando o tecido da roupa, as pernas esplendidamente torneadas, subiu com agilidade a prancha de acesso, com olhar indiferente, quase triste.

Quando o Coronel alcançou o topo da escada, defrontou-se com o Capitão Caruana, que conhecia de viagens anteriores. Saudou-o com efusão:

- Ora, salve, Capitão Caruana! Sempre firme, conduzindo a bom termo nosso velho gaiola?

- Como Deus manda, Coronel Possidônio! Como vai passando? E a senhora, dona Manaíra?

- Graças a Deus bem, - respondeu a mulher do fazendeiro, intimidada.

Jussara aproximou-se para cumprimentá-lo:

- Salve, Jussara! Cada vez mais bonita, hein?

- Bondade sua... - disse a mestiça, que era meio tímida.

Possidônio apresentou o futuro genro:

- Conhece aqui o doutor Odorico Munhoz?

- Conheço muito. Figura ilustre de Belém! Como está passando, doutor Odorico?

- Bem, bem, comandante! Muito bem, mesmo!

Caruana voltou-se depois para Possidônio e perguntou:

- Então, Coronel, mais uma viagem à capital? E com toda a família, não é? A borracha está rendendo, hein?

- Que nada, Capitão! Baixou de preço, dá prejuizo e o Governo não faz nada! Mas não vou a Belém a negócio. Desta vez é viagem social: o noivado da menina com o doutor Odorico.

Caruana não soube disfarçar inteiramente a cara de espanto, ouvindo a notícia. Dirigiu-se, contudo, aos noivos e os felicitou:

- Ah, pois não! Muitas felicidades aos noivos! E agora fiquem à vontade, Coronel. Os três camarotes estão reservados: o 12, o 13, o 14...

O fazendeiro conferiu os bilhetes, mas estranhou a troca das cabinas:

- Mas, Capitão, houve algum engano! Nas pasagens constam as duas suites: a 1 e a 2!

- Houve uma ligeira confusão, Coronel... As suites estão ocupadas!

Contrariado, o rosto avermelhado, encharcado de suor, Possidônio voltou a conferir os bilhetes. E redarguiu, irritado:

- Mas isto não está direito, Capitão! Fiz reserva com dois meses de antecedência! Não está direito!

Caruana aproximou-se do fazendeiro e, apertando-lhe o braço, aflito, tentou explicar:

- Depois eu explico, Coronel, por favor! Depois explico! Houve uma emergência!

Chamou um marinheiro, que passava:

- Ô Valdomiro, conduza aqui o Coronel e família aô 12, 13 e 14!

E afastou-se, para cumprimentar outros passageiros, entre os quais um homem magro e solene, portando chapéu Ramenzoni, alto funcionário do Ministério da Agricultura.

Coronel Possidônio, muito zangado, seguiu resmungando pelo corredor:

- Não está direito! Um absurdo, falta de consideração! Vou dar queixa ao Governador! Isto não fica assim! Não admito!

Pouco depois o "Amazonas" voltou ao centro do rio, que era, agora, o Solimões, com suas águas barrentas, descendo vagarosamente em território brasileiro.

Para se refrescarem, fugindo da temperatura elevada, o Coronel Possidônio, a mulher, a filha e o futuro genro foram recostar-se no corrimão do convés.

Quando, minutos mais tarde, surgindo pela escada que ligava o convés inferior ao superior, os seis invasores, com armas e reféns, chegaram ao local, o espanto que se apossou do fazendeiro e sua família, de Odorico e de outros passageiros embarcados em Benjamin Constant, foi indescritível.

- Mas... que gente é essa, Santo Deus?! - exclamou Possidônio, estupefato.

- Estão armados, Coronel. - comentou, espantadíssimo, Odorico Munhoz.- O que estão fazendo neste navio?

Os presidiários, impassíveis, foram chegando, atentos aos novos viajantes. E o inevitável aconteceu: a família do rico latifundiário despertou-lhes interesse imediato.

Um pouco afastado do grupo, Juan Diaz passeava os olhos pelo convés quando, subitamente, avistou Possidônio. Avançou um pouco mais e foi colocar-se ao lado de Aguirre, que seguia à frente.

Foi quando, empalidecendo, o fazendeiro reconheceu o antigo empregado e seringueiro. Estupefato, o olhar denunciando espanto e medo, conseguiu balbuciar:

- Deus do céu! Não é o Juan Diaz?

Jussara, que também o reconhecera, aproximou-se instintivamente do pai, como a pedir-lhe proteção, dizendo:

- Papai... Está vendo? Não é o...

Não completou a frase, pois Juan Diaz, a poucos metros, interrompera a caminhada e disse, ironicamente, ao fazendeiro:

- Buenos dias, Coronel! Me reconhece? Sou o...

- Juan Diaz, o boliviano! Mas... que está fazendo neste navio?

Aguirre também se aproximara, fixando em Jussara um olhar de admiração e cobiça, percebido por Odorico.

Juan Diaz, exibindo acintosamente a escopeta que levava, voltou a dizer ao antigo patrão, desta vez com desdenhoso orgulho:

- Mundo pequeno, hein Coronel? Acabamos nos encontrando de novo! Quem diria!

Voltou-se para Manaíra e Jussara e, com fingida cordialidade, cumprimentou:

- Como está, dona Manaíra? E a senho... e você, Jussara, cada vez mais linda, cada vez mais linda ...

Aí o Coronel se enfureceu e disse ao antigo empregado:

- Olha aqui, "seu" Juan Diaz! Veja como fala a minha filha!

Juan Diaz ergueu a arma e quis retrucar, mas Aguirre se interpôs entre ele e o fazendeiro, dizendo, apaziguador:

- Parece que se conhecem de outros tempos, não é? Seria bom se esquecessem as diferenças e queixas e tentassem conviver em paz nesta viagem. Não é mesmo, Coronel?

Possidônio não respondeu, limitando-se a lançar ao líder do bando

um olhar desdenhoso, que o irritou, levando-o a dizer, com voz dura:

- Creio que não sabem, mas agora vão saber: vamos viajar juntos neste navio! Esperamos que se comportem bem, como os outros passageiros!

Possidônio, que ia recuperando o auto-domínio, passou da surpresa à repulsa, retrucando, energicamente:

- Vocês não são brasileiros, e nem parecem ser passageiros do navio! O quê estão fazendo aqui?! Isto não é um circo!

Vendo passar, mais adiante, o Imediato Aparício, o Coronel fez-lhe um sinal para aproximar-se. E perguntou:

- O senhor pode me dizer que gente é esta?

Aparício, que se perfilara, ficou sem saber o que responder, desnorteado. Mas, com grande esforço, conseguiu balbuciar:

- São de Iquitos... Viajam no navio...

- Que viajam aqui eu sei, ora essa! - explodiu o fazendeiro, muito irritado.- Mas, compraram passagens?

Nesse ponto, enfurecido com a insolência do Coronel, Aguirre deu mais dois passos e, muito próximo dele, ergueu o cano da metralhadora e replicou, asperamente:

- O senhor está perguntando demais, amigo!

- Quem pergunta, quer resposta! - exclamou o fazendeiro, atrevidamente. - Sou cidadão brasileiro, viajo em navio brasileiro, estou em território brasileiro! Conheço meus direitos e faça o favor de não me chamar de amigo!

Aí Juan Diaz, a cólera tingindo-lhe o rosto, avançou também, ergueu a escopeta e encostando-a no peito do Coronel, disse quase aos gritos:

- Coronel de merda! Fique sabendo, cachorrão, amigo ou inimigo, brasileiro ou não brasileiro, quem manda nesta choça somos nós! E quem garante isto é este pau-de-fogo! Não está de acordo? É só dizer!

Possidônio, pálido, estupefato, perdeu a valentia e se calou, enquanto Juan Diaz prosseguia, com empáfia desafiadora:

- Não está de acordo, patrão?

Ergueu o cano da escopeta e encostou-o no rosto apoplético do fazendeiro, completando:

- Não gosta de nós, safadão?! Não gosta de nós?

Manaíra e Jussara, muito pálidas e apavoradas, exclamaram, então, quase em uníssono:

- Virgem Maria!

Odorico, também assustadíssimo, tentou controlar-se e, diante do perigo extremo, aproximou-se do Coronel e, puxando-o pelo braço, disse:

- Vamos, Coronel! Vamos para o camarote, por favor!

- Esperem! - ordenou Aguirre, impedindo-os de se afastar.

Voltou-se para Jussara e, mais calmo, explicou:

- A senhorita não precisa temer por nada, dona... dona... Como é seu nome?

O Coronel, sem a bravura de antes, quis responder por ela, quase respeitosamente:

- É minha filha... Chama-se Jussara.

Aguirre não prestou a menor atenção ao fazendeiro e insistiu, persuasivo:

- Qual é o seu nome, senhorita?

Jussara acabou dizendo, hesitante:

- Jussara...

- Pois não precisa temer nada, Jussara - insistiu Aguirre.- Não queremos fazer mal a ninguém, mas é bom aconselhar a seu pai que não se exceda, que não fique insolente! É melhor para ele, para vocês, para todos nós!

Antes que se afastassem, Juan Diaz voltou a dizer ao fazendeiro:

- Depois a gente conversa um pouco, patrão! Vamos ter muito tempo para isso! Adios!

O grupo então se afastou pelo corredor do convés.

Minutos depois chegou Caruana, explicando a Possidônio, cujo rosto perdia pouco a pouco a palidez, voltando à vermelhidão habitual:

- O senhor viu, não é, Coronel? São fugitivos da Penitenciária de Iquitos, de La Bestia!

- Virgem Maria! - tornou a exclamar Manaíra.

- E como chegaram aqui, comandante? - quis saber Possidônio, cuja voz readquiria o tom enérgico e autoritário de sempre.- Por quê não impediram de embarcar no navio?

- Impedir como, Coronel? Com metralhadoras, armas automáticas, es-

copetas, munição... Invadiram o gaiola em Indiana e, em Benjamin Constant, levaram dez reféns para o porão, ameaçando-os de morte, se fossem denunciados.

- Não houve jeito de mandar um rádio, pedir socorro?

- O senhor acha que não pensei nisto tudo? Esta invasão afeta mais a mim do que ao senhor, Coronel. Na sala de rádio há sempre um deles, armado. É uma situação terrível, muito perigosa.

Odorico, querendo colaborar, ou, pelo menos, participar da conversa, opinou, sem muita convicção:

- Mas, Comandante, não há um jeito de prender esa gente? Afinal, são apenas seis pessoas.

- Prender com o quê, doutor Odorico? São seis, mas armados até os dentes.

Possidônio, lembrando-se da garrucha que trazia na mala, ofereceu-a ao Comandante.

- Obrigado, Coronel. Mas o que pode fazer uma garrucha contra metralhadoras e escopetas? O melhor é não provocá-los, esperar por uma solução. E ter toda cautela, pois são criminosos perigosíssimos!

Bateu continência e despediu-se:

- Com licença. Até logo.

Voltando-se para a mulher e Jussara, Possidônio sugeriu:

- Vão descansar no camarote. Quero conversar um pouco com Odorico.

Manaíra e Jussara obedeceram, recomendando antes:

- Tome cuidado, por favor. Não chegue perto desta gente.

Depois que se distanciaram, Possidônio comentou, baixando tom da voz:

- Veja você que azar, Odorico! Viajar num navio seqüestrado por bandidos! Situação de merda!

- O que me preocupa, Possidônio, são dona Manaíra e Jussara, no meio desse bando de celerados.

- De fato, Odorico, de fato. Uma situação de merda!

Depois de ligeira pausa, indagou:

- Trouxe alguma arma?

- Trouxe não, Possidônio.

- Pois devia ter trazido, homem! Não se viaja sem arma, hoje em dia! Há bandido por todo lado!

- E o que ia adiantar se trouxesse, Possidônio?. Acha que se pode enfrentar essa gang com um revólver, ou uma garrucha? Não se esqueça que são foragidos de um presídio, condenados à prisão perpétua, assassinos da pior espécie!

Ficaram em silêncio por alguns segundos, meditando. Depois Odorico falou:

- Você precisa ter muito cuidado com o boliviano, que foi seu empregado! Parece que odeia você!

E perguntou, meio intrigado:

- Mas por quê tanto ódio, Possidônio?

- Trabalhou num seringal meu. Era safado, ladrão. Mandei ele embora, com uma surra.

- Aí é que está o mal. Ele agora quer se vingar.

- Você faria o mesmo, Odorico. Além de ladrão, estava de olho em Jussara, aquele pobre diabo.

- De olho em Jussara, aquele bugre de merda? - exclamou Odorico, furioso.- Você fez bem, fez muito bem! Devia é ter dado um tiro no filho da puta!

- É o que eu devia ter feito, mas não fiz!

Calaram-se, refletindo sobre a situação temerária em que se meteram.

Depois Odorico aventou:

- Precisamos descobrir um jeito de avisar Manaus.

O Coronel, carrancudo, animou-se com uma súbita idéia:

- E se a gente saltasse em São Paulo de Olivença, avisando de lá a Polícia de Manaus?

- Mas você acha que vão deixar, Possidônio? Não são ingênuos.

Emudeceram, assustados, quando Aguirre, Zimaco, Juan Diaz, Ridruejo e Miguel Viana surgiram no fim do corredor.

Aguirre, que seguia à frente, fez um sinal aos companheiros e rumou para os camarotes, onde o grupo examinou a situação.

- Entrou gente demais na fronteira - avaliou Aguirre, preocupado-. É preciso ficar de olho, principalmente naquele fazendeiro atrevido, metido a besta!

- Não é melhor liquidar logo o velho? - propôs Juan Diaz, com o ódio vingativo que lhe espicaçava o espírito.

- Tive vontade também de dar uma rajada naquele cachorro! - confessou Aguirre.- Mas o que me conteve foi a filha, aquela mestiça gostosíssima! Não fosse ela, furava o homem de bala!

Voltou-se para Juan Diaz e perguntou:

- Me diga uma coisa, Juan: você comeu a mocinha?...

- Quis comer, mas não consegui!

- Pois eu garanto que como ela, se você não se importar, companheiro!

- Manda brasa, Aguirre! Não sou dono da mulher!

Depois acrescentou, eriçado:

- Depois tiro uma casquinha também.

Miguel Viana, que se estendera no beliche, então opinou:

- Enquanto vocês pensam em mulher, acho que a situação está ficando pior para nós. E querem saber de uma coisa? Acho que não vai dar certo.

Admirado, o chefe do bando aproximou-se do brasileiro e questionou:

- Não vai dar certo, por quê, Miguel? Não deu certo até agora? Somos donos da situação, dominamos esta choça, temos armas, munição e até mulher para tirar o atraso ... Por quê não vai dar certo?

- Em cada porto de escala vai entrar mais gente, Aguirre! E quando embarcarem militares armados? - insistiu Miguel Viana.

- A gente desarma os meganhas, ora essa! Nosso trunfo é a surpresa, não se esqueça disto. Surpresa e reféns.

Ridruejo, de seu canto, falou ao brasileiro, irônico:

- E o quê você sugere, Miguel?! Voltar para <u>La Bestia</u>?

Aí Miguel se ofendeu:

- Não seja cretino, homem!

Ridruejo não gostou do insulto, pulou da cama e aproximou-se ameaçadoramente do brasileiro:

- Cretino é você! Cuidado com a língua, "seu" merda!

O conflito provocou pequeno tumulto no quarto, levando Aguirre a intervir, com um murro na mesa:

- Olha aqui, gente! Vamos com calma, sem insultos, sem briga! Nossa segurança é a unidade! Sem ela, tudo vai por água abaixo!

Deu alguns passos na cabina e continuou:

- Unidos, temos chance de escapar! Mas com brigas, voltamos na certa para Iquitos, pros tapas e coices de outro Tenente Ramirez!

A altercação dos invasores foi ouvida por alguns passageiros, no lado de fora. Avisado, Caruana veio ouvir, pé ante pé.

- Querem voltar para aquele inferno? Acabar como os outros? - dizia, exaltadamente, Aguirre, no camarote.

Calou-se, por alguns instantes. Depois prosseguiu, nervoso:

- A gente leva o plano para a frente, custe o que custar! Só temos duas opções, não se esqueçam: ou a liberdade, ou a prisão perpétua!

Durante a pausa que se seguiu, ouviram-se vozes e murmúrios no corredor do convés.

Aguirre pediu silêncio e, cautelosamente, acercou-se da porta que, subitamente, abriu, surpreendendo Caruana e outras pessoas, aglomeradas diante da cabina.

Assustados, pegos em flagrante, alguns se afastaram, enquanto o peruano gritava, colérico:

- Não quero aglomeração nesta porta! Já avisei antes, e torno a repetir: façam o que têm a fazer, tratem de sua vida, que é melhor para todos! Vão embora, circulem, vamos, vamos!

Em seguida, furioso, gritou mais forte:

- Caiam fora daqui, porra!

Quando se afastaram, assustados e contrafeitos, Aguirre voltou ao interior da suite.

Preocupado com o pessimismo de Miguel Viana, Zimaco perguntou:

- Por quê você acha que o plano não vai dar certo, Miguel? O navio tem gente demais? La Bestia tinha muito mais, e não conseguimos fugir? Você não sabe que gente desarmada não vale nada?

Miguel, quase convencido, ainda tentou argumentar:

- Acho difícil a gente escapar por Tefé. Não seria melhor saltarmos na próxima escala, fugir pela selva?

Juan Diaz saltou do leito e retrucou:

- Que é isto, hombre? Fugir pela selva? Está louco? É morte certa!

Aguirre, nesse ponto, novamente interveio, energicamente:

- Não há mais tempo para recuar, e nem vamos mudar o plano! Agora é seguir em frente, de qualquer maneira! E quanto menos se falar nisto, melhor! Vocês viram como essa gente escuta por trás das portas? Alguém mais quer se manifestar?

Ninguém falou. Miguel Viana, vencido, então concordou:

- Acato a decisão da maioria, Aguirre! Vamos em frente!

Aguirre pediu então a Zimaco:

- Me empresta aquele mapa do Amazonas, Zimaco! Quero ver uma coisa!

## Reencontro de Amor

O rio Solimões, nome que deriva dos índios que habitavam suas margens, desde Benjamin Constant até Manaus, onde, ao juntar-se ao rio Negro, passa a chamar-se Amazonas, tem um percurso de 1.550 quilômetros.

Da fronteira até o Oceano Atlântico, o grande caudal serpenteia em extensas sinuosidades, alargando-se em certos pontos, até alcançar mais de 30 quilômetros de margem a margem, subdividido em dois, três e quatro braçoes principais, por grandes ilhas de aluvião, formando compridos canais laterais, ou paranás, preferidos para a navegação de pequenas embarcações.

Até São Paulo de Olivença, primeira escala depois de Benjamin Constant, o "Amazonas" passou por numerosos acidentes na bacia retalhada de rios, angras, furos, paranás, igapós, igarapés, cercado por florestas compactas, campinas ondulantes, ilhas e canais profundos.

A beleza imponente da paisagem não era, contudo, livremente apreciada pelos passageiros do gaiola, intimidados pela presença ameaçadora e desagradável dos foragidos de Iquitos.

E isto frustrava-os, na verdade, impedindo-os de desfrutar a viagem na plenitude de seus atrativos, aqueles que, desde Orellana e Pedro Teixeira, deslumbraram viajantes e sábios ilustres, como La Condamine, Spix e Martiuŝs, Hercules Florence, Henry Walter Bates, Alfred Russel Wallace, Coudreau, Humboldt, Darwin, François Biard, Agassiz, Orville, Hartt, Elisée Réclus, Barão de Tefé, Couto de Magalhães, e tantos outros, além de escritores como Euclides da Cunha, José Veríssimo, Alberto Rangel, Inglês de Souza, Aurélio Pinheiro, Ferreira de Castro, Raimundo Morais, Peregrino Junior, Dalcídio Jurandir, Darci Ribeiro, Leandro Tocantins, Jarbas Passarinho, Márcio de Souza, quantos mais?

Após consultar o mapa da Amazônia, Aguirre traçou o itinerário diversificado da viagem em terras brasileiras: Esperança, Capacete, Ilhas Araríá, Ilha Pauaperi, Ilha Javarimirim, Ilha Tauaru, Ilha Assacaio, Santa Maria, Santa Cruz, Ilha Boa Vista, São Jerônimo, Macapuana, Santa

Rita do Weil, Bom Futuro e, finalmente, São Paulo de Olivença.

Quando surgiu no horizonte, meio escondida na mata, a cidade de São Paulo de Olivença, cresceu em todos, passageiros, tripulantes e fugitivos, uma apreensão quase angustiante pela eventualidade de acontecimentos dramáticos.

Uma das várias missões fundadas, em 1689, pelo missionário Samuel Fritz, da Companhia de Jesus, São Paulo Apóstolo, depois São Paulo dos Cambebas e, finalmente, São Paulo de Olivença, teve história acidentada, motivada pela tradicional disputa entre missionários e tropas fiéis à Espanha e Portugal.

A região era primitivamente habitada por numerosas tribos indígenas, como os Omáguas, os Cambebas, os Juris, Passés, Xomanas, Tukunas, Caiuvicenas, Tarianas, Uairucus, Maiorunas e Tucanos.

Os Cambebas, também chamados de Cabeças Chatas pelo hábito de comprimirem a cabeça das crianças com tabuínhas que apertavam por meio de ligas, eram bravos e temidos, decepando, como troféu de guerra, a cabeça dos inimigos, que penduravam em estacas nas cabanas. Jogavam com grande destreza a sarabatana e lanças, defendendo-se, nas pelejas, com broquéis de folhas de cana-brava.

São Paulo de Olivença localiza-se à margem direita do Solimões, numa colina de 90 metros de altura, sendo a flora e fauna as maiores riquezas do município, que é sede da Prelazia de Nullius do Alto Solimões, antiga Missão Capuchinha, à qual está subordinada a maioria dos municípios confinantes.

Quando o navio-gaiola aproximou-se da cidade, Aguirre perguntou ao comandante, no passadiço:

- O navio pára naquela cidade?

- Sim. São Paulo de Olivença é nossa próxima escala - respondeu Caruana.

E acrescentou:

- É porto de embarque de carga e passageiro.

- Mais passageiros? Mas isto aqui já está lotado, homem! Não vai parar não, comandante! Passe direto!

- O quê? - exclamou Caruana,- Se o navio não atracar as autoridades pedem explicações pelo rádio, comunicam o ocorrido a Manaus, mandam

lanchas em nosso encalço!

Carvajal pegou Aguirre pelo braço e os dois conferenciaram num canto:

- O homem tem razão, Carlos! É melhor a gente agir como na fronteira!

- Descer de novo àquele forno, Júlio? Porra, não agüento mais!

- Não há outro jeito, Carlos! - insistiu Carvajal.

- Está bem, paciência! - cedeu, finalmente, Lopez Aguirre. - Vamos apanhar reféns e descer ao inferno!

Aproximou-se do comandante e advertiu:

- O senhor já sabe, Capitão! Vamos descer de novo com reféns! Qualquer descuido, qualquer traição, aquela gente morre!

Reuniram depois passageiros e tripulantes no convés, explicando:

- Vamos descer com dez de vocês ao porão do navio! Os outros ficam sabendo, mais uma vez: se formos traídos, serão responsáveis pela vida deles!

Na escolha dos reféns, provocaram outro forte tumulto, encontrando resistência e repúdio, principalmente quando Aguirre apontou para Jussara, deixando Possidônio e Odorico Munhoz em pânico, exaltadíssimos.

- Minha filha não! Minha filha não desce! - reagiu indignado o fazendeiro.

Aguirre chegou perto do Coronel e perguntou, irritadamente:

- E por quê não desce? Por acaso é melhor do que os outros?

A mãe de Jussara começou a chorar, suplicando ao chefe do bando:

- Pelo amor de Deus, moço! Não leve minha filha para o porão!

Impaciente, vendo o navio aproximar-se da cidade, Juan Diaz agarrou a moça pelo braço, forçando-a a caminhar.

Quando viu a filha sendo levada, Possidônio, possesso, avançou ameaçadoramente contra o boliviano. Juan ergueu então a escopeta e ia atirar, quando foi impedido pelo chefe:

- Não, Juan! Não é hora disso! Trocamos a moça pelo pai!

Mas Jussara recusou, dizendo, firme:

- Não precisam levar meu pai! Eu mesma desço!

O "Amazonas" já manobrava para ancorar no cais incipiente, quando os invasores e seus reféns desceram ao porão escaldante.

No ancoradouro, tomado pela multidão de passageiros, portuários, funcionários, militares e vendedores, destacavam-se, num canto, duas religiosas, com seus hábitos brancos, e um casal de índios aculturados, da tribo dos Tukunas, casados pelo rito católico. Os quatro, pacientes e calados, esperavam o embarque, cercados pela multidão agitada com a chegada da embarcação.

No porão, sofrendo a temperatura elevadíssima, fugitivos e reféns também esperavam, ansiosos. Mãos no gatilho, os seis (assaltantes) estavam calados e sombrios, dispostos a tudo.

Aguirre, num canto, fixava em Jussara um olhar penetrante que ela, sentada num fardo de algodão, pouco adiante, percebia, perturbada. Com as faces coradas e ardentes, a (moça) voltou-se lentamente na direção do peruano. Os olhos dos dois se cruzaram, ocultando sentimentos secretos e intensos: nele, um vigor másculo de posse e desejo; nela, medo e inquietude.

Mas o que, na verdade, assustava Jussara , excitando-lhe perigosamente os sentidos, era um anseio indefinido, como uma pulsação orgânica e profunda. Desejava e temia aquele homem rude e sanguinário. Mas também via nele um homem, que a atraía, trazendo-lhe desejo, vergonha e repulsa, como coisa proibida, que a seduzia como uma carícia (infamante).

Acima, a bordo do navio, um incidente deixou Caruana e outros passageiros extremamente assustados: um funcionário administrativo do porto, amazonense de pele curtida, homem de magreza impressionante, amigo do Coronel Possidônio, veio cumprimentá-lo com efusão:

- Mas que prazer, Coronel! E a senhora, dona Manaíra, como tem passado?

- Ora salve, "seu" Severino! Como vai essa bizarria? - respondeu o fazendeiro, disfarçando o nervosismo.

- Vou indo, vou indo, Coronel, como Deus manda!

Depois, olhando para os lados e não avistando Jussara, interrogou:

- Mas... e a menina, Coronel? Onde está minha afilhada?

- A menina? Ora bolas, estava aqui mesmo, inda agorinha! Onde ela foi se meter, Manaíra?

Manaíra, muito aflita, complicou a situação:

- Mas... ela não foi pro porão com os...

- Pro porão?! - exclamou o funcionário, espantadíssimo.- Mas... o que foi fazer naquele lugar?

- Ora, ora, Manaíra - interveio depressa, muito confuso, o fazendeiro.- Que porão, mulher! Você confunde tudo, que diabo!

Aí Odorico se adiantou, tentando ajudar:

- A Jussara foi olhar os pescadores, na popa do navio...

Pouco adiante, percebendo o olhar assustado do funcionário, Caruana veio depressa em socorro de Possidônio:

- Ela está lá, com umas amigas.

Voltou-se para o funcionário e puxou prosa:

- Então, "seu" Severino? Como estão as coisas na cidade? Já instalaram a agência do banco?

- Coisa nenhuma, Capitão! Esta é uma terra esquecida de Deus! Vive do rio, abandonada, triste como um velório!

No porão, atormentados pelo calor insuportável, fugitivos e reféns sofriam a espera massacrante.

Foi quando Aguirre, aproximando-se vagarosamente de Jussara, disse-lhe em voz baixa:

- Quanto tempo o navio fica no porto, Jussara? Não agüento mais o calor!

A moça hesitou, confusa, intimidada. Mas acabou respondendo:

- Acho que não demora muito...

Estavam próximos, um do outro. Jussara sentia o hálito quente do peruano, sua respiração ofegante e excitada, seu olhar veemente.

Defrontavam-se presa e captor: um sem disfarçar o desejo; a outra atemorizada, com medo e pudor misturando-se ao langor incitante que lhe abalava a resistência moral.

A certa altura, com um tranco do navio, os dois quase se tocaram. Aguirre, protegido por uma coluna de ferro, enlaçou-lhe então o corpo e atraiu-a (para) si, numa rapinagem sexual libidinosa e viril.

Jussara quis resistir, mas diante do abraço sensual do peruano, entregou-se, trêmula, o rosto em brasa, os seios palpitantes, premidos contra o peito forte do presidiário. E suas bocas quase se tocaram.

Pouco adiante, Juan Diaz encarava-os com inveja, sombrio, como se se sentisse inferiorizado, mas pensando que tinha mais direito à moça do

que Aguirre. Temia-o, contudo, e lhe dava campo livre, revoltado, no íntimo, e com ressentimento.

Aguirre, observando os companheiros, percebeu o olhar raivoso do boliviano. Certificou-se, então, de que, apesar de companheiros na fuga e no destino, conquistara um inimigo perigoso.

No cais, naquele mesmo instante, as duas religiosas, Berenice e Clotilde, não tinham pressa, aguardando estoicamente o embarque, habituadas à impaciência humana, ao sofrimento que as coisas resistentes, morosas e difíceis traziam aos homens e à sua vontade de satisfação imediata.

Como elas, também os dois índios, a seu lado, tinham um olhar humilde e sereno, mas um pouco assustado diante do navio que, diante deles, parecia maior e inamistoso.

Nascidas na cidade do Crato, no Ceará, Berenice Almeida Lima e Clotilde de Almeida eram primas, de família tradicional e muito religiosa.

Berenice e Clotilde ingressaram na Irmandade Missionária da Imaculada Conceição, da Ordem dos Franciscanos, movidas não só pelo espírito religioso, como, igualmente, por motivos afetivos e sentimentais que lhes afetaram profundamente a vida.

Berenice, mais jovem do que a prima, era moça de beleza suave, enquanto Clotilde era austera, meio secarrona, embora devotada exemplarmente ao apostolado, à educação e instrução de meninas e moças, destinadas à vida familiar.

Os acontecimentos da vida pregressa de Berenice, antes do ingresso na congregação, não foram edificantes e nem tranqüilos. Ao contrário, seus antecedentes marcaram-se pelo drama passional que, por pouco, não resultou em tragédia.

Quando seguia o curso secundário, num colégio de Crato, conheceu um estudante de boa aparência, muito popular na cidade, não só pela perícia no violão, como, principalmente, pela voz agradável que acordava a cidade em freqüentes serenatas, muito apreciadas pelas moças que o disputavam em bailes e reuniões.

Berenice era uma das apaixonadas do estudante e seresteiro de Crato. Iniciaram um romance de amor que, rapidamente, evoluiu para limites inquietantes de uma paixão avassaladora.

A moça, linda e tímida, não resistiu ao charme, à voz e à personalidade do rapaz, (Miguel Viana) Entregou-se ao namorado, de corpo e alma, do que resultou uma gravidez que a levou ao desespero e ocasionou violenta reação da família Almeida Lima, que ameaçou de morte o seresteiro se não se casasse com a moça, que desonrara.

Miguel não quis o filho, e fez tudo para que Berenice não o tivesse. Mas ela recusou firmemente o aborto, proposto pelo amante. O rapaz, então, covardemente, fugiu da cidade, com uma sacola de roupa e o violão inseparável. Foi visto em Fortaleza embarcando num navio cargueiro com destino a Belém do Pará, enquanto Berenice, atormentada pela família, foi ter o filho em São Luís do Maranhão, na casa de uma tia rica e solteirona, que se rejubilou com a chegada da sobrinha e do robusto bebê, nascido semanas mais tarde.

Enquanto isso, na capital do Pará, Miguel Viana iniciou uma biografia exageradamente tumultuada para alguém com apenas 22 anos de idade.

Para sobreviver na cidade, empregou-se como carregador no Ver-o-peso e, pouco depois, como tripulante de uma embarcação freteira. E assim viveu por quase um ano, até que partiu num barco de transporte, com destino a Manaus.

Na capital do Amazonas foi marinheiro, depois garçon em navios onde, nas horas vagas, divertia passageiros e tripulantes com cantigas e solos de violão.

A monotonia da viagem, rio-acima, rio-abaixo, acabou por levá-lo, desta vez apenas como passageiro, no gaiola "Tocantins", até Iquitos, lá se metendo com uma mulher casada. Ameaçado de morte pelo marido, escapou para Lima, onde encontrou trabalho como músico no conjunto de um night-club.

Com relação a Berenice, o itinerário de sua vida foi menos acidentado: acolhida pela tia, que se dispôs a criar e educar o sobrinho-neto, batizado com o nome de Francisco, em homenagem a São Francisco de Assis, Berenice mergulhou numa melancolia profunda que chegou a preocupar dona Hercília, a tia solteira. Até que, por influência de Clotilde, uma prima que havia ingressado na Irmandade Missionária da Imaculada Conceição, no Amazonas, Berenice decidiu também dedicar-se à vida religiosa, entrando no Convento de São Luiz , como noviça, depois transferida para a Missão

de São Paulo de Olivença, no Alto Solimoes, lecionando no Educandário da Ordem, onde se tornou grande amiga de dois índios tükunas, Iauitê e Çuriçaua, convertidos ao catolicismo, . de quem foi madrinha de casamento.

Iauitê e Çuriçaua nasceram e foram criados numa aldeia tükuna, à margem do rio Jandiatuba, catequisada pelos franciscanos. Inteligentes, dóceis, de grande capacidade de trabalho, foram extraordinários colaboradores dos missionários na conversão e aculturação de centenas de silvícolas de outras tribos da região.

Juntamente com Berenice e Clotilde, Iauitê e Çuriçaua viajariam para Manaus, onde trabalhariam no Serviço de Proteção ao Índio, órgão federal.

O que preocupava profundamente Irmã Clotilde, no cais de São Paulo de Olivença, enquanto aguardavam o embarque no "Amazonas", era a decisão de Berenice de não (fazer votos) e partir para São Luís do Maranhão, retomando o filho e dedicando-lhe a vida de mãe e educadora.

Aquele era o tema da conversa que, em voz baixa, as duas religiosas mantinham no cais:

- Em Manaus - dizia Irmã Clotilde à noviça - você ouvirá os conselhos de Madre Superiora. Refletindo e rezando muito, você poderá mudar de idéia, permanecendo na congregação.

Berenice, o olhar baixo e tristonho, ficou algum tempo em silêncio. Depois ergueu os olhos, encarou bondosamente a freira e respondeu, num tom carinhoso, mas firme:

- Pensei e rezei muito, Clotilde. Acho que nem em Manaus, ou noutro lugar, modificarei minha decisão. Quero dedicar-me a meu filho, educá-lo com amor e carinho. Não é essa também uma missão digna e cristã?

- Claro que é, Berenice, mas a entrega a Jesus é mais importante e mais grata aos olhos de Deus!

O diálogo, naquele exato instante, foi interrompido pela sineta do navio, autorizando o embarque.

Çuriçaua e Iauitê aproximaram-se das religiosas.

- Acho que está na hora... - disse o índio, timidamente.

Berenice tomou delicadamente a mão de Iauitê e lhe disse:

- Vamos, minha filha.

Confinadas no camarote, entregues a um diálogo difícil, Berenice e Clotilde não presenciaram, como outros, a reaparição dos seis invasores, de volta do porão, quando o gaiola reiniciou a viagem.

Desde a invasão do "Amazonas", os seis convictos decidiram fazer as refeições em horário normal, juntamente com os passageiros. Buscavam, certamente, integrar-se à rotina do navio, impondo uma imagem de paz, de normalidade. Além disso, aquela lhes parecia uma forma de vigilância e segurança diante da hostilidade crescente dos viajantes.

Foi à hora do almoço, por volta de meio-dia, que Berenice e Miguel Viana se reencontraram. E esse reencontro foi, naturalmente, de extraordinário assombro.

Sentadas à mesa de refeições, num canto do refeitório, as duas religiosas conversavam tranqüilamente quando, de súbito, chegaram ao salão os seis presidiários, sempre com as armas à vista. Berenice e a prima olharam, espantadas, o bando que, como de hábito, atravessou o recinto e foi ocupar seus lugares nas mesas juntadas.

De início Berenice não reconheceu Miguel, cujo rosto envelhecera pelo sofrimento e os anos terríveis da prisão. Mas quando, fixando-lhe mais atentamente o olhar, descobriu que era o mesmo homem que amara, pai de seu filho, Berenice estremeceu, dominada por uma emoção profunda e angustiante.

Também Miguel Viana, com sobressalto, avistou Berenice e, estupefato, balbuciou para si mesmo:

- Berenice? Deus do céu, não é possível!

Clotilde percebera o olhar aterrado que Berenice dirigira ao presidiário. E perguntou, assustada:

- Que é isto, Berenice? Você está pálida, como se visse o demônio! Não está se sentindo bem?

- Clotilde, veja aquele rapaz, ali na frente...

- Mas... qual deles? E que gente é aquela, Santo Deus?

- Veja o que está à direita, com a blusa azul...

- Estou vendo. Parece o mais jovem do grupo, e tem cara de brasileiro.

- E é brasileiro, Clotilde! Nasceu também no Crato, como eu...

- Afinal, quem é ele, menina?! - quis saber Clotilde, curiosa

e aflita.

- É o Miguel, pai de meu filho! Mas, meu Deus, o que ele faz aqui?

Também Miguel Viana, imobilizado pelo espanto, atraíra a atenção dos companheiros:

- Que há consigo, companheiro?! - perguntou Aguirre, ao lado -. Viu algum fantasma?

- Vi mesmo, Aguirre! Aquela freira, ali em frente, foi minha namorada no Crato, onde nascemos...

- E o que tem isto demais?! É normal, homem! Todo mundo teve uma namorada na infância!

- Mas nosso caso foi mais sério...

- Você tem certeza, Berenice? - insistia Clotilde, mais adiante -. É o Miguel, aquele covarde que a abandonou, grávida? Tem certeza?

- É ele mesmo, Clotilde, o Miguel, que fazia serenatas no Crato...

Dominada por uma grande emoção, Berenice se calou. Depois, seguida pela prima, levantou-se e deixou o refeitório em meio ao almoço.

De volta à cabina, Berenice sentiu-se mal e foi deitar-se, socorrida por Clotilde, que lhe deu um calmante, escureceu o quarto e esperou que adormecesse.

No refeitório, a inquietação de Miguel Viana alcançou limites insuportáveis. A tal ponto que também deixou o salão e, informado sobre o número da cabina de Berenice, foi bater-lhe à porta.

Clotilde veio abrir. Deparando com o brasileiro, quis, como primeira reação, mandá-lo embora. Mas se conteve e, falando baixo, para não acordar Berenice, perguntou:

- O que o senhor deseja?

- Berenice... Ela está? Posso falar com ela?

- De forma alguma, moço! Ela está dormindo, e não está passando bem! O senhor faça o favor de se retirar!

Mas nesse instante, ouvindo a voz de Miguel, Berenice chegou do interior do camarote e disse com tranqüilidade, apesar da palidez que lhe cobria o rosto:

- Pode deixar, Clotilde. Falo com ele...

- Berenice... - só conseguiu dizer Miguel Viana, transtornado pela

emoção.

- Vamos para ali - sugeriu Berenice, apontando para um canto no tombadilho.

- Berenice - exclamou Clotilde, contrariada -, você não deve conversar com esse homem!

- Por favor, Clotilde, por favor! É Miguel, preciso conversar com ele!

- Fique tranqüila, Irmã Clotilde - assegurou Miguel.- Não vou fazer mal a Berenice!

- Mal o senhor já fez, moço! Ainda quer mais?

- Por favor, Clotilde - insistiu Berenice.- Não demoro, fique sossegada.

E afastou-se com Miguel.

No refeitório, Aguirre fixava em Jussara um olhar penetrante, percebido aflitivamente por Odorico.

A mestiça, para distraí-lo, perguntou ao pai, que estava no outro lado da mesa:

- Onde é que esta gente vai desembarcar, papai?...

- E como vou saber, menina? - respondeu o fazendeiro, mal-humorado.- Ninguém sabe o que estão planejando esses criminosos!

Odorico bebeu um gole de cerveja e, por sua vez, opinou, com ar suficiente:

- Não têm muitas opções, Possidônio: ou fogem pela selva, ou serão capturados em Manaus!

- E se saltarem antes? - indagou Jussara.- Em Santo Antônio do Içá, por exemplo, ou em Tefé? Por que o senhor acha que vão até Manaus?

Aguirre, de sua mesa, sabia perfeitamente que ele, e os companheiros, eram o centro das conversas e conjeturas de toda aquela gente que os odiava e, sem sombra de dúvida, desejava vê-los na cadeia.

E matutava, bebendo uísque:

- "De todo esse bando de poltrões, só me interessa esta mestiça gostosa. Os outros que se fodam!"

No tombadilho, protegidos do sol por uma cobertura de lona, Miguel e Berenice entregavam-se a um diálogo constrangedor, repleto de tristes reminiscências. Apesar de tudo, conversavam civilizadamente, escondendo mágoas antigas, disfarçando a angústia profunda que lhes devastava o

coração.

Miguel, aniquilado, flagelado pelo remorso, ouvia mais do que dizia.

- O que você fez de sua vida, Miguel? - inquiria Berenice, com tristeza e comiseração.- Por quê destruiu sua mocidade, buscou o mal, tornou-se um criminoso?

Depois, com as faces lívidas, Berenice envolveu-o com um olhar profundo, quase enternecido.

Miguel limitava-se a ouvi-la, sentindo no coração um vácuo terrível, que o impedia de defender-se ou, pelo menos, justificar-se.

- Basta olhar para você, Miguel, que descubro em sua vida uma grande miséria moral!

Depois, como se arrependesse das palavras duras que dissera, pousou nele um olhar mais indulgente, acrescentando, com voz estrangulada:

- Só a piedade de Cristo pode salvá-lo, Miguel! É sua única esperança!

- Berenice... pelo amor de Deus! - disse Miguel, profundamente comovido.

E acrescentou, como se pedisse socorro:

- Já sofri demais! Agora nem a piedade me salva nesta vida! Só a morte!

Berenice tinha a alma agoniada e seu olhar transmitia uma sensação de embaraço e vergonha. Teve, contudo, um impulso de ternura, e lhe disse, depois de curto silêncio:

- Nós nos amamos um dia, Miguel, mas nosso amor só trouxe sofrimento e solidão! Meu amigo, meu infeliz amigo! - exclamou apiedada, sentindo que a energia a abandonava.

Ao descobrir que Berenice se fragilizava, Miguel readquiriu um pouco a capacidade de refletir e reagir, apesar da culpa que o atormentava, sem ação sobre a própria dor.

Narrou-lhe, então, com minúcias, os anos infames de seu passado, inclusive o crime de Lima, a condenação, as torturas na prisão.

A custo contendo as lágrimas, a certa altura confessou:

- Matei duas vezes, Berenice: você, por covardia, e Helena, por ciúme e loucura!

Lutando contra a obsessão do remorso, exausto de sofrer, devorado pelo desespero, Miguel abriu o coração mutilado, pediu perdão, com olhar doloroso, num lampejo de desvario.

Tinha o rosto desgastado quando lhe disse, desviando dela o olhar arrebatado:

- Paguei caro pelo que fiz, Berenice, fui condenado a viver, pelo resto da vida, numa prisão abjeta!

- Vou rezar por você, Miguel! É a única coisa que posso fazer! Rezar e pedir a Deus para que você se entregue, pague pelo crime que cometeu!

- Que eu me entregue, Berenice?! Que traia os companheiros?! Mas isto seria uma covardia!

- Você foi covarde, Miguel, abandonando a mim e ao filho que não quis! E continua covarde, com essa arma apontada para gente indefesa!

Miguel olhou-a raivoso, deixando Berenice com receio de ser agredida. Mas Miguel nada fez, baixando a vista para o chão.

Só depois conseguiu dizer:

- Se eu me entregar, Berenice, voltarei para aquela prisão, pelo resto da vida!

- A pior prisão está aqui fora, meu amigo! Ou dentro de você mesmo, de sua consciência culpada!

Sentiu, então, um grande remorso e, num rapto de piedade, viu Miguel chorar, batido pela vergonha.

Tomou-lhe as mãos e colocou-as sobre os seios, falando-lhe com uma fé e ternura que o comoveram profundamente:

- Se você se entregar, Miguel, juro que vou lutar com todas minhas forças para você ficar no Brasil, e aqui pagar sua culpa, até recuperar a liberdade!

Miguel ergueu a mão de Berenice, beijou-a carinhosamente e, com ela, enxugou as próprias lágrimas.

Berenice apertou-o no peito e falou, com enorme doçura:

- Quando sair da prisão, estarei esperando você. E vamos, os dois, viver com nosso filho!

## Morte, rio-abaixo

À noite, durante o jantar, chegou apressadamente ao refeitório um tripulante da sala de máquinas. Tinha a roupa suja de óleo e graxa e foi diretamente à mesa do Comandante, a quem falou em voz baixa.

Imediatamente, Caruana, preocupado, pediu licença aos integrantes da mesa, levantou-se e seguiu com o maquinista.

O fato chamou a atenção dos assaltantes. Aguirre fez um sinal a Carvajal que seguiu ao encalço de Caruana.

- Aconteceu alguma coisa! - comentou Miguel Viana a Aguirre.

- Também acho! Daqui a pouco Júlio vem dizer o que houve.

Assim que chegaram à sala de máquinas, Caruana e Carvajal ouviram do Chefe-Maquinista, um mulato truculento, sem camisa, uma notícia preocupante:

- Comandante: uma tora entortou o eixo do navio! Precisamos encostar, senão o motor emperra!

-Não dá para chegar a Amataurá, Sebastião? Lá tem algum recurso.

- Não dá, Comandante! A batida foi forte. O eixo pode quebrar de uma hora para outra!

- Pois se o jeito é encostar, Sebastião, a gente encosta! O que se há de fazer?!

Antes que Caruana se afastasse, Carvajal quis saber, desconfiado:

- Se isto foi obra de sabotagem, Comandante, vocês vão se dar mal!

- Que sabotagem coisa nenhuma, homem! Isto acontece em quase toda viagem! O rio está cheio de detritos, de árvores, madeira, porcaria de todo tipo! Só se for sabotagem deste mundo de água que desbarranca a mata, invade tesos e aldeias, engole casas e animais!

Depois, já saindo, desabafou:

- Agora, moço, com licença! Tenho de tomar providências, ou o navio pára de vez, e fica à deriva!

Voltando ao refeitório, onde agora só os presidiários se encontravam, bebendo, Carvajal relatou o ocorrido.

- Que merda! - exclamou Aguirre, dando um murro na mesa -. Mais esta! Esta choça já anda como uma lesma, e vai enguiçar logo agora!

Carvajal, mais previdente, recomendou:

- É bom observarmos se vão mesmo consertar o defeito! Depois a gente decide o que fazer!

- Bem lembrado! Vamos para lá!

O "Amazonas", manobrado com perícia, aproximou-se de pequena enseada, perto de Caturiá, onde ancorou para reparar a avaria.

A noite, de lua cheia, deixava ver as margens do rio e a mata, de onde chegavam ruídos de grilos, sapos, gritos e guinchos de pássaros e animais.

Aquela seria uma noite inesquecível, lembrada, com espanto, por muitos anos depois.

Iniciou quando a luz forte de um holofote foi lançada da popa sobre o rio, permitindo que dois maquinistas, Antônio e Agenor, mergulhassem de calção para começar o trabalho.

Rapidamente, uma onda enorme de insetos, atraídos pela luz forte, chegou da floresta, como os piuns e carapanãs, atormentando os viajantes.

Era sempre o pior momento de uma viagem pela Amazônia, apontado, em livro famoso, pelo cientista francês Charles Marie de La Condamine que, de 1742 a 1743, desceu o rio Amazonas para alcançar a Guiana Francesa.

No "Relato Abreviado de uma Viagem pelo Interior da América Meridional", La Condamine escreveu:

"Aí começamos a nos libertar dos mosquitos, maribondos e insetos de toda sorte, o maior incômodo que tivemos no transcurso de nossa navegação. São tão insuportáveis, que os próprios índios não viajam sem uma tenda de tela de algodão, para se abrigarem durante a noite. Há ocasiões e lugares, particularmente no país dos Omáguas, onde se fica envolvido continuamente por uma nuvem espessa de tais insetos voadores, cuja picada causa uma comichão irresistível".

Da popa, alguns passageiros, mais curiosos, foram debruçar-se na amurada, acompanhando o trabalho dos maquinistas, enxotando os insetos que voltavam sempre, vorazes e persistentes.

Outros, aproveitando a parada do motor, e o silêncio, só rompido pelo bater de martelos e chaves de fenda, foram para as cabinas, como

o Coronel Possidônio, sua família, Frei Massotti, Michel Leroy, Berenice e Clotilde, além dos turistas americanos, ou para suas redes e catres, na terceira classe, os passageiros mais pobres.

Ridruejo, Carvajal e Juan Diaz, armas em punho, fiscalizavam do alto o reparo do eixo danificado, enquanto Zimaco cumpria o plantão na sala de rádio. Aguirre e Miguel Viana foram para o convés superior.

Miguel apanhou o violão, afinou as cordas e começou a cantar uma melodia brasileira, pensando em Berenice, para quem fizera muitas serenatas.

Aguirre caminhou alguns passos no corredor, lentamente. Aproximou-se do camarote de Jussara, recostando-se no corrimão, ouvindo a canção de Miguel:

- "Lábios que beijei,
mãos que afaguei,
numa noite de luar assim.
O mar na solidão bravia,
e o vento a soluçar pedia
que fosses sincera para mim..."

Berenice, estendida no leito, tinha os olhos abertos e ouvia, emocionada, a serenata de Miguel. Lembrou-se de Crato, das noites enluaradas, das ruas desertas, de galos cantando, do vento gemendo nas venezianas das janelas. Em vez de nostalgia, sentiu uma opressão no coração magoado. Começou a chorar, deixando que as lágrimas lhe molhassem o rosto, onde o sofrimento havia pousado. Prestava uma atenção dolorosa àquela melodia de sua infância e juventude e, dentro dela, começou a nascer, ou renascer, um amor casto, um sentimento de plenitude e de pureza que dava ao seu olhar uma fugitiva doçura.

Pouco adiante, noutra cabina, Jussara também ouvia a serenata, mas o que sentia nada tinha de semelhante ao que Berenice sofria. Seu pensamente convergia para Aguirre, excitando-a, trazendo-lhe ao corpo um estremecimento sensual e envolvente.

Quando ouviu passos no corredor, certificou-se de que eram de Aguirre, saboreando uma sensação de espera e inquietude, de prazer e sofrimento. Viu a maçaneta da porta girar, mas sem abrir-se, fechada a chave.

Aguirre então afastou-se, indo para perto de Miguel, que ainda cantava.

No rio, enquanto isto, os dois maquinistas trabalhavam sempre, observados pela platéia noturna.

Foi quando, correndo a vista pela popa, Ridruejo avistou num canto o casal de índios tukunas. Atraído pela beleza juvenil de Iauitê, o presidiário aproximou-se e, sem esconder a admiração pela indiazinha, puxou prosa:

- Embarcaram em São Paulo de Olivença? E para onde vão?

Os tukunas, intimidados com a metralhadora que Ridruejo trazia, nada responderam. Mas o peruano insistiu:

- Não falam português? Nem espanhol?!

Curiçaua então respondeu, fixando no invasor um olhar desconfiado e hostil:

- Embarcamos em São Paulo de Olivença, sim senhor!

- E para onde viajam? - tornou a perguntar, devassando com olhar lascivo o corpo da índia.

- Para Manaus! - disse Çuriçaua, rispidamente.

E se afastaram, enquanto Ridruejo acompanhou, excitado, o leve caminhar da indiazinha, seu vulto delicado, seus longos cabelos negros, tombados nos ombros.

Juan Diaz, que o observara de longe, veio distraí-lo da contemplação lúbrica:

- Nunca tinha visto índia, Ridruejo?

- Claro que vi, Juan! Mas uma bugrezinha gostosa como esta, não tinha visto!

- Tome cuidado! - aconselhou Juan Diaz.- Esses índios são traiçoeiros!

- Eles têm flechas, Juan, mas eu tenho isto! - respondeu Ridruejo, mostrando a metralhadora.

A noite ia alta e, com exceção do ruído dos dois maquinistas, trabalhando na quilha, o silêncio se tornara maior.

Minutos mais tarde, no entanto, aquele silêncio pressagioso foi bruscamente interrompido pelo grito espantoso de um dos maquinistas, que se ferira na hélice e, surgindo na superfície, mostrava uma máscara impressionante de terror:

- As piranhas! As piranhas! Socorro, Deus do céu!

Agenor, o outro maquinista, também veio à tona, um pouco adiante, atravessou com grandes braçadas o espaço que o separava da escada de corda e começou a subir, gritando, desesperado:

- As piranhas! Atacaram o Antônio!

Os gritos dos maquinistas acordaram o navio e atrairam passageiros e tripulantes, assustadíssimos, ao local da tragédia.

Um dos primeiros a chegar foi Caruana. Ajudou, espantado, o maquinista sobrevivente a subir, ouvindo-o suplicar, angustiado:

- As piranhas, comandante, atacaram o Antônio! Pelo amor de Deus, capitão, salve o Antônio! Estão devorando o coitado!

Aguirre, Miguel Viana e os outros presidiários correram à popa, apavorados, sem entender o que se passava.

Frei Massotti e Michel Leroy abandonaram o pôquer, que jogavam na cabina, e chegaram precipitadamente ao local, enquanto Possidônio chegou à porta do camarote. Sua primeira preocupação foi saber como estava a filha.

Em poucos minutos a popa estava repleta de gente, assombrada com o espetáculo sangrento.

Os fugitivos,armas à mão, observavam calados a luta inútil do tripulante com os peixes vorazes. Perto deles, Agenor, milagrosamente poupado, pedia:

- Pelo amor de Deus, gente, salvem o Antônio! Façam alguma coisa, que ele está morrendo!

Impressionado com o apelo do maquinista, Juan Diaz assestou a metralhadora para baixo e começou a atirar em volta do infeliz, que se debatia, tentando afugentar o cardume faminto.

Aguirre aproximou-se do boliviano, segurou-lhe a arma e explicou:

- Não adianta nada, Juan! O homem está perdido! São centenas de piranhas, devorando o infeliz! Nem Deus salva aquele homem!

No rio, tentando ainda libertar-se do cardume, Antônio ia, pouco a pouco, perdendo as forças.

Fervilhando com a fantástica velocidade devoradora dos carácidas,

as águas do rio cobriram-se de sangue, enquanto o que sobrou do maquinista ia sendo levado para o fundo.

Saciadas, devorando ainda pedaços sangrentos de carne, as piranhas afastaram-se do local. Pouco a pouco, as águas do Solimões se aquietaram. A poça de sangue, levada pela correnteza, afastou-se do navio.

Depois tudo ficou em silêncio, um silêncio sinistro que chegou até a floresta.

Quando amanheceu, com o reparo parcial da avaria, o "Amazonas" recomeçou lentamente a viagem.

Tripulantes e passageiros, transitando pelo barco, mostravam no rosto a marca do assombro e do pesar.

No tombadilho, Michel Leroy transmitia a Frei Massotti, Berenice, Clotilde e alguns outros, dados sobre as piranhas, pavor dos rios amazonenses e de todo o Brasil:

- Esses peixes terríveis e carnívoros são exclusivos de água doce. Da família dos caracinídeos, pertencem a diversas espécies cujos nomes científicos numca consequi guardar. Do ponto de vista prático, distinguem-se em dois grupos: as piranhas que habitam vários rios, lagos e açudes no Estado de São Paulo, e outro grupo ao qual pertencem a piranha-preta, a piranha-vermelha, ou piranha-cachorra, e a piranha-branca. São peixes extremamente ferozes, com 30 centímegros de comprimento, por 15 de altura, em média.

Depois prosseguiu, após soltar a fumaça do cachimbo:

- A maior espécie, a piranha-preta, atinge 45 centímetros, vivendo em cardumes numerosos. Têm o corpo deprimido lateralmente, o maxilar inferior saliente e a dentadura afiadíssima. São também chamados de tigre-d'água.

Deu outra baforada e, diante da atenção compungida da pequena platéia, concluiu:

- Pelo que pude observar, as piranhas que atacaram e devoraram o desgraçado maquinista, são do tipo piranha-cachorra, que só ataca quando vê sangue. Esta foi a desgraça do maquinista, que se feriu na hélice do navio, como informou o sobrevivente.

Quando constatou a marcha vagarosa do navio, Aguirre foi interpelar Caruana:

- Por quê essa lentidão, Comandante?! A avaria não foi consertada?

- Só parcialmente - explicou Caruana.- Diante do ocorrido, ninguém quis descer ao rio para completar o reparo. O jeito foi continuar a viagem em marcha reduzida, para não forçar o motor.

E completou:

- Em Santo Antônio do Içá terminamos o trabalho.

- Vai demorar?

- Creio que não. É o tempo de receber a carga e os passageiros.

## O Calor do Desejo

Depois de passar, em marcha lenta, por União, Amatuará, Vargem Grande e pela Ilha Javarimirim, o "Amazonas" aproximou-se do ponto de encontro do rio Içá com o Solimões.

Como o Solimões, também o Içá é um rio internacional, pois atravessa grande parte da Colômbia, com a denominação de Putumayo.

"O Içá - ensina Elysée Réclus - é o tributário setentrional que, dadas as proporções, despeja maior quantidade de água no Solimões, porque as mais elevadas nascentes, ao Norte e ao Sul da linha equatorial, descem da vertente oriental das montanhas de Quito, onde abundam as borrascas em todas as estações do ano, e onde a atmosfera é tão constantemente nublada por chuvas e nevoeiros, que o viajante precisa sempre de bússola para orientar-se".

Depois de nascer nos contrafortes dos Andes, penetra no Brasil na altura de Aliança, banhando terras brasileiras numa distância de 347 quilômetros.

Réclus, notável geógrafo francês, diz também que o nome Içá foi dado pelos índios Omáguas, descendentes dos antigos Içás, que povoavam as margens daquele poderoso sulco potâmico. Como o Napo, o Japurá e outros rios amazônicos, nascidos no Equador e na Colômbia, o Içá, rio de extraordinário poder corrosivo, "carrega pedaços de pedras-pomes arrancados das encostas dos vulcões, e vem atirá-los nas barrancas argilosas do Amazonas".

No estuário, local de grande beleza natural, a marcha reduzida do gaiola permitiu que seus passageiros observassem com mais detalhes uma paisagem fascinante, com as águas do Içá represadas pelas do Solimões, alargando-lhe o leito com águas remansadas, ornadas de lagos e formando numerosas ilhas, como num pequeno arquipélago.

O município de Santo Antônio do Içá chamou-se, antigamente, Boa Vista e pertenceu a São Paulo de Olivença até 1936. Seus limites estendem-se até a fronteira com a Colômbia.

Além da flora e fauna, a produção extrativa constitui a principal

fonte de receita do município, seguida da pesca, principalmente do pirarucu, e da exportação de peles de jacaré.

Antes de encostar no pequeno ancoradouro da cidade, os seis invasores novamente separaram os reféns para a "descida aos infernos", como Aguirre a chamava.

E, de novo, a partilha dos reféns provocou revolta e agitação.

Aguirre outra vez indicou Jussara, enquanto Ridruejo, atraído pela índia tukuna, escolheu-a também para a descida ao porão, desprezando os protestos de Çuriçaua, que desejava acompanhá-la.

Quando Aguirre indicou as duas religiosas, Berenice, muito aflita, pediu ao peruano:

- Por favor, moço, deixe Irmã Clotilde aqui! Ela não tem boa saúde!

Aguirre ia protestar, quando Miguel veio interceder:

- Deixe a mais velha ficar, Aguirre! Acho que está mesmo doente!

- Se você quer, Miguel, está bem! Levamos a mais moça!

Berenice lançou um olhar agradecido ao brasileiro e, antes de descer, tranqüilizou a prima:

- Tudo vai correr bem, Clotilde. Deus é grande!

- Vou rezar por você, Berenice.

Assim que desceram ao porão, o "Amazonas" ancorou, com idêntico ritual das outras escalas.

Embaixo, no calor tórrido, fugitivos e reféns esperaram, em silêncio. Mãos no gatilho, os assaltantes pareciam mais calmos, embora tensos, ouvindo os ruídos do reparo no eixo da embarcação.

Aguirre aproximou-se de Jussara e manteve com ela um diálogo ofegante e sensual, enquanto Ridruejo, por sua vez, praticamente arrastara Iauitê para um canto, onde, protegido por caixas e fardos de algodão, acariciou-a excitadamente. Temendo violência maior do peruano, Iauitê, com asco e revolta, submeteu-se aos caprichos do presidiário.

Vendo-a nas mãos daquele criminoso repulsivo, Berenice foi pedir a Miguel que a protegesse.

- Lamento muito, Berenice, mas é melhor não interferir. Ridruejo é violento, pode fazer mal àquela índia!

- Mal já está fazendo, Miguel! Iauitê é uma criança, uma criança pura e tímida! Por favor, retire-a das mãos sujas daquele bandido!

Foi quando Zimaco, que estava perto, interveio:

- Se eu fosse você, Miguel, não interferia! A coisa pode acabar mal!

Berenice, magoada, afastou-se, diante do olhar constrangido do brasileiro.

Juan Diaz, um pouco afastado, nada dizia, olhando com rancor o assédio de Aguirre sobre Jussara. Guardava uma revolta secreta e ameaçadora, sentindo-se traído pelo peruana, tramando vingança.

Terminado o reparo do eixo danificado, o gaiola, reabastecido e com nova carga e passageiros, acionou a sineta e o sinal de partida, voltando ao centro do rio.

Os seis bandidos subiram ao convés, com os reféns, encharcados de suor, nervosos e irritados.

À noite, durante o jantar, voltaram a beber, enervados, maldizendo o "inferno em que se meteram".

Miguel, para amenizar o ambiente tedioso, apanhou o violão e começou a cantar para os companheiros El Triste, cantiga tradicional dos Andes bolivianos, e cuja melodia, nostálgica e poética, parecia exprimir a tristeza de uma raça forjada no meio agreste da Cordilheira.

A cantiga deixou Juan Diaz quase às lágrimas, pois povoara sua infância num povoado da Bolívia.

Os outros, bebendo em silêncio, deixavam emergir da alma um sentimentalismo que nem o crime mais atroz conseguia sufocar.

Em todo o navio, agora navegando mais velozmente, a bela voz do brasileiro criou uma atmosfera poética que atenuou o medo e a tensão daqueles dias dramáticos.

Aguirre, num canto, pensativo, bebia calado, enquanto Zimaco, com a garrafa de cañaso vazia, tombara a cabeça na mesa, embriagado.

Fora, no corredor superior, ninguém circulava e, no passadiço, Caruana dialogava com o timoneiro:

- Tenho um mau pressentimento, Jerônimo! Acho que isto vai acabar mal!

- E se a gente passasse ao largo em Fonte Boa, apitando?... O des-

tacamento policial veria que alguma coisa de anormal estava acontecendo!

- É muito arriscado, Jerônimo. Pode haver um morticínio. Eles estão irritados, bebendo muito. São capazes de tudo.

- E não têm nada a perder. - concordou o piloto.- São condenados à prisão perpétua!

- Ainda vamos encontrar uma saída, Jerônimo - prometeu o comandante - É preciso ter paciência, esperar o momento certo para agir.

- Onde estão agora aqueles celerados?

- No refeitório, esvaziando as garrafas.

De fato, na sala de refeições, Zimaco e Juan Diaz, embriagados, dormiam sobre a mesa, enquanto Carvajal, melancólico, ainda bebia.

Aguirre, resistente à bebida, fez um sinal a Miguel e os dois foram ao convés. E lá recostaram-se na amurada, a pouca distância do camarote de Jussara.

Respiraram ar fresco, em silêncio.Miguel empunhou o violão, ouvindo Aguirre pedir:

- Cante Potosino Soy, Miguel!

Miguel deu os primeiros acordes e começou a cantar.

Afetado pela atmosfera romântica, estimulado pela bebida, Aguirre olhava com insistência a cabina de Jussara.

Tomou, então, a decisão temerária: atravessou o corredor, parou diante da porta, disposto a arrombá-la. Antes, porém, torceu a maçaneta. Estava aberta. Empurrou-a cautelosamente e entrou.

Miguel, metros adiante, com um sorriso conivente, cantou inspiradamente, pensando em Berenice.

Aguirre, no interior do camarote, trancou a porta e aproximou-se lentamente da cama, sobre a qual Jussara, inteiramente despida, esperava-o.

A mestiça, com o corpo delineado pela luz que entrava através da escotilha, tinha o rosto na penumbra, os compridos cabelos repousados no travesseiro, o corpo palpitante, pronto para o amor.

Aguirre então se despiu, fixando na moça um olhar ardente e sensual.

Jussara, por sua vez, estava inquieta, vencida pelo desejo. E viu surgir diante dela um corpo másculo, avançando para a posse mútua.

Aguirre deu mais um passo, recostou-se na cama, debruçou-se e

apanhou o corpo fremente, trazendo-o para si.

Jussara enlaçou-o num abraço nervoso, oferecendo-lhe um corpo palpitante e jubiloso.

Ao ser possuída, experimentou um prazer que sepultou nela medo e humilhação. Mas, no recanto mais fundo de sua alma, sentiu uma sensação de indignidade e vergonha, ódio e remorso.

Cravou, então, nas costas do peruano, as unhas pontiagudas que o fizeram sangrar.

Na posse animal e ofegante, Aguirre nada mais fez do que a trazer com mais força para si.

No convés, uma aragem refrescante perpassou pelo rosto de Miguel, que terminava solitariamente a serenata.

Passeando os olhos pelo corredor, avistou um vulto que caminhava na obscuridade. Era Berenice, com a veste branca refulgindo ao luar, aproximando-se com passos leves, olhando-o com ternura.

Surpreendido e feliz, Miguel interrompeu a serenata, deu alguns passos ao encontro dela. Mas Berenice pediu, com delicadeza:

- Não, Miguel, por favor, não pare! Estava tão bonito!

Miguel retomou o violão e começou a solar a melodia, desta vez, no entanto, sem cantar.

Depois que terminou a cantiga dos Andes, perguntou, em voz baixa, quase sussurrada:

- Gosta sempre de música?

- Sempre! No convento eu cantava no coro. Uma freira tocava violão, como você. Eu adorava ouvir, nas noites claras, vendo o rio espelhando o luar.

Ficaram em silêncio, envolvidos pela recordação. Depois Berenice comentou:

- Estive observando você, Miguel...

- Eu sei.

- Você é diferente dos outros. Muito diferente! Não sei como foi se misturar com (essa) gente!

- No presídio vivíamos na mesma cela. Ficamos amigos e planejamos a fuga, com o compromisso de um por todos, todos por um.

Recostou-se na balaustrada e completou, com voz quase inaudível:

- Tomei uma decisão, Berenice, pensando em você: em Tefé abandono o grupo e me entrego!

- Mas por que não faz isto em Fonte Boa, onde o navio também pára?

- Porque juramos que iríamos até o fim! Quem trair, será eliminado!

Ficou em silêncio, como se hesitasse. Mas depois decidiu:

- Vou lhe fazer uma revelação importante, Berenice! Pelo amor de Deus, guarde sigilo absoluto! Em Tefé planejamos tomar de assalto o avião Catalina e fugir para o México. Mas o que vou fazer só você agora vai ficar sabendo: não embarco no avião e me entrego à Polícia! E seja tudo o que Deus quiser!

Berenice, comovida, balbuciou, tomando a mão de Miguel:

- Deus ouviu minhas preces!

## O Vôo da Flecha

Não só o embarque de novos passageiros e carga em Santo Antônio do Içá, como a presença numerosa no rio de detritos, árvores arrancadas e quantidade considerável de pedaços de pedra-pome, lançados no Solimões pelo Içá, provocaram a redução da marcha do "Amazonas", a caminho de Fonte Boa.

A lentidão do navio irritou os detentos, preocupando passageiros e tripulantes.

Na terceira classe, com a chegada de novos viajantes, as condições de higiene se agravaram, causando forte impressão nos mais sensíveis ao sofrimento humano.

Não só no convés inferior, com a proximidade da casa de máquinas, como, de resto, em todo o barco, o calor golpeava aquela fração de humanidade, perdida na imensidão da Amazônia.

Um mormaço quente e úmido descera sobre o rio e a temperatura elevada transformara as partes internas e externas do gaiola num forno escaldante.

- Parece a porta do inferno! - exclamou Aguirre, no tombadilho.

- Porta de entrada coisa nenhuma, Carlos! - respondeu Carvajal -. Isto aqui é o próprio inferno!

Pouco adiante, Juan Diaz e Zimaco esmurravam inutilmente os piuns e outros insetos:

- Puta que os pariu! - grunhia Juan Diaz, desesperado -. Não agüento mais,, Zimaco!

- Agüenta mais um pouco, Juan! Não estamos pertos de Tefé?

- Perto uma ova! Ainda falta muito!

Miguel Viana, de plantão na sala de rádio, lutava contra a sonolência, abanando-se com uma revista.

Ridruejo, movido pela persistente obsessão, desceu ao convés inferior, em busca de Iauitê. Mas lá só encontrou o marido, Curiçaua, dormitando na rede.

Seguiu procurando a índia, que encontrou, afinal, sentada no chão

da popa, recostada na amurada, tecendo uma esteira.

Aproximou-se e começou a perguntar:

- O que está fazendo? Uma rede?

Iauitê não respondeu, limitando-se a olhá-lo com uma antipatia instintiva e feroz.

Ridruejo então se irritou e, com brutalidade, obrigou-a a levantar-se, dizendo:

- Não ouviu o que eu disse, bugra de merda?!

Iauitê, que vestia uma saia leve e curta, deixando os pequenos seios quase à mostra, encarou-o com desprezo.

Ridruejo, de repente, raivoso e excitado, abraçou-a com força e quis beijá-la na boca. Mas Iauitê resistiu, lutando bravamente para afastar o agressor. Seu gesto, contudo, só serviu para recrudescer-lhe o desejo e a exasperação.

Agarrou-a com brutalidade, rasgando-lhe a blusa e quase a despindo.

Foi quando, subitamente, Çuriçaua chegou correndo, em defesa da mulher. Trazia um punhal e, de um salto, tentou cravá-lo no peruano. Ridruejo, no entanto, na iminência do perigo, saltou para trás, ergueu a metralhadora e deu uma rajada, alvejando o índio no peito.

Os tiros causaram tumulto no navio, atraindo Aguirre, Juan Diaz, Zimaco e Carvajal, que chegaram correndo à popa, unindo-se em defesa do companheiro.

Ridruejo, exaltadíssimo, tentava explicar-se:

- Este índio tentou me agredir!

Aproximou-se de Çuriçaua, caído de borco numa poça de sangue e, com o pé, virou-lhe o corpo.

- Estão vendo?! Ainda está com o cuchillo na mão!

Tentando tranqüilizá-lo, Aguirre colocou a mão no ombro do peruano e disse:

- Fique calmo, Ridruejo! Você se defendeu, o índio teve o castigo que merecia!

Depois, ajudado pelos companheiros, levantou do chão o cadáver de Çuriçaua e jogou-o no rio, gritando aos que se aglomeravam no local do crime:

- Saiam daqui! Voltem para seus lugares! Não queremos confusão! Meu companheiro matou em legítima defesa! Quem não viu, fique sabendo!

Logo em seguida chegaram Berenice e Clotilde, aterrorizadas. Abraçaram Iauitê, traumatizada e imóvel, e a afastaram do lugar.

Mais tarde, reunido no camarote com os companheiros, Aguirre comentou:

- Este assunto está encerrado! Ridruejo fez o que qualquer um de nós faria!

E perguntou a Juan Diaz:

- Juan: conhece a próxima escala?

- Conheço. É Fonte Boa. Passei por lá tempos atrás, em busca de trabalho.

- É grande? Tem Polícia? - quis saber o líder.

- É mais ou menos como (Santo) Antônio do Içá - explicou o boliviano -. Um lugarejo sem importância, com alguns soldados que dormem o dia inteiro!

- Tem posto de rádio?

- Deve ter, na Delegacia. Mas, por quê está perguntando, Aguirre? Algum plano na cabeça? - indagou Juan Diaz, intrigado.

Antes de expor o plano que tramava, Aguirre certificou-se de que ninguém escutava à porta. Depois esclareceu, baixando o tom da voz:

- Não estou com vontade nenhuma de descer de novo àquela caldeira!

- Nem eu! - reforçou Carvajal -. Não saí de Iquitos para me torrar naquele forno!

- Pois desta vez não vamos descer! Dois de nós ficam no navio, como garantia. E vamos atacar o vilarejo, destruir o posto de rádio e apanhar dinheiro, onde for possível encontrar!

- Grande idéia! - exclamou Zimaco, entusiasmado.

- Você é do caralho, Aguirre!- opinou Juan Diaz, eufórico -. Tem idéias geniais!

A viagem prosseguiu em clima de revolta e pesar pelo assassinato do índio tukuna. Muitos confortaram Iauitê, que se acocorara num canto, calada, os olhos duros e estranhos.

Passando ao largo de Tonantins, distrito de Santo Antônio do Içá, o "Amazonas" continuou a descer o Solimões, vencendo a geografia fluvial

que incluía várias localidades ribeirinhas: Canavial, Aranapé, as ilhas Timbotube, Baruruá e Envira Branca, próxima à foz do rio Jutaí; Tararazinho, Arumanduba, Ilha do Meio, Periquitos e, finalmente, Fonte Boa, da qual se aproximou na manhã seguinte.

O primeiro núcleo de povoamento de Fonte Boa chamou-se Taracoatéua, ou Taracuariba, aldeia dos índios Omáguas. Nessa aldeia, em fins do século XVII, o mesmo jesuita alemão, Samuel Fritz, fundou a missão religiosa de Nossa Senhora de Guadelupe.

Poucos anos após sua criação, a aldeia foi destruída pelos espanhóis e restaurada, mais tarde, pelos portugueses.

Em 1759 a aldeia Taracuariba foi elevada à categoria de lugar, passando a chamar-se Fonte Boa. A criação do município, com território desmembrado de Tefé, ocorreu em 1891. A sede municipal foi elevada à categoria de cidade pelo Decreto-Lei estadual nº 68, de 31 de março de 1938.

Fonte Boa, à margem direita do Solimões, situa-se a 50 metros acima do nível do mar e faz parte da zona fisiográfica do Solimões-Javari.

Limita-se com os municípios de Carauari, Japurá, Juruá, Jutaí, Maraã, Santo Antônio do Içá e São Paulo de Olivença. Sua principal atividade econômica é a produção extrativa vegetal, destacando-se, entre as várias espécies nativas, a seringueira e madeiras de boa qualidade, como o aguano e o cedro.

Também a pesca gera riqueza no município, destacando-se, entre os peixes, o pirarucu, tambaqui e quelônios, dos quais a tartaruga é a principal espécie.

A descoberta de rochas sedimentares na região comprovou a existência de petróleo, que, em futuro próximo, poderá transformar-se em nova riqueza do município.

Assim que o navio-gaiola ancorou em Fonte Boa, quatro fugitivos - Aguirre, Miguel Viana, Juan Diaz e Carvajal - camuflando as armas, desceram à terra, deixando Ridruejo e Zimaco a bordo, armados até os dentes.

No ancoradouro, desconhecendo o que se passava a bordo, a mesma,

pobre e promíscua população de uma localidade ribeirinha apreciava a chegada do navio.

O assalto dos presidiários a Fonte Boa foi rápido e bem articulado. O bando atacou, inicialmente, o posto policial, no final de um arruado, aprisionando numa cela um cabo e três soldados. Depois destruiu o equipamento de rádio da Delegacia e, sucessivamente, sem encontrar resistência, tomou de assalto a pequena agência do Banco da Amazônia, de onde recolheu todo o dinheiro.

Em seguida, diante do espanto dos moradores, os quatro assaltantes saquearam armazéns, casas comerciais e residências, imobilizando com as armas os que tentaram resistir.

Um funcionário do Estado, com um rifle de caça, tentou resistir em casa. Mas Aguirre, com a metralhadora, invadiu desassombradamente a residência e prostrou o morador com uma rajada, diante dos gritos da mulher e dois filhos menores.

Enquanto isto, no "Amazonas" aconteceu o episódio dramático que custou a vida de Ridruejo. E quem o matou, valendo-se de um descuido do peruano, foi Iauitê, que jurara a si mesma, com o ódio profundo que lhe retesava a vontade, vingar a morte de Çuriçaua e punir aquele "assassino amaldiçoado".

Ninguém ficou sabendo como a índia conseguira preparar o arco e a flecha, cuja ponta embebeu de curare.

Naquele dia, de um canto escondido do navio, esticou o arco e arremessou a flecha envenenada na direção do peruano, atingindo-o nas costas.

O veneno, entrando em contato com o sangue, provocou rápida ação paralisante sobre os músculos estriados e, logo a seguir, produziu efeito mortífero ao atacar os músculos respiratórios.

Ridruejo, ao ser atingido, soltou um gemido surdo, deixou cair a arma e tombou, expectorando, soltando ruídos guturais e desconexos.

Morreu em poucos instantes, diante do espanto de Zimaco, que corria de um lado para outro, arma em riste, gritando, procurando inimigos ocultos:

- Quem foi? Quem fez isto?

Depois de apanhar a metralhadora das mãos de Ridruejo, avançou ameaçadoramente na direção de Caruana, que chegara assustado ao local do

atentado.

- O senhor trate de descobrir quem fez isto, Comandante! - gritava Zimaco, fora de si -. E depressa, senão vai sofrer as conseqüências!

Caruana abaixou-se para examinar o cadáver, caído de costas, o sangue a escorrer-lhe pela boca. Quando virou o corpo, descobriu a pequena flecha, cravada em Ridruejo pouco acima da região glútea.

Retirou a flecha, cheirou a ponta e, voltando-se para Zimaco, explicou:

- A flecha foi envenenada com curare, um veneno poderosíssimo que só os índios sabem fazer.

- Foi aquela índia, foi aquela filha da puta! - exclamou o presidiário.

E completou, aproximando-se de Caruana:

- Trate de encontrar aquela desgraçada, Comandante!

Mas Iauitê nunca foi encontrada. Desaparecera misteriosamente do navio.

Durante muito tempo pensou-se que, após flechar Ridruejo, se suicidara, atirando-se no rio.

Mas, na verdade, conforme se soube mais tarde, o que Iauitê fez, com coragem e uma vontade indômita que encheu de assombro sua gente, ficou por longo tempo na memória dos moradores da região: mergulhara silenciosamente no rio, aproveitando-se da confusão provocada pela morte do peruano, transpusera o Solimões, nadando com a extraordinária perícia dos índios, alcançara a margem esquerda, oposta a Fonte Boa, e penetrara na selva.

Ali, em desabalada carreira, ferindo-se em espinhos e galhos de árvores, seguiu até as imediações do Lago Cupianá, onde atravessou de novo o Solimões, em trecho mais estreito, e voltou à margem direita, ganhando a floresta, até aproximar-se de Pauapixuna, perto da foz do rio Juruá, onde encontrou uma aldeia dos índios Culinas, amigos dos Tukunas.

Os culinas deram-lhe uma piroga, conduzida por dois índios, com a qual continuou a descer o Solimões, a caminho de Tefé.

No fantástico itinerário de quase quatrocentos quilômetros, tanto na selva, como no rio, Iauitê foi rememorando a infância feliz na aldeia tukuna, à margem do rio Jandiatuba, onde nascera.

Subiram-lhe da memória, mansas, pisando sombras, imagens antigas da taba indígena: a oca, de teto cônico, coberto de folhas de palmeira, o esteio alto e forte, as redes, armadas em raio, do esteio para os caibros laterais, a fogueira no centro, jogando cores rubras em toda a choupana.

Recordou-se dos primeiros passos no chão de terra batida, na cabana e na ocara onde brincou tanto e correu com Çuriçaua e outros curumins de olhos oblíquos, sorrindo, gritando e brincando.

Ao relembrar Çuriçaua, Iauitê chorou, mas o vento, na corrida pela floresta, secou-lhe depressa as lágrimas. Da mansidão das lembranças, passou depressa para o ódio profundo e vingativo, que lhe acelerou os passos e tornou sua vontade mais forte.

E correu, e correu sempre, livrando-se de galhos e cipós, transpondo cursos d'água, igarapés e curuperês, fugindo dos igapós, os longos cabelos tangidos pelo vento, chamando a si todas as forças, sentindo como as aves voam, correndo como o sangue nas veias, varando a distância como a flecha esguia. E nesse arremessar-se na penumbra verdejante, até animais, répteis e pássaros paravam, espantados, vendo-a passar: da onça feroz, à rola tímida; da sucurijú à cascavel de três palmos; dos patos, jacús, mutuns, saracuras e jabotis, aos tamanduás e capivaras; dos cururuás, mocós e cotias, aos coatis, serelepes e caxinguelês; das jaguariticas às pumas e onças pardas; dos queixadas aos marcacajás; das lebres, tapitis e candimbas aos guarás, lontras e iraras; das antas ao veado galheiro e aos cervos; dos tajá-açús aos macacos barrigudos; dos saguis, aos japuçás; das araras e periquitos aos tucanos e bentevis.

E correndo, mata adentro, tudo lhe parecia familiar: as árvores imensas, erguidas como catedrais de troncos portentosos; os arvoredos e arbustos que o vento vergava; as fileiras de açaís, o cipoal dos ambés, os apuizeiros, as altas samaumeiras, as seringueiras e maçarandubas; os acapus, as araçapenas, as caferanas de flores roxas e perfumadas, as castanheiras, os catipés, as envireiras, com suas bonitas flores amarelas; as escovas de macacos, as guaxingubas, as altas palmeiras, de tantas variedades e tamanho: os inajás, indaiaçús, jauaris, marajás, miritis, mumbacas, murumurus, patauás, tucumãs, uauaçus e urucuris.

E Iauitê corria, como bicho, voava, como ave, pulando raizes fincadas na terra úmida, arranhando-se nos jaramacurus, na barba-de-bode, nas

coroas de frade, nas murteiras, pisando nos caimbés, nos catauaris, nos capim-piquis.

E recordava, a memória comovida, refazendo a imagem dos pais, das tias, das velhas índias preparando no fogo os peixes moqueados, a sopa de tartaruga, a maniçoba, a mixira, os casquinhos de mussuã, o tacapá, o tucupi.

Recapitulava as manhãs de sol forte, despertando como animalzinho jubiloso, cantarolando, aspirando o cheiro das flores da caferana, sentindo um prazer penetrante, recriando pequenas alegrias infantis, como recantos secretos de felicidade: o ninho escondido dos bentevis, a boneca de espiga de milho, a cotia ágil e brincalhona, sentada sobre as patas traseiras, roendo milho, ou correndo vertiginosamente, assustada com algum ruído suspeito.

E rememorava a vida de radiante liberdade, comunicando-se com o passado por mil contatos sensíveis, sentindo no coração fontes vivas, atávicas e profundas.

E corria, crescendo como feto no ventre da selva, como pássaro embalado pelo vento, recompondo na memória pedaços esparsos da vida, carícia de mãos humanas, árvores vergando, buritis plantados em fileira, nos alagadiços, à beira-rio.

E penetrava no coração ardente da floresta, devorando a distância com a tenacidade de ferro no corpo frágil, vendo o dia escoar, a noite crescer, escurecendo a mata. Mas seguia sempre, guiada pelo instinto da raça, ou pelas estrelas entrevistas na copa das árvores, o olhar indagando a rota, mergulhando, afundando, imergindo, ouvindo vozes, cânticos, gritos selvagens, como nas caçadas da aldeia.

E de sua memória desfilavam, com a velocidade de pés descalços, as imagens tribais, dos valentes guerreiros, fabricando arcos e flechas, sarabatanas e pequenas setas sopradas com força na caça e na guerra. E recordava o aprendizado atento da arte plumária, a tecelagem do vestuário, das redes, tangas, miçangas e cestos; os instrumentos musicais, o chocalho, as flautas de taquara, os assobios, os rascadores de casca de tartaruga, as trombetas de cuia, os bastões de ritmo.

Revia as mãos ágeis preparando os enfeites, as pulseiras, as contas de vidro, o uluri, as tangas de vidrilho, os colares, cocares e máscaras

pintadas com resinas vegetais e tabatinda, figurando seres sobrenaturais e estranhos, dotados de função divinatória.

E estremecia, recordando a tatuagem, que chamavam de nohotó, com a forma de dois arcos transversos, fixados na parte superior do braço e da coxa, empregando espinhos de gravatá embebido de tinta de genipapo, ou de tinta ahitê, também usada na untação do corpo masculino.

Perpassavam-lhe, então, na lembrança, o plantio e a colheita da mandioca, do tabaco e do milho, após a derrubada da floresta. Lembrava-se dos vasos de barro, das cestas e esteiras com desenhos caprichosos, das pescarias, caçadas, correrias pelos campos, da travessia do Jandiatuba, de seus afluentes de águas límpidas; das tardes gostosas e refrescantes, do por de sol nos rios e riachos, reverberando a policromia dos clarões crepusculares.

E arremetia, as têmporas batendo, as pernas fatigadas, mas ainda firmes, deixando marcas na terra mole. E corria, e corria, ouvindo os ruídos da selva, aspirando o perfume das flores, no ar aquecido.

Deixava subir, do fundo da memória enternecida, as pequenas alegrias da adolescência: o fogo aceso, a ocara inundada de sol, ou batida pela chuva; as tempestades que a apavoravam, os relâmpagos e trovões que a levavam a refugiar-se no colo protetor da mãe. Recordava depois o silêncio, o intenso silêncio quando o temporal dissipava, trazendo a frescura do ar, a limpidez da atmosfera, as folhas lavadas, a vida renascendo, velhas tecendo, moldando barro, o rosto sereno da índia-mãe vendo as crianças recuperando seu espaço, os cães latindo, os pássaros voejando.

E recordava as velhas lendas aborígenes, ouvidas na infância, com medo e respeito; as lendas do boto, o uiara dos silvícolas, com o grande poder de sedução; a lenda da iara, que era metade mulher, metade peixe, com os belos cabelos compridos, vivendo nas margens dos igarapés, seduzindo os tapuias; a mãe-d'água, a boiúna, cobra enorme, mãe de todas as águas, soberana de lagos e igapós, de furos e parauás, de vertentes e desaguadouros, e que paralisava a energia dos animais, com seu poder maléfico, devorando as criações domésticas, alagando as embarcações, ou, para Iauitê, a mais bela das lendas, a do irapuru, o pássaro de canto mavioso que atraía e escravizava a fauna florestal, subjugada por seu canto

irresistível.

Também recordou a festa do sairé, com suas rezas e danças, parecendo ouvir ainda o estribilho da melopéia triste, que sua gente cantava:

- "Santa Maria cunhã purãga imembira iaué catú, iputira ipóp ("Santa Maria é mulher bonita e seu filho é como ela, com uma flor na mão").

Embalada pelas recordações, ora rindo, ora chorando, Iauitê chegou, correndo, à aldeia dos Culinas, no Pauapixuna, onde lhe deram outra igara e, com ela, voltou a descer o Solimões, seguindo, para encurtar caminho, por furos e igarapés, aproximando-se da Ilha Machado, onde, exaustos, os remadores foram substituídos por outros dois índios da tribo amiga dos Uaraicus, que a levaram até perto de Alvarães, num lugar chamado Jauarauá, onde a piroga encostou, deixando Iauitê de novo em terra firme.

Penetrando outra vez na floresta, Iauitê voltou a correr, revigorada pela viagem rio-abaixo. E, correndo sempre, voltou à vida tribal, mas agora como moça nova, pronta para o casamento.

Seu eleito era Çuriçaua, por quem foi erguida na cumeeira da oca num cesto e lá ficou durante três dias, alimentando-se apenas de mingau, enquanto fora, na ocara, os tukunas dançavam, soando trombetas e batendo tambores, com as máscaras representando macacos. Depois, guardada por tias maternas, a noiva foi despida e pintada de azul, enquanto a festa prosseguia, por três dias e três noites, com toda a tribo cantando, dançando, bebendo cauim e outras bebidas tiradas do aipim, como a muniquera, o puchirum, fermentados em grandes talhas.

Lembrou-se, então, com um sofrimento que a fez jogar-se, chorando, no chão da selva, da primeira noite passada com Çuriçaua, do abraço que a trouxe de encontro ao peito forte do índio. Estremeceu ao lembrar-se do instante em que o sexo dele penetrou-lhe o corpo, trazendo dor, mas também um prazer que a estremeceu e a fez balbuciar palavras de amor e paixão.

E Iauitê chorou, chorou muito, molhando o chão com suas quentes e sofridas lágrimas. Depois, exausta, adormeceu no colo da mata. E só acordou ao amanhecer, cercada por animais e pássaros, que talvez a tivessem protegido no sono.

Levantou-se, caminhou até um regato, molhou o rosto em suas águas cristalinas. Colheu frutos silvestres, alimentou-se e, em seguida, reco-

meçou a correr, retrocedendo a um passado mais recente, quando os missionários chegaram à taba para a catequese de sua gente.

Lembrou-se da primeira oração, feita de joelhos, as mãos postas, os olhos voltados para o céu:

- "Nhané rúba oíkó uahá iuáka opé: Ne réra oiúmuité toikó" ("Pai Nosso que Estais no céu; Santificado seja o Vosso nome").

Rememorou os primeiros estudos, com Çuriçaua, no Educandário de São Paulo de Olivença, das religiosas do Convento das Freiras Franciscanas, e, com ternura, de Berenice e Clotilde. Depois recordou a oferta de trabalho em Manaus, os preparativos da viagem, a chegada do gaiola, o embarque, o pesadelo, a perseguição odiosa de Ridruejo, a morte de Çuriçaua, o ímpeto da vingança, a flecha envenenada, o vôo da flecha, atingindo o alvo, o mergulho no rio, a corrida na mata, a alucinada correria que agora chegava ao fim, quando, pouco adiante, surgiram o lago e, em sua margem oriental, a cidade de Tefé.

A Flecha Quebrada

Com esforço sobre-humano, juntando o que lhe restava de energia, Iauitê atravessou, nadando, o rio Tefé, subiu ao barranco, contornou o Lago Tefé e alcançou a velha cidade, fundada também por Samuel Fritz.

Os que a viram, cruzando a Praça Santa Teresa, persignando-se diante da igreja caiada de branco, a roupa em frangalhos, o corpo arranhado por galhos e espinhos, depois atravessando, cambaleante, a Praça Getúlio Vargas e aproximando-se da Delegacia, disseram que parecia a visão de um vulto estranho, surgido da mata, suplicando para falar ao Delegado:

- Doutor... Delegado... Preciso falar com doutor! Preciso muito! Depressa, por favor!

Impressionado com o estado lamentável da índia, um soldado foi chamar a autoridade policial, que conversava com amigos numa esquina da praça:

- Doutor Macieira, está na Delegacia uma índia toda lanhada, a roupa rasgada, quase nua, mais morta do que viva, querendo falar com o senhor.

- Uma índia, quase nua, com a roupa rasgada? Que é isto, Zequinha?. Leve pros padres, ou pro Posto de Saúde!

- Acho que é coisa séria, doutor! Não parece doida não! Quer falar com o senhor, de qualquer maneira!

O Delegado, meio cético, atravessou com mau-humor a praça e, na Delegacia, chocado com o aspecto miserável de Iauitè, ouviu ela dizer, ofegante, com uma convicção que o comoveu e convenceu:

- Doutor! O "Amazonas", o navio-gaiola, foi invadido por seis assassinos fugidos de Iquitos! Gente ruim! Mataram Çuriçaua, meu marido, e estão armados, muito armados!

Respirou fundo, juntando forças. Depois continuou, diante do espanto do Delegado e dos policiais:

- Fugi do navio, em Fonte Boa! Devem estar chegando a Tefé! Depressa, doutor, é preciso salvar aquela gente, prender os bandidos! Depressa,

pelo amor de Deus!

O Delegado passou do espanto à ação. E deu ordens enérgicas:

- Tenente Elias: reúna depressa o destacamento! Chame os voluntários, arme o batalhão e cerque o porto!

Enquanto eram tomadas as providências, em clima nervoso de emergência, esqueceram-se de Iauitê, que foi recostar-se num canto da sala, pálida, respirando com dificuldade. E lá, diante dos policiais que corriam de um lado para outro, deslisou o corpo pela parede e tombou no chão.

Quando a viram caída, parecendo desmaiada, foram socorrê-la. Um dos soldados, que a examinou melhor, então disse, penalizado:

- Está morta!

Foi informar ao Delegado:

- A indiazinha morreu, doutor Macieira!

O delegado aproximou-se, fechou os olhos de Iauitê, fez o Sinal da Cruz e disse, na afobação do instante:

- Pobrezinha! Deve ter sido o coração!

Dirigiu-se a um funcionário civil e ordenou:

- Providencie o enterro, Evaristo! Mas antes chame o Vigário, para uma bênção!

Em Fonte Boa, regressando ao "Amazonas" e trazendo o botin do assalto, Aguirre, Juan Diaz, Carvajal e Miguel Viana depararam com o cadáver de Ridruejo. Enfurecidos, cercaram Caruana e, aos gritos, quiseram saber:

- Quem foi, Capitão Caruana? Quem matou Ridruejo? Fala, canalha, senão arrancamos suas tripas para fora!

Antes que cometessem um desatino, Caruana esclareceu o crime e mostrou a flecha envenenada.

- Foi a índia! Envenenou a flecha, matou o Ridruejo! - exclamou Juan Diaz, furioso.

- E onde está esta miserável? - berrou Aguirre, possesso.

- Procurei por todo o navio - informou Zimaco. - Sumiu! Acho que se atirou no rio.

Juan Diaz, que examinava o corpo do companheiro, perguntou:

- O que a gente vai fazer com o corpo, Aguirre?

- Não tem um cemitério nesta porra de cidade? - indagou Aguirre ao Comandante.

- Fica no fim daquele arruado. Podem enterrar lá.

E assim fizeram, em cova rasa.

Quando voltaram ao navio, juntaram-se a Zimaco e Miguel Viana e foram falar ao Comandante:

- Capitão: queremos que o senhor tome uma providência! Venha conosco! - disse Aguirre, sombrio.

Desceram ao convés inferior, onde Aguirre explicou:

- Decidimos uma coisa, Capitão! O navio não faz mais escalas até Tefé! E, como está pesado, muito vagaroso, vamos despejar a carga e desembarcar os passageiros da terceira classe!

Caruana emudeceu, estupefato, sem acreditar no que ouvia. Mas a expressão decidida de Aguirre e comparsas tirou-lhe a dúvida.

Mas exclamou, atônito, nervosamente:

- Despejar carga e passageiros? O senhor está brincando? Isto não é possível, homem! É um crime, uma loucura!

- Estamos com pressa! Com tanto peso, esta choça não anda, a viagem não rende! - interveio Carvajal.

- Mas isto é contra as regras da navegação, moço! A punição contra isto é muito séria!

- Fodam-se as regras, foda-se a punição! - gritou Aguirre, colérico.

E acrescentou, erguendo a voz:

- É nossa decisão, Comandante! E para ser cumprida!

Sem alternativa, diante das armas engatilhadas, Caruana mandou um marinheiro tocar uma sineta, acordando, assustados, os viajantes que cochilavam nas redes. Depois subiu num caixote e começou a explicar:

- Como vocês sabem, este navio está dominado por fugitivos da Penitenciária de Iquitos!

Aguirre, irritando-se com o teor da fala do Comandante, afastou-o com brutalidade e ele próprio passou a explicar aos aparvalhados passageiros:

- Isto agora não interessa! O que vimos dizer é que vocês vão ter de desembarcar! Agora mesmo! Há excesso de peso, o motor não está funcionando bem! Vamos, apanhem suas coisas, e depressa! Podem ir saindo!

O que sucedeu, logo em seguida, foi de difícil descrição. Cresceu no navio um clamor enorme de protesto e revolta, com gritos, choro de crianças, vozes coléricas misturando-se ao grande tumulto que se fez.

- Esta gente ficou louca! - bradou uma mulher parda e gorda.

- Não desço! Não saio daqui, paguei passagem! - vociferou um velho fanhoso.

- É um absurdo, um crime! Não podem fazer isto! - protestou um mulato troncudo, indignado.

- Deus castiga, Deus castiga! - tonitroou diversas vezes, com intermitência, uma negra esquálida.

Um passageiro, tipo perfeito de sertanejo nordestino, com roupa e chapéu de couro, chegou perto do bando e falou, exaltado:

- Não podem fazer esta crueldade! Não têm direito! Isto é coisa de bandido!

A reação de Juan Diaz foi inesperada e violenta: avançou dois passos e esmurrou o nordestino no rosto, jogando-lhe por terra o chapéu de couro. O infeliz pretendeu replicar, mas desistiu, quando outro murro quase o lançou por terra.

O tumulto, em vez de arrefecer, recrudesceu e os gritos, o choro, as vozes coléricas formaram um coro patético e sedicioso.

Foi quando Aguirre, percebendo que a situação se agravava, apontou

para o alto a metralhadora e deu uma rajada. Depois, no súbito silêncio, gritou enfurecido:

- Puta que os pariu! Vamos parar com essa gritaria! Quero silêncio, "seus" merdas! Não estamos brincando! Se não sairem agora do navio, vamos atirar, e desta vez não será para o alto! Vamos, vamos saindo, porra!

Atemorizados, o ódio estampado no rosto sofrido, os passageiros da terceira-classe prepararam-se tumultuadamente para abandonar o navio, reunindo às pressas sua humilde bagagem.

No convés superior um grupo de passageiros, entre os quais se viam o Coronel Possidônio, com a família, além de Berenice e Clotilde, Frei Massotti e Michel Leroy, comentavam, escandalizados:

- É uma barbaridade! Ninguém vai fazer nada? - dizia Possidônio, muito exaltado.

- De fato, de fato, Coronel, é preciso que se faça alguma coisa! - concordou Frei Massotti - Vou descer e falar àqueles bandidos!

Perto dele, chocada com o que presenciava, Berenice disse a Clotilde:

- Vou descer também, Clotilde! Aqueles infelizes precisam de conforto moral!

- Cuidado, Berenice! - aconselhou a prima, mais precavida.- Essa gente é perigosa!

- Quero falar com o Miguel, que é mais compreensivo - insistiu Berenice.

- Não vai adiantar nada, Berenice! É da mesma laia! Um assassino como os outros!

Apesar da advertência de Clotilde, Berenice desceu ao convés inferior e juntou-se a Frei Massotti, que se aproximara de Aguirre e lhe falava, com ardor apostólico:

- O que vocês estão fazendo é um ato de violência, moço! Uma ofensa a Deus, aos mais comezinhos princípios cristãos!

Enquanto o sacerdote protestava, Berenice aproximou-se de Miguel, com a intenção de falar-lhe.

- Esta gente humilde não pode ser tratada como gado, tocada para fora! Eu protesto, em nome da Santa Madre Igreja!

Em acintoso desprezo pela intromissão do missionário, Aguirre deu-lhe as costas e juntou-se aos companheiros. Mas Frei Massotti, cada vez mais exaltado, acompanhou-o e, detendo-o pelo braço, repetiu:

- Não permito! Não permito! Em nome de Deus proibo-o de cometer esta barbaridade!

Aguirre, então, furioso, retirou violentamente a mão do sacerdote e bradou:

- Tira es$a mão de mim, padre de merda! Não se meta, cai fora, cai fora, porra!

Possuído pela cólera sagrada, Frei Massotti gritou mais alto, para quem quisesse ouvir:

- Vou descer com essa pobre gente! Não fico aqui com este bando de celerados!

Foi quando, reagindo ao insulto, Aguirre aplicou tremenda bofetada no franciscano, que cambaleou, o rosto sangrando. Mas não chegou a cair, amparado por Berenice, que o afastou do lugar.

Pouco depois, concretizando-se a exigência dos invasores, os passageiros começaram a descer pela prancha, espalhando-se pelo ancoradouro. No meio deles, retendo com o lenço o sangue que escorria do rosto, Frei Massotti também deixou o navio em estado de profunda prostração, diante do olhar comovido dos outros viajantes e da tripulação.

Michel Leroy, que testemunhara penalisado o drama do sacerdote, comentou para o Coronel:

- Gesto digno de um homem de coragem! Se eu não fosse tão comodista e, principalmente, medroso, faria o mesmo!

Quando se completou a evacuação, Aguirre disse a Caruana:

- Agora o senhor retire a carga! Depois ligue o motor e vamos embora!

E foi juntar-se aos companheiros.

## Os Bravos e os Covardes

A partir dos acontecimentos de Fonta Boa, o restante da viagem transcorreu em clima lamentável.

Despojado dos passageiros de terceira-classe e da presença cordial de Frei Massotti, o "Amazonas" continuou a descer o Solimões em meio ao silêncio e à revolta. Uma revolta inútil, na verdade, pois passageiros e tripulantes, impotentes diante da força das armas, pareciam conformados com o medo e a submissão.

Era como se todos pensassem como Michel Leroy, confessando-se a covardia diante de uma realidade que os intimidava. Evitavam falar sobre o drama que viviam, e que sua fisionomia exprimia com espanto.

De todo o navio sobrepairava um clima nauseante, uma forma generalizada de repulsa, afastando os viajantes do convívio social, como se cultivassem secretamente uma forma masoquista de auto-flagelação pelo conformismo à violência, ou à impunidade.

Transitavam silenciosamente pelo barco, constrangidos, guardando a vergonha nutrida do silêncio.

Só através de diálogos à meia-voz, isoladamente, ou de anotações registradas em cadernos, como no caso de Leroy, de cartas a parentes e amigos, como as escritas pelo casal [illegible] americano, ou por Caruana, desabafavam sua frustração e espanto diante da desventura cujo desfecho desconheciam.

Além de minuciosas anotações e relatos em seus cadernos de pesquisador, Michel Leroy conseguiu, usando subterfúgios e, principalmente, cautelas especiais, documentar a presença a bordo dos invasores, registrando em película cinematográfica, ou fotográfica, flagrantes preciosos dos presidiários a bordo do "Amazonas".

Esse material, acrescido com as observações escritas pelo etnólogo, teria, posteriormente, ampla divulgação na imprensa internacional, aumentando, agora pelo sensacionalismo, a celebridade de Michel Leroy.

O acervo documental, coligido e conservado pelo cientista francês, acabou se transformando em peça fundamental para o inquérito policial aberto pelas autoridades brasileiras na capital do Amazonas.

As anotações que, a seguir, passamos a transcrever, relatam episódios impressionantes, envolvendo destacados passageiros do navio-gaiola.

"Abril de 1958.

"Na atmosfera lamentável que se apossou do "Amazonas", onde, desde a invasão do navio pelos foragidos da Penitenciária de Iquitos, passageiros e tripulantes passaram a viver em permanente estado de temor e aflição, somente Aguirre, Juan Diaz, Carvajal, Zimaco e Miguel Viana festejavam o domínio sobre viajantes indefesos, submetidos a seu poder e arbítrio.

"Tenho a impressão - prosseguiu Michel Leroy em suas considerações - que a morte de Ridruejo, o sexto invasor, assassinado por uma índia tukuna com uma flecha envenenada com curare, vingando o marido, exacerbou o ânimo degenerado de seus companheiros.

"É do conhecimento geral, a bordo, que um deles, o boliviano Juan Diaz, conservava ódio antigo contra o Coronel Possidônio, proprietário de um seringal onde o delinqüente trabalhara. Uma extraordinária coincidência, difícil de explicar-se pela lógica e o bom-senso, reuniu a bordo do "Amazonas" o boliviano e o brasileiro, patrão e empregado, num reencontro de ódio e vingança: Juan Diaz, como invasor, e Possidônio como passageiro.

"Era opinião geral que o boliviano, cedo ou tarde, iria se vingar do antigo patrão que o espancara ao expulsá-lo de suas terras. Ante-ontem, efetivamente, a previsão se cumpriu de forma trágica e espantosa.

"Fui testemunha involuntária do episódio pela proximidade de minha cabina com a do Coronel e sua família, diante da qual a vingança se perpetrou. O inacreditável é que o assassinato cometido por Juan Diaz, em circunstâncias que irei relatar, se processou em irrecusável e legítima defesa! Se fosse levado a julgamento, mais um, aliás, de sua vida degradante, muito provavelmente seria absolvido, ou, pelo menos, ganharia pena leve.

"Como também chegou ao conhecimento dos passageiros do navio, Juan Diaz, ao tempo em que trabalhou para o Coronel, nutria pela filha do fazendeiro, Jussara, mestiça de grande beleza, uma admiração que nem o tempo conseguiu arrefecer. E ninguém duvidava de que um dia, ou, mais certa-

mente, uma noite, manifestaria, pela ação, o culto repulsivo que lhe devotava.

"Na trágica noite ele quase se consumou. Escrevo quase porque o boliviano foi impedido, no seu intento, por dois obstáculos inesperados: o primeiro a firme resistência de Carlos Lopez Aguirre, chefe inconteste do bando de assaltantes, homem de forte ascendência sobre os companheiros, evitando que Juan Diaz arrombasse a porta do camarote da mestiça e, ao que tudo indicava, a violentasse com o vigor de um torpe desejo reprimido.

"Ouvi tudo de minha cabina. Registro aqui o diálogo inacreditável entre os dois invasores, fixado em minha memória atônita:

- "O que é isto, Juan? Quer entrar à força no quarto da moça? "

- "Você não fez isto, outra noite? - replicou Juan Diaz, irritadíssimo.

"E veio a resposta absolutamente inverossímil do peruano:

- "Ela deixou a porta aberta para mim, Juan! Agora está fechada para você, e não vou deixar que você a arrombe!"

"Compreendi, então, que minhas suspeitas de que algo insólito acontecera, dias antes, no interior do camarote da filha do Coronel, baseavam-se em realidade inquestionável: a moça facilitara a entrada do líder do bando em seu camarote e, ao que tudo indicava, tornou-se sua amante de livre e espontânea vontade! Vontade, aliás, que parecia ser o resultado de um impulso sexual característico da miscigenação racial na região amazônica.

"Mas aquele não foi o único e extraordinário acontecimento da noite. Um fato trágico iria acontecer quase que simultaneamente com a disputa entre Aguirre e Juan Diaz. Acordado pela discussão entre os dois, Coronel Possidônio, subitamente, abriu a porta de seu camarote e, armado com uma velha garrucha, exclamou para os foragidos, parados diante da cabina da filha:

- "O que estão fazendo aqui?! Este é o camarote de minha filha! Saiam daqui, miseráveis!"

"O gesto desastrado que o fazendeiro fez, a seguir, talvez de forma involuntária, erguendo a garrucha que trazia, custou-lhe desgraçada-

mente a vida: Juan Diaz, mais rápido, movido pelo instinto de defesa e, ao que tudo indicava, também de vingança, apontou-lhe a escopeta e fulminou-o com um único e terrível tiro, acordando passageiros e tripulantes.

"O noivo de Jussara, um tal de Odorico Munhoz, surgiu apavorado à porta do camarote que ocupava. Deparando com a tragédia e o corpo exangüe do Coronel, que ainda expectorava, voltou depressa ao interior da cabina, sem ao menos socorrer o futuro sogro, deixando noiva e futura sogra entregues ao seu desespero.

"O crime ficou, naturalmente, impune, pois ninguém estava em condições de enfrentar, ou punir, os assassinos, que continuaram a dominar a embarcação e seus ocupantes.

"A viagem prosseguiu, agora francamente em clima de terror. O corpo do Coronel foi conservado no frigorífico do navio, para enterro na cidade de Tefé.

"A morte do fazendeiro foi a terceira ocorrida nesta viagem francamente sinistra, de que sou, infelizmente, testemunha: a primeira do índio Çuriçaua, marido de Iauitê, assassinado por Ridruejo, que vinha cortejando a inocente tapuia; a segunda do próprio Ridruejo, em morte que representou gesto de justa vingança da tukuna, que desapareceu misteriosamente após flechar o peruano; a terceira, finalmente, do rico e prestigioso Coronel Possidônio Gouveia, abatido por tiro certeiro de Juan Diaz.

"Indago-me, com susto e assombro, se ainda haverá outras mortes neste navio-fantasma. O recrudescimento da violência, da exasperação e do instinto patológico de brutalidade dos foragidos de Iquitos, são circunstâncias que me levam a responder positivamente. Eu mesmo posso ser outra vítima da sanha criminosa dos invasores. Ninguém no "Amazonas" pode considerar-se a salvo da fúria assassina deste bando alucinado!"

"Que Deus nos ajude!" - concluiu Michel Leroy seu relato.

## Entre a Fé e o Perdão

Tanto quanto a invasão do navio e a presença aterrorizante dos presidiários, a decisão de Berenice de abandonar a congregação e, principalmente, suas relações com Miguel Viana, foram causas de recriminações e conflitos que mantiveram Berenice e Clotilde em longa conversação.

Além do parentesco e as ligações de família, a grande amizade que as unia fora um tenso elemento no antagonismo surgido em conseqüência dos acontecimentos que testemunhavam.

Compartilhando o mesmo camarote, tornou-se, portanto, inevitável o entrechoque provocado pelos dois fatos - o abandono da congregação e o reencontro com Miguel, - eclodindo no interior da cabina.

Foi, desta forma, numa tarde em fins de abril, que Berenice e Clotilde se entretiveram num caloroso e apaixonante diálogo, discutindo dogmas e doutrinas, defendendo a conduta de uma, ou verberando a intransigência de outra.

O assassinato do Coronel Possidônio deflagrou, naquela tarde, a polêmica que, durante algum tempo, pareceu deteriorar as relações que, desde a infância, fizeram-nas íntimas e afetuosas.

- Mais do que este crime horrendo, Berenice - disse Clotilde, naquele dia, - o que me revolta é sua aproximação com esse bandido, assassino confesso, que já fez você sofrer o suficiente para afastá-lo definitivamente de sua vida.

- Não fale assim, Clotilde! Você não conhece o Miguel como eu! Estudamos juntos, convivemos longo tempo no Crato, nossas famílias mantinham boas relações de amizade.

- O que não o impediu de cometer ações deploráveis, como fugir covardemente em instante crucial de sua vida, deixando-a só e grávida de um filho que também era dele. Além de fugir como um poltrão, esse rapaz desceu ao mais baixo nível moral, degradando-se, até parar na ca-

pital do Peru, onde matou friamente uma moça, por motivo torpe de ciúme!

- Você está sendo injusta e intransigente, Clotilde! - replicou Berenice. - Começa a negar um dos mandamentos mais nobres da vida religiosa, o perdão, que nasce da fraqueza do ser humano, de suas misérias e baixezas. Fico triste, vendo você com esse rancor vingativo, condenando um homem infeliz que se afastou de Deus!

Possuída por um fervor que chegou a surpreender Clotilde, Berenice levantou-se e caminhou pelo quarto, aproximando-se da prima. Depois continuou:

- Você dedicou a vida inteira uma devoção ardorosa a Santo Tomás de Aquino, que é, para você, o mais sábio dos santos, ou, como gosta de repetir, também "o mais santo dos sábios". Não pode agora se esquecer dos ensinamentos desse Doutor da Igreja e mestre da filosofia cristã. Não é Santo Tomás quem nos ensina que a Natureza e, com ela, a razão natural, antecedem a fé e a revelação, e que não existe nenhum vácuo entre o reino da Natureza e o reino da Graça, mas apenas "uma suave e contínua transição", que "a razão natural pode conhecer o mundo e os homens, a criação de Deus, baseando-se este conhecimento em experiências dos sentidos"?

E prosseguiu, com emoção sincera e comovente:

- Como pode condenar antecipadamente um homem que pecou, mas que Deus, em sua infinita misericórdia, não abandonou, pois "o bem na bondade é mais forte do que o mal na maldade"?

Clotilde levantou-se da cadeira, onde estivera sentada, chegou mais perto de Berenice e falou, com inesperada exaltação:

- Você aprendeu no Convento, Berenice, ao estudar a doutrina tomista, que as verdades da fé, os milagres de Deus, os mistérios, como a Santíssima Trindade e o pecado original ultrapassam a razão, mas não a contradizem, e que as idéias puras, "atingidas pelo pensamento a partir das coisas reais e purificadas no seu caminho ascendente, não são separáveis de seu objeto e não formam um mundo à parte, à maneira das idéias platônicas. Segundo Aristóteles, essas idéias têm uma existência independente em Deus. Você não se esqueceu, Berenice, do que disse Santo Tomás: "Não são as paixões, em si, nem boas, nem más, porque para o homem o bem e o mal se determinam segundo a razão? Por isso, as paixões, consideradas em

si, podem ser boas ou más, conforme correspondem ou não correspondem à razão.

Aproximou-se mais da noviça e prima, olhou-a firme nos olhos e acrescentou:

- Acho que você está agindo menos pela razão, Berenice, do que pelo instinto, e isto lhe cria obstáculo para um julgamento isento!

Ia continuar, mas Berenice interrompeu-a, exaltadamente:

- Você está distorcendo o conceito tomista da razão natural e sua relação com o reino da Natureza e o reino da Graça, Clotilde! Esquece-se de que Santo Tomás escreveu que "as criaturas inferiores são reconduzidas a Deus pelas superiores", e que "cada coisa imperfeita tende para a perfeição", e que "o bem pode realizar-se em forma mais pura do que o mal, pois existe o bem sem qualquer acréscimo do mal; mas nada é tão mal que não contenha um pouco de bem".

Depois completou, o rosto possuído pela fé e a piedade:

- Disse também Santo Tomás que "nem todos os seres humanos têm a capacidade de pensar em moldes filosóficos. Para aqueles, cuja razão não tem as faculdades indispensáveis para conhecer as verdades básicas, Deus as revelou. Há, contudo, perfeita identidade entre estas verdades reveladas e as obtidas pela razão, em virtude da identidade da fonte, que é Deus". A provação de Miguel, degradando-se até atingir o abismo do crime, afastando-se de Deus, pode ser a forma através da qual alcançará as verdades básicas, reveladas por Deus.

Berenice voltara a falar com serenidade, e sua voz era terna e refletida. Clotilde, ouvindo-a e mesmo dissentindo do conteúdo de suas palavras, admirava o esforço que fazia para a salvação de Miguel.

- Quase chego a pensar, Clotilde, que você se esquece de que o perdão é o mais belo dos atributos da alma cristã. Jesus, que sofreu ofensas e humilhações, perdoou aos que o ofenderam e crucificaram. Antes de morrer, suplicou ao Pai que perdoasse aqueles que não sabiam o que estavam fazendo. Poucos, como Miguel, desceram tão fundo na corrupção moral, na decadência espiritual, na maldade dos instintos! Mas a caridade, Clotilde, como o perdão, pode redimi-lo do sofrimento eterno, pois Santo Tomás ensinou que "não pode haver verdadeira virtude sem caridade", e que "amar

o inimigo é mais do que amar apenas o amigo, porque prova um maior amor a Deus".

Clotilde parecia comover-se com a defesa generosa de Berenice, cujos olhos, de repente, encheram-se de lágrimas, enquanto continuava:

- Cristo ensinou aos profetas e a todos que O seguiram, o amor a Deus e aos nossos semelhantes, apontando o limite do amor - a imitação do próprio Amor Redentor, sobre a Cruz. E disse: "Amai os vossos inimigos, orai pelos que vos perseguem".

Subitamente, passando do enternecimento à antiga postura intransigente e severa, Clotilde retrucou, asperamente:

- Um dos mandamentos, Berenice, você sabe, é "Não Matarás"! E Miguel matou, matou uma mulher indefesa, tirou-lhe a vida por motivo fútil, sem lhe dar o direito de defesa!

- Mas ele se arrependeu, Clotilde, pagou caro pelo crime, foi torturado numa prisão infame, foi humilhado e sofreu profundamente!

- O que não o impediu de cometer outros delitos, como invadir um navio, aterrorizar passageiros desarmados, assaltar e roubar, embriagar-se e conviver com delinqüentes da pior espécie! Se se arrependeu, por que continua a transgredir a lei, a prevalecer sobre seres honestos e indefesos, intimidando-os pela força das armas?

O rosto de Clotilde cobrira-se de expressão dura e colérica. Falava com sofreguidão, nervosamente. E isto assustou Berenice que caminhou alguns passos e lhe falou, sussurradamente:

- Apesar de haver prometido sigilo a Miguel, Clotilde, vou revelar a você um segredo que me confessou dias atrás: Miguel decidiu, espontaneamente, abandonar os companheiros em Tefé, entregando-se às autoridades.

A revelação de Berenice desanuviou um pouco o semblante fechado da freira, que então respondeu delicadamente:

- Se esta decisão é obra sua, Berenice, se foi o resultado de suas preces, sua fé e sua generosidade, considero uma conquista muito importante!

- Sim, é verdade, Clotilde, rezei e continuo a rezar muito por Miguel. Mas a decisão foi dele, unicamente dele.

Calou-se por alguns instantes. Quando voltou a falar, sua voz en-

chera-se de temor e indecisão:

- O que me apavora, Clotilde, é o risco que Miguel corre de voltar àquela enitenciária! E isto não me deixa dormir! Pensei até em aconselhá-lo a não se entregar, a fugir...

- Que é isto, Berenice?! - interrompeu Clotilde, espantada.- Aconselhá-lo a fugir? Mas fugir para onde?

Nesse ponto, desesperada, Berenice começou a chorar e não conseguiu responder à prima que, penalizada, tomou-lhe a mão e disse, com ternura:

- Não chore, Berenice, não chore, querida, por favor! Fique calma!

Mas Berenice, soluçando muito, sem conseguir controlar-se, de repente abraçou Clotilde, como uma criança assustada, pedindo socorro.

Clotilde levou-a delicadamente ao leito, onde ela se estendeu. Depois foi apanhar um copo de água, que Berenice bebeu.

Mais calma, voltou os olhos tristes e aflitos para a Freira e lhe disse, emocionada:

- Pensei nesta fuga, Clotilde, com o intuito que agora lhe revelo: ir com Miguel para o Maranhão, onde nos casaríamos e criaríamos nosso filho.

- Mas Berenice, em qualquer lugar para onde vocês fugirem a lembrança do crime que Miguel cometeu perseguirá vocês dois! Esta não é uma saída honesta e cristã, você sabe, pois estariam fugindo da lei dos homens e da Igreja!

Apanhou um lenço e, com ele, enxugou as lágrimas que ainda desciam pelo rosto de Berenice. E continuou:

- Santo Tomás também disse que "o maior benefício que se pode conceder ao homem é conduzi-lo do erro para a verdade". Que tipo de verdade você ofereceria àquele homem, Berenice?! Outra fuga, outra covardia, outra mentira?

Houve um longo silêncio entre as duas, como se meditassem sobre o que disseram e ouviram.

Clotilde, então, com voz doce e sincera, concluiu:

- "A felicidade é o último fim da vida humana", ensinou também Santo Tomás de Aquino. Mas nunca à custa do sofrimento alheio, Berenice!

## Impressões de Viagem

Os turistas americanos, passageiros do "Amazonas", Charles e Flora Scott Sturges, residiam na cidade de Kansas City, nos Estados Unidos, e foram aconselhados pelo casal Patrick, de suas relações, a conhecerem, em viagem de férias, a região amazônica.

Aceitando a sugestão, viajaram de avião, certo dia, de Kansas City até Lima e, de lá, a Iquitos, onde ficaram três dias, embarcando depois no navio-gaiola, que retornava ao Brasil, descendo o Solimões.

Engenheiro-agrônomo, Charles S. Sturges era um dos diretores de grande empresa agro-pecuária de Kansas. Tinha dois filhos e morava numa confortável casa, passando os fins-de-semana num sítio a 30 quilômetros da cidade.

Viajavam ao exterior pelo menos dois meses cada ano, conhecendo quase toda a Europa, parte da África, América Central, Caribe e Japão.

Como não conheciam a América do Sul, a recomendação dos Patricks foi recebida com certo entusiasmo, já que estavam indecisos para onde viajar nas férias de 1958.

A primeira carta que escreveram aos filhos foi datada de Iquitos, e exprimia algumas restrições à viagem, reclamando do calor, do hotel, da "falta de graça" de Lima e, conforme suas palavras, "da feiura do povo peruano, com sua cara triste de índio, olhando os turistas com desconfiança, como se visse neles secretas intenções de invadirem o Peru, imaginem!"

A segunda carta foi escrita a bordo do "Amazonas", também dirigida aos filhos Nancy e Michael, e era francamente desanimadora. Ao ser redigida, o casal Scott Sturges desconhecia se a carta algum dia chegaria a seu destino, por motivo nela implícito.

Este era o texto original, em língua inglesa, da famosa carta, posteriormente divulgada em Kansas City, em seu principal jornal diário:

"May 2, 1958.

Dear Mike and Nancy,

We hope you get this letter. It was vritten on board the S.S. Amazonas.

Your father and I are becoming more convinced with each passing day that the Patricks were out of their cotton-picking minds when they suggested we visit this place. It was a very bad idea indeed!

In our previous note, we described our first impressions of the Kansas City-Los Angeles-Mexico City-Panama-Lima-Iquitos leg of this unbearably long journey. Despite our complaints in that letter, we now know that the first part of this trip could almost be called heavenly, considering what came afterwards when we went aboard the Brazilian "ship" Amazonas.

The natives in the area have a strange nickname for her: "gayoulla", wich means "bird cage", although for the life of us we can't imagine why anyone would call her that, since she carries mainly passengers. Your daddy looked her over from top to bottom and didn't see many birds.

Anyway, the Amazonas is absolutely horrendous! She's slow - we sometimes can't tell if she's moving at all - uncomfortable, and what's worst of all, there is absolutely no privacy!

Most of our fellow passengers look like they're going slumming or to some weird Halloween party. They're so poorly dressed! And they bring every kind of bundle aboard. Even pets. Or we suppose they must be pets. Although why anyone would want a pig for a pet is beyound us. At any rate, the S.S. "Gayoulla" stinks to high heaven!

Our trip in this bird cage has been incredibly unpleasant, uncomfortable and frightening. There are times we fear for our very lives, as you'll soon see.

And then there is the "menu". Daddy would sure love to sink his chops into a good old-fashioned Kansas City T-bone. But all they have is this strange guck. And what's even worse, they serve cocktails made of God knows what. Your father tried some and they knocked him for a loop. He made a big fool of himself. (He said to cross out that last part. I'll tell you all about it when we get back. If we ever get home!)

At one of our first suppers in Brazil while going down the Solimos

River, they served something called "pata di tacupi" which is made out of lizards or something. It is absolutely disgusting! Nauseating! Charles tried some and got "Pizarro's Revenge" - he couldn't leave the "throne room" for two days, the poor dear!

They advertized that we'd have loads of fun when the boat called at river towns. We got off at Benjamino Constante all full of vim and vigor to pick up souvenirs for you down at the docks.

Well, I declare! What they call a dock around here is a kind of floating you-know-what made out of rickety pieces of scrap lamber stuck on top of these wobbly poles - you just know they're going to fall over at any minute! I suppose they're because of the river tide, rainfall or something.

And the garbage they peddle! And the peddlers! My God, they look like something out of a Buffalo Bill Wild West Show! And then trying to sell candy! Just imagine! All shouting at the tops of their lungs to sell silly bric-a-brac and nasty looking trinkets. Baby leopards, odd goodies to drink (No, thank you!), birds with those funne beaks, parrots, and even monkeys!

Imagine what Millie would say if we brought such a menangerie home to Kansas City!

Things are not much better on board. They're horrid! We were given a tiny cabin. It's poorly ventilated and there's this ancient fan that makes such a recket we can't get a decent night's sleep.

But all this is nothing compared with what we suffer at the hands, or I should say, the beaks of a hoard of gnats and mosquitoes. Absolutely horrid!

But I've saved the worst part for last. The Amazonas was attacked by six escaped convicts armed to the teeth! They'd escaped from a prison at Iquitos which we were told is one of the worst in the entire world! A kind of jungle Alcatraz!

As you know all too well, your father is a simple, naive man just like most cattle ranchers. Well! He actually believed these bandits were part of the trip! Sort of local color. Just like Disneyland.

When he finally came to his senses and saw that the bandits were for real and not just a little excitement thrown in to spice up the

trip.

He went up to demand that the captain do sometinhg immediately. But there they were with their guns pointed at the poorman.

The bandids have created an absolute reign of terror! Everyone has been so terribly frightened, especially after one of them killed an Indian and then was killed in revenge by his squaw. With a poisoned arrow of all things!

Several days later another murder took place. This time a wealthy rancher was killed by a shotgun blast. One of the escaped cons had worked for the poor man before getting sent up.

You have no idea just how this stupid voyage has turned into a living nightmare! The worst part is we don't know how it's all going to end, or even how I'm going to mail this letter. The cons haven't told a single soul what they intend to do. But one thing is for certain: they are definitely not doing this as a pleasure trip to get to know the Amazon jungle!

We're all afraid even worse things are going to happen. Pray for us. Pray we get out of this living hell and get to Manaus safe and sound where we'll be able to hop on the very first plane heading north to the good old U.S. of A.

Daddy and I send all our love, and with God's help, we'll be seeing you soon.

Mom and Dad.

P.S.: More bad news! We were just stuck up by the convicts! They pounded on our door and took absolutely everything with those big guns of theirs pointed right at us! My jewelry, Charles' wallet, his watch and even that lovely necklace he bought me at Cartier du Paris! What scum! We don't know where to turn. When all this is over, Charles intends to lodge a protest in no uncertain terms with the Peruvian Ambassador himself right there in Washington D.C. They will just have to reimburse us for every single cent of our losses! But mum's the word! For the love of God, don't say anything about this to a single soul. Especially not the Patricks! Otherwise, they'll turn us into the laughingstock of all Kansas and even Missouri, and we'll never hear the end of it!

More love from your loving parents, Flora and Charles".

A tradução para nosso vernáculo desta carta surpreendente, de conteúdo tragi-cômico, feita com as necessárias adaptações à nossa Sintaxe, poderia ser a seguinte:

"2 de maio de 1958.

Queridos Mike e Nancy:

Esperamos que recebam esta carta, escrita a bordo do navio-gaiola "Amazonas".

Estamos, seu pai e eu, a cada dia mais convencidos de que os Patricks estavam fora de seu juízo quando nos sugeriram visitar esta região. Foi, verdadeiramente, uma péssima idéia!

Em nossa carta anterior, descrevemos as primeiras impressões do trecho Kansas City-Los Angeles-México-Panamá-Lima-Iquitos desta longa e insuportável viagem. Apesar das ressalvas e reclamações nela contidas, sabemos agora que a primeira parte da viagem poderia chamar-se de paradisíaca, tendo em vista o que viria depois a bordo deste "navio" brasileiro.

Os habitantes da região deram um estranho apelido para a embarcação: gaiola, mas nunca imaginaríamos que alguém pudesse chamá-la desta forma, pois só transporta passageiros. Seu pai procurou em todo o navio, de alto a baixo, e não avistou muitos passarinhos.

Além disso, o "Amazonas" é absolutamente horroroso! É vagaroso, dando a impressão de estar parado; é desconfortável e, o que é ainda pior, não oferece nenhuma privacidade!

A maioria de nossos colegas viajantes parece caminhar para uma misteriosa festa do Dia dos Mortos, vestindo-se de maneira lamentável! Trouxeram para bordo todo tipo de pertences, trouxas e embrulhos, inclusive animais domésticos. Chega-se a pensar que, os próprios passageiros, sejam animais domésticos, apesar de que ninguém gostaria de trazer um porco como animal de estimação. De tudo isto, resulta um mau cheiro insuportável no navio!

Nosso passeio nesta gaiola de passarinhos vem sendo incrivelmente desagradável, desconfortável e assustador. Há ocasiões em que tememos por nossa própria vida, como vocês saberão em breve.

Vamos falar agora do cardápio. Seu pai, evidentemente, gostaria mais de beber tranqüilamente um chope numa boa churrascaria de Kansas City, em vez da estranha comida que nos servem. E, o que é pior, oferecem também

bebidas feitas não se sabe de quê. Seu pai experimentou algumas e acabou literalmente nocauteado, fazendo papel de tolo! (Ele pediu para cortar este trecho. Contarei depois a vocês tudo o que aconteceu com ele. Isto se, de fato, algum dia voltarmos para casa!).

Numa das primeiras refeições, quando descíamos o Rio Solimões, serviram um prato chamado de pato ao tucupi, que parecia feito com lagarto cozido, ou coisa parecida. Absolutamentd intragável e nauseante! Charles quis experimentar e pediu aquela vingança de Pizarro, acabando dois dias sentado no trono, o pobre coitado!

Disseram-nos que iríamos nos divertir muito nos portos de escala. Descemos então em Benjamin Constant cheios de força e disposição para comprar algumas lembranças para vocês naquele ancoradouro. Bem, conto a vocês: o que chamam de porto é uma plataforma feita de estacas e pedaços vacilantes de tábuas, que poderiam desabar a qualquer instante. Isto, talvez, por causa das enchentes, das chuvaradas, ou coisa semelhante.

E as porcarias que os vendedores oferecem! Eles próprios, Deus do céu, parecem saídos de um show de Bufalo Bill no Oeste selvagem! Imaginem que também nos ofereceram doces e guloseimas! E gritavam a plenos pulmões, tentando impingir-nos suas bugigangas! Até filhotes de onça, bebidas excêntricas (Não, muito obrigado!), pássaros de bicos grandes e esquisitos, papagaios e até macacos, queriam nos vender!

Imaginem o que diria Millie se levássemos este zoológico ambulante para Kansas City!

A bordo as coisas não são melhores. São simplesmente horríveis!

Deram-nos uma cabina apertada, pouco ventilada e dotada de um único e velho ventilador que faz tanto barulho que nos impede de passar uma boa noite de sono!

Mas tudo isto não se compara com o que a gente vem sofrendo com as picadas das hordas de insetos, pernilongos e mosquitos!

Deixamos para o final a pior parte de nosso relato. O "Amazonas" foi invadido por seis bandidos, armados até os dentes, foragidos de uma prisão de Iquitos, considerada das mais violentas do mundo. Uma espécie de Alcatraz da selva!

Como vocês sabem perfeitamente, seu pai é um homem simples e ingênuo, como a maioria dos criadores de gado. Pois ele acreditou piamente

que os invasores fizessem parte da viagem, uma espécie de cor local, alguma coisa parecida com a Disneyland.

Quando, finalmente, recuperou o bom-senso e se convenceu de que a invasão era real, assustou-se e foi pedir providências imediatas ao comandante, também imobilizado pelas armas que os presidiários lhe apontavam.

Os celerados impuseram aqui um reino de terror absoluto. Todo mundo se encontra aterrorizado, principalmente quando um deles assassinou um índio e foi depois morto pela flecha envenenada, disparada pela viúva.

Dias depois aconteceu novo assassinato, desta vez contra um rico fazendeiro, abatido por um tiro certeiro de um dos assaltantes, que fora seu antigo empregado.

Vocês não podem imaginar como esta estúpida viagem se transformou num autêntico pesadelo! O pior é que não sabemos como tudo isto vai terminar, e nem sabemos como esta carta chegará até vocês. Os convictos não revelam o que pretendem fazer. Uma coisa, no entanto, é certa: eles, definitivamente, não estão fazendo uma viagem de turismo para conhecer a floresta amazônica!

Tememos que coisas piores possam acontecer. Rezem por nós. Rezem para que saiamos vivos deste inferno e cheguemos a Manaus sãos e salvos, para tomar o primeiro avião de volta aos queridos Estados Unidos da América.

O velho e eu enviamos a vocês todo nosso amor, e, se Deus quiser, breve estaremos aí com vocês.

Mamãe e papai".

"P.S.: Mais notícias ruins! Acabamos de ser furtados pelos bandidos! Bateram à porta de nosso camarote e tomaram absolutamente todos nossos pertences, protegidos pelas armas apontadas contra nós! Todas minhas jóias, a carteira de dinheiro de Charles, seu relógio e até aquele lindo colar que ele comprou para mim na Cartier de Paris, foram surripiados! Que escória! Não sabemos a quem recorrer. Quando isto acabar, Charles terá apresentar enérgico protesto ao Embaixador peruano em Washington. Terão de reembolsar-nos até o último centavo por todas nossas perdas! Mas, por favor, nenhuma palavra sobre isto! Pelo amor de Deus, não digam nada sobre isto a ninguém, principalmente aos Patricks! Caso contrário, eles

fariam todo o Kansas, e até mesmo o Missouri, dar gargalhadas que não acabariam nunca!

Mais amor de seus saudosos pais, Flora e Charles".

## A Carta de Caruana

No mesmo dia do assassinato do Coronel Possidônio Gouveia, o comandante Caruana fechou-se em seu camarote e escreveu longa carta a sua mulher Francisca.

À noite, antes de dirigir-se ao refeitório, Caruana procurou o Imediato Aparício, morador, como ele, em Belém do Pará, com a carta fechada em envelope, subscrita para sua mulher. E explicou:

- Aparício, você, além de vizinho, companheiro de uma boa cerveja e marujo, como eu, é um de meus melhores amigos. Nesta condição, venho lhe pedir um favor muito especial: entregar esta carta a Francisquinha se, por acaso, Deus me levar desta para melhor.

- Lá vem você de novo com caraminholas na cabeça! Puxa, Caruana, você não tem mesmo cura!

- Você se lembra que, antes de partirmos de Belém, a Francisquinha me pediu insistentemente para não viajar, dizendo que tivera um sonho, um pesadelo, ou coisa semelhante? Pois olha, Aparício, acho que estava certa: esta viagem é um pesadelo insuportável, e chego a acreditar que não vai acabar bem! Acho que minha próxima escala é o cemitério!

- Por favor, Caruana, não ponha na cabeça tanta besteira! Você vai chegar aos 100 anos, com Francisquinha e os filhos ao lado, forte, feliz, esbanjando saúde!

- Gostaria que fosse assim, Aparício - respondeu Caruana, colocando afetuosamente a mão no ombro do Imediato.- Mas qualquer coisa me diz que vai ser o contrário!

Depois de pequena pausa, estendeu a carta ao amigo e perguntou, com voz embargada:

- Posso contar com você? Entrega a carta à Francisquinha?

- Claro que entrego, Caruana! Mas não vai ser preciso, pois você vai chegar são e salvo a Belém, de volta aos braços de sua mulher! Aí você lê pessoalmente a carta para ela. Até que vai ser divertido!

Este era o texto da carta de Caruana:

"A bordo do "Amazonas", 3 de maio de 1958.

Minha querida e inesquecível Francisquinha:

Acho que você tinha razão quando quis impedir-me de viajar neste velho gaiola.

Você, como todas as mulheres, tem intuições que normalmente se confirmam. É uma espécie de sexto sentido que lhes dá uma sabedoria premonitória de acontecimentos que vocês, com rezas, súplicas, promessas e lágrimas, tentam evitar que aconteçam.

Parece que Deus se comunica mais facilmente com vocês do que conosco. Os homens, infelizmente, costumam dialogar mais freqüentemente com o diabo, sempre mau conselheiro.

As mulheres, dedicadas ao lar, aos filhos, à vida familiar, estão mais habituadas ao trato com os sentimentos do que com a luta pela vida e à competição profissional, atribuições mais afins com os homens. Eu diria, em linguagem figurada, que temos os braços, vocês a força; temos as pernas, vocês o caminho; temos a ação, vocês o impulso.

Você, Francisquinha querida, chegou à minha vida quando eu já chegava à velhice. Foi sua juventude, contudo, que retardou este encontro desagradável que, para muitos, é uma grande desgraça. Desgraça inevitável, infelizmente!

Você trouxe para minha vida a alegria de viver. E me fez acreditar, como Santo Tomás de Aquino, que "as paixões fundamentais da alma são quatro: alegria, dor ou tristeza, esperança e medo".

Através de você conheci estas quatro paixões essenciais, além desta outra, também uma paixão fundamental, o Amor, que Santo Tomás interliga à Alegria, formando ambas - Amor e Alegria - as únicas exceções entre as afeições que podem encontrar-se em Deus.

Tivemos juntos, alegrias, dores, tristezas, esperanças e medo, construindo com eles nossa vida e tornando mais bela a convivência amorosa de que resultaram nossos filhos, nosso lar, nossos anseios, derrotas e triunfos.

Medo grande tive quando você adoeceu, e quanto Fernandinho foi operado. Também tive medo quando, anos atrás, meu navio, repleto de passageiros, encalhou num banco de areia e as águas da enchente quase o fizeram adernar.

Medo agora estou sentindo, Francisquinha, com a presença no "Amazonas" de cinco criminosos, foragidos da Penitenciária de Iquitos, condena-

dos todos à prisão perpétua, e que já mataram dois passageiros, invadiram e saquearam Fonte Boa, desalojaram do navio os viajantes de terceira-classe e despejaram toda a carga.

Esses assaltantes e assassinos responsabilizaram-me por tudo que estão cometendo no decurso desta viagem desastrosa.

Depois que mataram, à queima-roupa, o Coronel Possidônio Gouveia, viajando com a família, há sempre a ameaça de novas violências e de um desfecho imprevisível, à medida que nos aproximamos de Manaus.

Na verdade, querida, não sei o que pode acontecer com esses bandidos a bordo, armados e dispostos a tudo! Para evitar que alguém os denuncie nos portos de escala, descem ao porão com diversos reféns, homens, mulheres e crianças, que ameaçam com suas armas. Você pode imaginar o terror pânico que provocam em cada porto de escala!

A situação está incontrolável, e posso ser a próxima vítima desse bando de degenerados, do qual, inclusive, faz parte um brasileiro.

Em meu camarote estão guardados os presentes prometidos a Raimundinho, Rita e Fernandinho. E, evidentemente, também para você, uma lembrança simples, mas que revela, com singeleza, o quanto ama você este velho marujo.

Com a pensão que lhe deixarei, além das economias e a casa de praia, que você poderá vender, se for necessário, acho que sua manutenção e dos filhos estará assegurada. Faça tudo, por favor, para eles se formarem, o Raimundo como engenheiro-mecânico, a Rita como médica pediatra, como tanto deseja e, finalmente, o Fernandinho, se, com o passar do tempo, confirmar-se a vontade de ingressar na Marinha Mercante, seguindo a carreira do pai. Nesse caso, destine ao caçula todo o acervo que reuni nesta vida sofrida de marujo de água doce.

Estou imaginando como você, com lágrimas nos olhos, está lendo esta carta, aparentemente cruel e absurda. Em vez deste melancólico testamento, em que (a carta) vai se tornando, gostaria muitíssimo mais de lhe expressar palavras otimistas e confiantes.

Perdôe-me, Francisquinha, se só agora reconheço que tinham fundamento as lágrimas que correram de seus olhos, no porto de Belém. Perdôe-me pelas lágrimas de ontem, e pelas lágrimas de agora.

Perdôe-me e me queira bem e, para sempre, guarde a imagem deste amigo, deste marido e companheiro que, nesta vida, ou na outra, nunca se esquecerá de você.

Seu, de todo o coração,

Fernando Caruana".

## Tefé - I -

Com suas águas barrentas, o Solimões refulgia ao sol causticante, balizado pela mata com seu interminável labirinto de braços líquidos, quando, dois quilômetros adiante, surgiu, entre o rio e a floresta, o casario de Tefé.

Situada no centro geográfico do Amazonas, Tefé, como Fonte Boa e outras localidades do Alto Solimões, foi fundada pelo jesuíta Samuel Fritz.

Contrastando com seus atuais habitantes, conhecidos pela jovial hospitalidade, apreciando danças, festas e reuniões sociais, a história de Tefé está repleta de acontecimentos dramáticos.

Fruto da ambição territorial da Espanha na região amazônica, no século XVII, Tefé foi a maior e mais populosa das aldeias fundadas por Samuel Fritz, ele próprio convencido de que toda a região do Alto Solimões pertencia à Coroa espanhola.

Preocupados com outras regiões do continente americano, que lhes ofereciam riquezas mais fáceis e imediatas, os espanhóis confiaram aos padres da Companhia de Jesus a tarefa de cristianizar a população aborígene, concentrada ao longo do Solimões e de seus afluentes, submetendo-a ao domínio da Espanha.

A missão dos jesuítas, descendo pelo Napo e o Marañon, no rumo do Amazonas, encontrou forte resistência de Portugal, que não admitia o domínio de Castela nas terras conquistadas pelos bandeirantes, sertanistas e missionários, desde Pedro Teixeira, incorporadas historicamente ao domínio lusitano.

Os jesuítas, a serviço de Espanha, apelaram ao superior da Companhia, em Quito, que lhes enviou o incansável padre Samuel Fritz. Nascido na Bohêmia, na vila de Orania em 1654, filho de nobres alemães e admitido na Companhia com dezenove anos de idade, Samuel serviu inicialmente no Vice-Reinado do Peru.

Posteriormente, "entrando, em setembro de 1689, em contato com os Omáguas e mais os Jurimaguas, Cuchivaros e outras gentes indígenas - como escreve Arthur César Ferreira Reis - moradoras à margem do Solimões e correntes dáguas que nele desembocam, entre o Napo e a boca do rio Negro, Fritz reuniu-os, aldeou-os em várias missões. Só entre os Omáguas, fundou vinte e oito, informa um cronista autorizado. E entre elas, as que, mais tarde, sob o domínio português, seriam as vilas de Fonte Boa, Coari, Tefé e São Paulo de Olivença".

Impressionado e temeroso da penetração territorial e apostólica dos missionários a serviço de Espanha, o Governador do Grão-Pará enviou, em 1708, "uma tropa sob o comando do Capitão Inácio Correia de Oliveira, para fazer evacuar ditas aldeias", das quais era então responsável o padre João Batista Sana.

Padre Sana, simulando obediência à ordem de retirar-se, seguiu para Quito, "onde obteve uma força armada com que desceu o Marañon e o Solimões, investiu contra as aldeias e cometeu toda sorte de depredações, aprisionando o comandante e muitos soldados da tropa inimiga".

O Governador do Grão-Pará, em represália, enviou no ano seguinte nova expedição, comandada pelo sargento José Antunes da Fronseca, o qual, com arrojo e bravura, deu a vitória às forças portuguesas, aprisionando, inclusive, o Padre Sana.

"Essas lutas trouxeram a devastação das aldeias, cujos remanescentes o piedoso Frei André da Costa reuniu na Ilha dos Veados e trouxe para Tefé, no ano de 1718".

Mas a história acidentada de Tefé não terminou naquele ano, pois em fins do século XVIII (1782 a 1790), a cidade hospedou durante cerca de nove anos Dom Francisco Requena, chefe da comissão espanhola de demarcação de limites, que, sob a alegação persistente de que aquela parte do território amazonense era da Espanha, pretendeu firmar ali o do-

mínio da Coroa espanhola. Essa pretensão, no entanto, foi contestada pelo Coronel Manuel da Gama Lobo d'Almada, Governador da Capitania, que "cercou os espanhóis de tais vigilâncias e proibições que os forçou a abandonar Tefé e todo o curso do Solimões, inclusive ocupando militarmente, em 1790, o lago de Cupacá, onde os hispânicos pretendeiam estabelecer-se".

Ainda desta feita não terminaram os conflitos que, de longa data, marcaram dramaticamente a história de Tefé. Em 1835, com a eclosão, no Pará, da sedição conhecida com o nome de Cabanagem, Tefé teve participação dúbia e incoerente no movimento sedicioso.

"A princípio, ao receber a Câmara de Tefé a proclamação de sua congênere de Manaus - ensina Ferreira Reis -, manifestando-se contra o levante, respondeu hipotecando solidariedade. Entretanto, pouco depois, quando os Cabanos se apossaram de Manaus, Tefé declarou-se solidária com os rebeldes, reconhecendo como Presidente da Província Eduardo Francisco Nogueira de Angelim, Chefe Cabano. Redimiu-se, todavia, Tefé desse erro, graças ao destemor do cabo-de-esquadra José Patrício, comandante da Guarda Nacional daquela circunscrição, que conseguiu mudar a posição da Câmara de Tefé, em reunião extraordinária, na qual José Patrício proferiu vibrante discurso concitando os tefeenses a relegar os Cabanos, o que fizeram, seguidos depois por outras localidades amazonenses".

Localizada na região fisiográfica do Solimões-Tefé, a cidade limita-se com Fonte Boa, Juruá, Carauari, Canutama, Tapauá, Coari e Maraã.

Habitada anteriormente por numerosas tribos indígenas, como os Nuruaques, Cauixanas, Jumanas, Passés, Uainumas, Catuquinas, Jamamadis, Pamanas, Juris e Jurimáguas, Tupebas ou Tapibás, Tefé acolheu durante alguns anos Louis e Elizabeth Cary Agassis, sábios e cientistas nascidos na Suiça e naturalizados norte-americanos, além do naturalista inglês Walter Henry Bates.

De Agassis, no livro "Viagem ao Brasil - 1865-1866", Tefé mereceu palavras elogiosas, como as que Elizabeth anotou no diário de viagem, dia 27 de setembro de 1865:

"De todas as pequenas povoações que vimos na Amazônia, Tefé é aquela cujo aspecto é mais risonho e agradável. Presentemente, a cidade,

ou antes, a aldeia, pois esse nome mais lhe convém, se acha separada do rio por larga faixa de areia; mas durante a estação das chuvas, as águas, como nos informam, cobrem completamente essa praia e invadem mesmo os terrenos situados além, atingindo seu nível quase o limiar das habitações".

## Tefé - II -

Quando o "Amazonas" se aproximou de Tefé, por volta de duas horas da tarde do dia 4 de maio de 1958, passageiros e tripulantes pressentiram que acontecimentos decisivos iriam eclodir naquele porto de escala.

Essa tensa expectativa fundava-se na atitude inusitada dos invasores que, camuflando as armas em sacolas e peças de roupa, com os bolsos cheios do produto do saque a Fonte Boa e o seqüestro de bens dos viajantes, vieram postar-se próximos à prancha de descida.

Além disso, dispensando os reféns e a descida ao porão, demonstravam nítida intenção de deixar o navio.

No passadiço, Aparício e Caruana conversavam, observando a conduta dos presidiários:

- Parece que vão descer, Caruana!

- Também acho! Ou pretendem abandonar o navio, ou preparam novo assalto a Tefé!

- Mas é uma loucura! - exclamou o Imediato, assustado -. Invadir uma cidade como Tefé, com um destacamento grande, bem armado?' Estão doidos varridos!

Em toda a embarcação, dos camarotes à cozinha; da casa de máquinas ao tombadilho e convezes, surgiam, à boca pequena, as mais disparatadas conjeturas sobre as intenções do bando. Reinava, da popa à proa, uma atmosfera inquietante de medo e incredulidade, impregnando todos com uma premonição crispante de acontecimentos imprevisíveis.

No cais, observando o gaiola, que já encostava, a tradicional multidão de moradores, autoridades, viajantes e os indefectíveis vendedores, movimentava-se em tumulto, de um lado para outro.

Pouco adiante, enfeitando as praias do rio, bandos de garças, ciganas, maguaris, guarás, papagaios e periquitos davam à paisagem o inconfundível colorido tropical.

A bordo, parados no portaló, os assaltantes transpiravam, nervosos e impacientes. Aguirre, em voz baixa, fez então as últimas recomendações:

- Só atirem em último caso! Se o avião demorar, voltamos ao navio

para apanhar reféns!

Apontando para a margem do rio, perto do trapiche, Juan Diaz informou:

- O Catalina desce naquela enseada.

- Quanto tempo fica aqui? - quis saber Aguirre.

- Meia-hora, se tanto! Tempo suficiente para descer e pegar passageiros, carga e combustível!

- Se tudo der certo, e tem de dar! - acrescentou Aguirre -, daqui a pouco voamos para o México! E será a liberdade para o resto da vida!

No convés superior. Berenice e Clotilde, Michel Leroy, Odorico Munhoz e outros viajantes presenciavam a atracação, os olhos aflitos voltados para os cinco criminosos, que haviam chegado mais perto da prancha de desembarque, já arriada.

Antes que fiscais e autoridades aduaneiras subissem a bordo, os presidiários começaram a descer.

Foi quando, naquele exato instante, surgindo de casas e ruas que desembocavam no cais, vinte soldados e dez civis de Tefé, com metralhadoras, fuzis e revólveres, correram na direção do navio.

O grupo de brasileiros, sob o comando do Tenente Elias, chegou ao pé da escada e gritou ordem de prisão aos presidiários.

O que sucedeu, em seguida, ficou por longo tempo na lembrança dos amazonenses: Aguirre e seus companheiros, atônitos e furiosos, em vez de se intimidarem, recuaram correndo para o interior do navio, sacaram as armas e, do convés, começaram a atirar em todas as direções, provocando um pânico indescritível.

Dezenas de populares, aglomerados no cais, correram espavoridos em busca de abrigo. Alguns tombaram, varados pelas balas dos assaltantes.

Protegendo-se atrás de árvores, fardos de mercadorias, veículos e toras de madeira, o grupo repressor de Tefé revidou ao ataque e também disparou suas armas. A batalha explodiu, violenta, entre brasileiros e fugitivos.

Deslocando-se como alucinados no interior do barco, os assaltantes voltaram também sua fúria contra passageiros e tripulantes, acusando-os, aos berros, de traição.

Uma rajada matou, no tombadilho, dois marinheiros, enquanto um passageiro, o funcionário peruano, gravemente ferido, arrastava-se gemendo pelo corredor.

Atingido no peito, Carvajal caiu morto num canto, levando Aguirre ao paroxismo da fúria. De pé, gritando palavrões, o líder do bando assestou a metralhadora contra os brasileiros que, do cais, continuavam a atirar, matando três deles.

A fuzilaria reboou na planície e na cidade estupefata.

Buscando posições estratégicas, os sobreviventes do bando subiram correndo a escadaria que conduzia ao convés superior. Foi quando, inopinadamente, surgindo pela popa, Caruana correu na direção de Carvajal, caído de borco, arrebatou-lhe a metralhadora e começou a atirar contra os invasores.

Quando percebeu que a arma empunhada pelo comandante voltara-se contra Miguel Viana, Berenice, do tombadilho, gritou para adverti-lo do perigo. Mas seu gesto foi inútil, pois a rajada disparada por Caruana havia atingido o brasileiro de cheio, que tombou perto da amarada.

Arriscando a própria vida, Berenice correu na direção de Miguel, debruçou-se e amparou-lhe o rosto no colo, deixando que hábito branco se manchasse de sangue.

Miguel, no estertor da morte, voltou os olhos para a noviça e só conseguiu balbuciar:

- Berenice... me perdoa... me perdoa...

Tombou depois a cabeça e morreu. Berenice fechou-lhe amorosamente os olhos e, persignando-se, fez uma última oração.

Juan Diaz, Zimaco e Aguirre, testemunhas da morte de Miguel, avançaram contra Caruana e o fuzilaram entre berros e palavrões. Depois, enlouquecidos de ódio, atiraram em todas as direção, atingindo Odorico Munhoz que, correndo pelo convés, tentava alcançar o comarote de Jussara.

Naquele instante, aproveitando um descuido dos invasores, o contingente de Tefé subiu correndo a prancha e chegou ao convés superior, atirando sem parar.

Zimaco, com a munição exgotada, tombou crivado de balas, enquanto Aguirre e Juan Diaz, os últimos sobreviventes, deslocavam-se de um lado para outro, atirando a esmo.

À frente do destacamento, Tenente Elias avançou contra os bandidos, disparando a metralhadora. Rasgado pelas balas, Juan Diaz cambaleou, esbravejando, antes de morrer:

- Perros malditos! Não me pegam, filhos da puta!

Antes de cair, disparou as duas últimas balas do revólver, ferindo um soldado do destacamento. E tombou, morto, com o ódio estampado no rosto.

Percebendo que a situação estava perdida, Aguirre disparou a metralhadora, avançou pelo convés e, violentamente, com o pé, arrombou a porta do camarote de Jussara. Ao lado da mãe, a mestiça viu quando o peruano, num gesto inesperado, agarrou-a e a arrastou para fora, como refém, protegendo-se dos policiais.

Avistando a passageira, capturada pelo bandido, Tenente Elias deu ordem para não atirarem. Aguirre arrastou Jussara para a amurada do convés, no exato instante em que, surgindo no céu da planície, o avião Catalina baixava sobre o rio, preparando para descer.

O peruano, com um sorriso irônico, observou de relance o avião, refulgindo ao sol. Depois alcançou a balaustrada, pronto para atirar-se ao rio, com Jussara.

O Tenente, com mais cinco ou seis policiais, correram para impedir-lhe a fuga. Mas se imobilizaram, quando Aguirre apontou a metralhadora para a cabeça da mestiça.

Logo depois, com força descomunal, ultrapassou a balaustrada, com Jussara e ia atirar-se ao rio, quando Elias apontou o revólver e o atingiu na perna. Mesmo ferido, Aguirre saltou, puxando a refém, e mergulhou nas águas do Solimões.

Tefé - Final

Com o salto, os dois corpos afundaram nas águas do Solimões, voltando logo depois à tona. Aguirre, então, com fortes braçadas, começou a puxar Jussara para a margem oposta ao cais.

E nadou, com esforço sobre-humano, encharcado de sangue e suor. Até que alcançou um barranco, que transpôs, extenuado.

Do navio, um dos soldados do destacamento, apontando o fuzil, ia atirar, quando o Tenente o impediu:

- Não atire, Chico! Pode ferir a moça!

Em terra firme, arrastando a perna fraturada, Aguirre e Jussara penetraram na floresta.

Arfante, com ódio e desespero, foi rompendo galhos e arbustos que lhe dificultavam os passos. Com vontade demoníaca, continuou a arrastar-se na terra úmida da mata, puxando Jussara pela mão, gemendo, dizendo palavras incompreensíveis.

Mais adiante, numa depressão do terreno, tombou exausto, sem forças para continuar. Recostou-se no tronco de uma árvore e respirou fundo, enquanto a mestiça, ao lado, tinha o olhar imóvel e estranho, como de alguém que perdeu a razão.

Em volta dos dois pairava um silêncio dramático e hostil. Nenhum pássaro cantava, nenhum animal se movia. Só o vento sibilava na copa das árvores.

Jussara voltou-se lentamente na direção do peruano, fitou-o demoradamente, ouvindo-o dizer, ofegante:

- Eles não me pegam!... Não me pegam, muchacha! Vou sumir na floresta, vou desaparecer, ninguém me encontra mais!. E você vem comigo, muchacha!

Quando Jussara avistou no chão um punhal, caído do bolso de Aguirre, ergueu o corpo e, subitamente, apanhou-o e enterrou-o repetidas vezes no corpo do fugitivo, que soltou um grito lancinante.

Imediatamente, sucedendo ao berro espantoso, ecoou na floresta um

alarido ensurdecedor de pássaros e animais, alçando vôo, fugindo espavoridos pela selva.

A mestiça, quase sem forças, ainda esfaqueou duas ou três vezes o peruano, até que, exausta, deixou tombar o braço no chão.

A seu lado, estendido numa poça de sangue, Aguirre expirava, os olhos inflados de ódio.

Jussara, então, levantou-se e começou a caminhar lentamente na mata. Só que, em vez de retornar ao rio e a Tefé, seguiu na direção oposta, embrenhando-se na floresta, ferindo-se em galhos e espinhos.

Começava a anoitecer. Era um crepúsculo plúmbeo, pesado, escurecendo a selva e só deixando coar a luz penumbrosa da lua nas clarabóias da folhagem.

Aquela mulher, com as faces pálidas e encovadas, continuou a caminhar, sem destino, sentindo no coração um grande vazio. A solidão, a vergonha e uma profunda tristeza, como asas noturnas, pesavam-lhe no coração.

A floresta recebeu-a, implacável, como uma mortalha sinistra.

---

Secretário (Petrópolis), 17
de março de 1990.

Geraldo Santos Pereira

Rua 5 de Julho, 63 ap. 703
Copacabana - CEP 22.051
Tel. 257-2804
Petrópolis:
Chácaras da Lagoa - Secretário
Tel. (0242) 28-1162